SET
CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

56330001 - Ed. 47 - Ano V - Nº 5 - Cr$ 650,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

VAL KILMER VIRA JIM MORRISON
THE DOORS
O DIRETOR OLIVER STONE RESSUSCITA O GRUPO QUE MUDOU A FACE DO ROCK

ENTREVISTA EXCLUSIVA
MICHAEL J. FOX
ELE TIRA UM SARRO DE SI MESMO EM *THE HARD WAY*

VÍDEO
- INTOLERÂNCIA
- GÊMEOS
- O SOL POR TESTEMUNHA
- JORNADA NAS ESTRELAS
- UMA CIDADE SEM PASSADO

E MAIS 40 LANÇAMENTOS

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO
A venda na Zona Franca de Manaus

RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

AMAZONAS - MANAUS — CEP: 69003 GETULIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) RUA MUNDURUCUS, 114 FONE (092) 223 2633
DISTRITO FEDERAL — BRASÍLIA — CEP: 70730 VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA SCRN 704/5 BLOCO H LOJA 9 FONE (061) 274 9085
PARA — BELEM — CEP: 66030 VÍDEO CHECK SISTEMAS ELETR. LTDA. TRAVESSA 14 DE ABRIL, 1674 - FONE: (091) 229 2761
PARANÁ — LONDRINA — CEP: 86015 ELETRONICA HIGHTEC S/C LTDA. RUA GOIÁS, 1515, FONE (0432) 231813
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22600 VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. RUA OLEGARIO MACIEL, 460 - LOJA E - BARRA - FONE (021) 399 1171
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22280 VIDEOMATIC COML. ELETR. LTDA. R. GAL. POLIDORO, 177 LJ. D - BOTAFOGO FONE (021) 295 3849
SÃO PAULO — SÃO PAULO — CEP: 04528 ELETRÔNICA PAL'M (TECNOVIDEO) R. DO SUMIDOURO, 305 — PINHEIROS FONE (011) 813 6300

Digital Audio & Video
AIWA®
2-11, Ikenohata 1 - chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

iferença Digital

Laudenir Francisco Marcelino

ogia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Stills

Gibson na cena clássica do "ser ou não ser": redenção da crítica para o mais "nóia" dos tiras

METAMORFOSE

BRUCUTU É SHAKESPEAREANO

Foi duro para a crítica internacional aceitar, mas depois de visto o filme muitos se redimiram. "Gibson é um *Hamlet* forte, inteligente, nem um pouco ridículo", disse o *New York Times*. O intérprete de *Máquina Mortífera* — o mais violento dos policiais, paranóico, vingativo — é também o mais belo dos Hamlet. **Mel Gibson**, 40 anos, por graça de Franco Zeffirelli, 67 anos, tornou-se ator shakespeareano. "Mel tem uma imagem de virilidade inquietante. Um homem, um bárbaro que comanda seu cavalo como um *cowboy* e que articula respostas como um analista", diz o diretor italiano. Para os brasileiros, o filme poderá ser visto em julho, em lançamento nacional.

BELEZA PURA

A MULHER DO AÇOUGUEIRO

Ela era conhecida mais como "esposa" do que como atriz. Agora, depois do sucesso de *Ghost*, **Demi Moore**, 28 anos, aparece como a estrela principal de *The Butcher's Wife*. Não, o açougueiro do título não é seu marido Bruce Willis. O partner é Jeff Daniels. Sua personagem de nome Marina posa com uma longa cabeleira loira e é quase como uma heroína de conto de fadas. O diretor Terry Hughes garante que *Butcher's* será em 1991 o que *Uma Linda Mulher* foi em 1990. Excitadas, as platéias aguardam.

UIP

Ex-mulher de fantasma, Demi Moore tem estrela garantida para 1991

Downey Jr.

Fox

● Robert Downey Jr. será o jovem Charles Chaplin no filme de Sir Richard Attenborough sobre a vida do "vagabundo". Locações em Londres.

● Cybill Shepherd, Jim Belushi, Sean Young e John Candy em *Returning Napoleon*. Rodado em março pelo diretor Eugene Levy.

● *Cinema Paradiso* terá sua versão americana. Giuseppe Tornatore não vai dirigir.

Nicholson

UIP

● Jack Nicholson à procura de partner para *Man Trouble*, desde que Meryl Streep pulou fora por causa da gravidez.

● Lawrence Kasdan vai escrever, co-produzir e dirigir *Grand Canyon*, "uma comédia contemporânea" com Danny Glover, Kevin Kline, Steve Martin e Mary McDonnell. Kline é um advogado casado com uma ativista política.

Fellini e Mastroianni: agora, rabiscos de Manara

QUADRINHOS

FELLINI POR MANARA

O mais novo veículo para o mito **Federico Fellini**, 71 anos, é agora uma história em quadrinhos. Ele e seu alter ego cinematográfico, **Marcello Mastroianni**, 66 anos, são personagens de *Viagem a Tulum*, um romance surreal em quadrinhos baseado em *A Jornada de G. Mastorna*, um filme que o diretor abandonou no meio da produção, em 1966, depois de ter um pesadelo que prenunciava a destruição do set. Vinte anos depois, Fellini voltou à história, inspirada nas viagens alucinógenas do escritor Carlos Castañeda, agora recriada pelo ilustrador Milo Manara numa quadri-novela completa. Fellini, quando viu os personagens ganharem vida, resolveu, excitadíssimo, supervisionar os trabalhos.

COMÉDIA

COM O REI NA BARRIGA

Descobriram o "fator Goodman". Em cada filme que aparece, mesmo em papéis secundários, ele rouba a cena. É sempre um show à parte. Foi assim em *Vítimas de uma Paixão*, *Aracnofobia* e *Além da Eternidade*. **John Goodman** agora é protagonista. *King Ralph* é uma grosseria simpática que institucionaliza a decadência da família real inglesa. Começa com a morte de todos os herdeiros do Reino Unido. Quase todos... O único sobrevivente é Ralph, um americano casca-grossa, comediante e pianista de boate de segunda categoria — o resultado de um flerte de sua avó com um príncipe herdeiro, em visita à América. Peter O'Toole é o mentor que tenta fazer do cacareco Ralph, o mais fino biscoito da família real.

Obeso como todo reizinho deve ser, Goodman é o sarrista sucessor do trono da Inglaterra

● *Jungler Fever* é a próxima coisa (certa ou errada?) que Spike Lee vai dirigir e interpretar. É a história de um arquiteto negro que tem um caso com sua secretária branca.

● *Pure Luck* é a história de um contador, Martin Short, encarregado de descobrir a herdeira de uma fortuna. Danny Glover é o detetive.

● *The People Under the Stairs* é o novo horror de Wes Craven, o diretor de *Pesadelo em Elm Street*.

VÍDEO

TURISMO EM CASA

City Films é a mais nova distribuidora de vídeo no mercado brasileiro. Empresa do Grupo Jean Manzon, este será um selo de homevídeo especializado em documentários turísticos. *As Mil Faces de Tókio*, *Amazônia, a Verdadeira História*, *Portugal Meu Amor* são alguns dos títulos. Jean-Pierre Manzon, filho do cineasta e fotógrafo Jean Manzon — conhecido em todo o Brasil por causa dos "complementos nacionais" que um dia foram obrigatórios nas sessões de cinema — é o diretor da empresa que pretende a venda direta ao consumidor em lojas de discos, livrarias, magazines, bancas de jornais etc. *Carnaval em Veneza*, *Argentina*, *Praias do Nordeste*, *Vinhos da Califórnia* serão os próximos títulos.

Camargo, por baixo; e Patrícia por cima: amantes em *Sanpaku*

"A morte de Jim Morrison, para mim, foi o que a morte de John Kennedy foi para a América."

Oliver Stone

CINEMA NACIONAL

16 MM DE CONVICÇÃO

Sanpaku, em japonês, significa "três brancos". Assim são chamadas as pessoas que têm a pupila voltada para cima, deixando um branco na parte inferior do olho. É este também o título do filme que o cineasta e roteirista José Joffily rodou em fins de 1990 e está em fase de montagem. Um policial com todos os ingredientes de mistério e suspense, no qual Gafanhoto (Roberto Bomtempo), a Pistoleira (Rogéria) e o Velho (Sérgio Britto) contrabandeiam jóias, com a cumplicidade de Cris (**Patrícia Pillar**) e do Poeta (**Felipe Camargo**). Joffily fez *Sanpaku — O Olho da Ambição* com pouquíssimos recursos. Filmou em 16 mm, com a convicção de que a criatividade pode enfrentar qualquer dificuldade.

Helena Salem

ROMANCE

PRODUÇÃO ANDRÓGINA

A idéia é até interessante: dois diretores, um homem e uma mulher, Ken Kwapis e Marisa Silver, rodando o mesmo filme. Ele é o responsável pelo lado "masculino" da história; ela conta a versão "feminina". Interligados os trabalhos, o resultado é *He Said, She Said*, uma comédia na qual **Kevin Bacon**, 32 anos, e **Elizabeth Perkins**, 30 anos, formam o casal Dan Hanson e Lorie Bryer, dois repórteres de TV. O casal diretor Kwapis e Marisa, que são noivos de verdade, pretendeu retomar o espírito da comédia romântica dos anos 50. Em cartaz nos EUA, desde março, o primeiro filme "hermafrodita" desde sua concepção, parece ter impressionado a crítica americana. "Horrível" é a classificação da bíblia do *show-business* americano, o jornal *Variety*.

Paramount

Bacon e Elizabeth: enxertos de *He Said*

"Sou feia, neurótica e me tornei um verdadeiro clichê!"

Michelle Pfeiffer

UIP

Uma

- Os bem casados Gary Oldman e Uma Thurman estão em *Dylan*, nos papéis de Dylan Thomas e a esposa, Caitlin. Um conto doce-amargo sobre a vida do escritor.

- Terminaram as filmagens de *Radio Flyer*, que será outra surpresa de Richard Donner, sobre as fantasias de dois garotos numa nova cidade.

VÍDEO II

NASCEM OUTRAS ESTRELAS

O semanário americano *Entertainment Weekly* descobriu uma nova categoria para as estrelas: "The Video All-Stars", gente que na bilheteria do cinema não é lá grande coisa, mas na videolocadora tornam-se verdadeiros *hits!* São eles: Tom Selleck, James Belushi, Gene Hackman, Patrick Dempsey, Brian Dennehy, Bette Midler, Mickey Rourke, Jean-Claude Van Damme e Whooppi Goldberg, que antes de *Ghost* e do Oscar era um sucesso restrito. *A Revanche Final (An Inocent Man)*, com Tom Selleck, vendeu nos cinemas americanos 4,5 milhões de *tickets;* nas locadoras, 14,5 milhões de pessoas alugaram a fita. *9 1/2 Semanas de Amor*, com Mickey Rourke — que é considerado boa bilheteria apenas *fora* dos Estados Unidos — vendeu 1,5 milhão de entradas nos cinemas; o vídeo, por sua vez, foi alugado 12,5 milhões de vezes. Van Damme aplica seu maior golpe: *O Grande Dragão Branco* vendeu quase três milhões de bilhetes contra 19,5 milhões de fitas alugadas.

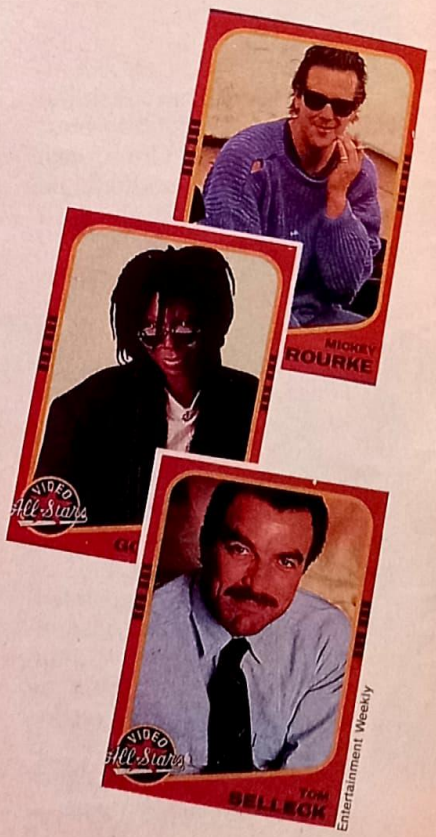
Sygma

CINEMA FRANCÊS

QUEM É AFINAL MADAME BOVARY?

"Eu sou Madame Bovary". Era a resposta pronta do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880) por causa de sua intensa ligação com a personagem. Ele foi acusado de "imoral" por ter criado a história de Emma Bovary, uma provinciana senhora da alta classe da Normandia (França) do século XIX, que resolve trair seu marido e a educação de convento que recebeu. Claude Chabrol, 61 anos, uma das mais sólidas heranças vivas da Nouvelle Vague, trabalhou tão exaustivamente "sob o olhar de Flaubert", que afirma também ter incorporado a Madame. Ele colocou a irreprochável **Isabelle Hupert**, 36 anos, como a protagonista de *Madame Bovary*. Quem viu a atriz no último filme de Chabrol, *Um Assunto de Mulheres*, sabe do que ela é capaz. A resistência do cinema francês no Brasil, encabeçada pelos paulistanos freqüentadores do circuito Belas-Artes, não perde por esperar.

A última das madames: Isabelle Hupert vestida como a *Bovary* de Flaubert



Entertainment Weekly

VOCÊ GRAVOU AQUELE DIA PARA SEMPRE. E OS NOMES?

NV-M400PX

MEMÓRIA DE TÍTULOS DIGITAL.

A mais famosa família de câmeras de vídeo VHS do mundo – a Panasonic –, acaba de lançar uma incrível novidade.

Na gravação de seus vídeos você pode incluir nomes, legendas e até desenhos.

Uma vez gravados, eles são armazenados numa memória e depois sobrepostos na cena que você quiser.

Exatamente como uma gravação profissional.

GRAVAÇÃO DE QUALIDADE DE MANEIRA SIMPLES.

O sistema high-speed (1/500, 1/1000) e o exclusivo Piezo Auto Focus lhe asseguram sempre gravações nítidas.

A M-400 também possui um resistente chassi de alumínio, novo balanço de branco automático e perfeito contraste com o AGC - alto brilho.

Panasonic M-400. Guarde para sempre seus momentos em família.

NV-M810PX NV-M33PX

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

VÍDEO III

COM CARA DE NOVA

A Abril Vídeo lançou o filme *Dick Tracy* em fevereiro e no mês seguinte propôs às videolocadoras a promoção de venda das fitas "seminovas" com o oscarizado longa. A idéia é a seguinte: a distribuidora fornece o material promocional (capinhas novas, adesivos, expositor) e o locador vende as cópias (que comprou ao preço de Cr$ 12 mil cada e alugou inúmeras vezes) pelo preço que desejar. A promoção pode ser uma boa chance para pechinchar, mas olho vivo na hora da compra para não pegar gato no lugar de lebre.

• Rosanna Arquette e Jeff Goldblum escalados para *Fathers and Sons*, a ser dirigido por Paul Mones. Locações em New Jersey.

• Novidades em Bedrock: Richard Donner pode ser o diretor de *Flintstones*, o filme. John Goodman provavelmente será o Fred.

• Michael Douglas e Melanie Griffith estarão em *Shining Through*. Um thriller de espionagem (com romance) dirigido por David Seltzer.

BICO

ANTES DA FAMA

Estrela que é estrela de verdade já pegou no batente alguma vez na vida. Muitos improvisaram expedientes dos mais bizarros, outros tentaram carreiras em instituições variadas. Veja abaixo o que cada estrela já se sujeitou a fazer para atingir o sucesso.

Warren Beatty	pianista de bar
Donald Sutherland	disc-jockey
Lauren Bacall	lanterninha de cinema
Kim Novak	ascensorista
Jack Nicholson	empregado da divisão de cartum da MGM
Bruce Willis	guarda-noturno
Robert Redford	empregado de supermercado
Marlon Brando	voluntário no Exército
David Niven	militar de carreira
Paul Newman	operador de rádio da Marinha
Ronald Reagan	locutor esportivo
Jack Palance	pugilista
Burt Reynolds	jogador de futebol americano
Marilyn Monroe	strip-teaser
Jeremy Irons	assistente social

O TERCEIRO REICH, NA LUA

por Luiz Nazário

Para *A Mulher na Lua* (*Frau im Mond*, 1928), Fritz Lang recorre ao engenheiro Hermann Oberth para a construção de seus foguetes, em projetos que servirão mais tarde de modelo para a construção das bombas V_1, e reivindica a invenção da contagem regressiva para lançamentos, idéia que lhe ocorreu quando quis tornar mais dramática a seqüência da partida do foguete, envolvendo o espectador no seu suspense.

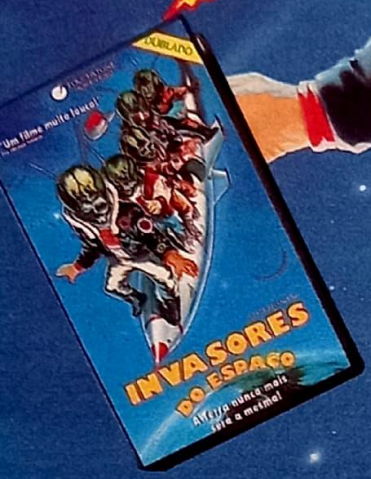
Poucos filmes de Fritz Lang serão tão ideologicamente suspeitos quanto *A Mulher na Lua* e tão mal analisados pela crítica sob esse aspecto. Aí, o professor Mansfeldt, tocado pela loucura, acredita na existência de ouro na Lua. Vive miseravelmente em seu cubículo, sujo, desdentado, barbudo e sovina, cobiçando a refeição de seu aluno. Lang introduz um estereótipo de "sábio judeu" saído diretamente do *Mein Kampf* de Hitler.

Em contraste com esse estereótipo, está o jovem discípulo Wolf Helius, cujo nome (Wolf/lobo; Helius/sol) indica sua natureza de predador loiro e vigoroso. Ele se engaja na aventura lunar pela decisão guerreira de viver perigosamente, pois a mulher que ama, Frieda Velten, comprometeu-se com um amigo moreno, semicalvo, de caráter corrompido pela covardia e pelo apego "desprezível" à vida. Todos eles, mais o misterioso Walt Turner, representante do capitalismo internacional, e o menino Gustav, que, sonhando em matar monstros na Lua, lembra um jovem egresso das fileiras da juventude hitlerista, embarcam na longa viagem à Lua, que definirá o caráter de cada um. O professor morre despencando num abismo, agarrado a algo que se assemelha a um "bezerro de ouro". Turner avaria o foguete antes de morrer, de modo que apenas dois adultos podem voltar à Terra. Helius resigna-se a ficar. O menino assume a responsabilidade de piloto. O foguete parte. Mas Helius não está sozinho: Frieda preferiu não partir. Os dois heróis arianos colonizarão a Lua.

Colonizadores na lua: expansão do império alemão

ELES CHEGARAM PARA CONQUISTAR A TERRA!

DUBLADO



Um sucesso que rendeu 15 milhões de dólares nas bilheterias americanas!

Prepare-se para esta espetacular aventura intergalática, cheia de ação e efeitos especiais.

Quando cinco Marcianos perdidos aterrissam por engano no planeta Terra, tem início uma sequência de cenas hilariantes e muita confusão.

Na sua missão para conquistar o mundo, os cômicos integrantes da tripulação se preparam para atacar uma pacata cidadezinha.

Os resultados desta investida são inacreditáveis. Você não vai conseguir parar de rir com as loucuras deste grupo.

Invasores do Espaço é o divertimento ideal para toda a família, não importa qual seja a sua idade ou de que planeta você venha!

INVASORES DO ESPAÇO

Já na sua locadora

© Buena Vista Pictures Distribution, Inc.

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril video

E DÁ-LHE BIZZ!

ESTE MÊS VOCÊ PEDE BIZZ...

...E LEVA TAMBÉM O GUIA ROCK IN CD

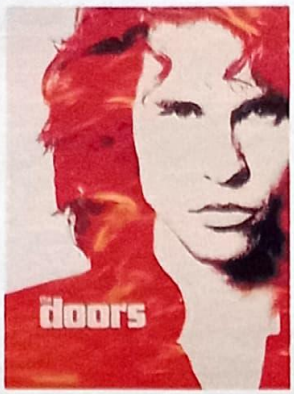
Na revista Bizz de maio, você vai ler uma entrevista exclusiva com o grupo Soup Dragons, que está escalando as paradas em todo o mundo com sua música *dance + guitar*. E mais: três bandas do *hard* nacional, além do relato completo sobre o Rap multimilionário, com a disputa entre o MC Hammer e o Vanilla Ice. Isso e muito mais a sua Bizz dá a você: é o universo do rock a seu alcance.

Pensando em sua coleção de compact discs, a Bizz de maio dá um presentão a você: o guia Rock in CD, com mais de 250 artistas pra você escolher o que quer ouvir com a melhor qualidade de som. O guia contém o que existe de mais interessante em *rock 'n' roll, dance music, reggae, heavy metal e hard rock, blues, progressivo e eletrônico, pop*. Tudo pra você se orientar na era do laser.

EDITORA AZUL

REVISTA BIZZ

NAS BANCAS



+

=

Na capa: Val Kilmer em *The Doors*, Jim Morrison, e Michael J. Fox em *The Hard Way*

Agora o Brasil já assistiu a todos os filmes que ganharam e perderam o Oscar 91. Pode avaliar por conta os reincidentes critérios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Parece antigo voltar a isso mas não há como ver o cinema do mundo — cujo diapasão é o americano — sem ver a gala cafona das premiações da Academia. Senão por nada, pela curiosa lógica que a move: a lógica auto-recorrente da culpa e da má-consciência.

Acontece que os humores (como o complexo de culpa) dos cinco mil integrantes da Academia variam ao sabor das modas. Ora pendem ao pacifismo (*O Franco Atirador* em 1978), ora se apaixonam pelo patriotismo (*Patton* em 1970), às vezes gostam de povo pobre (*Ghandi* em 1982), depois vertem lágrimas por anciãs bem-educadas (*Conduzindo Miss Daisy* em 1990). A estatueta rija, que parece viril como John Wayne, na verdade é volúvel como Liz Taylor.

Se a sorte, neste ano que já se aproxima da metade, derramou-se nos ombros de Kevin Costner, melhor pra ele e, de alguma forma, para o público. *Dança com Lobos* é um espetáculo e é algo mais: tem o visual e a estatura de uma superprodução e custou um precinho módico (17,5 milhões de dólares) se comparado a tantos outros que ultrapassaram a casa dos 50 milhões.

Mais que a ecologia, o pacifismo, a reabilitação dos injustiçados índios da América do Norte, a Academia premiou a economia. Estava em consonância com os investidores japoneses que cobram produções mais baratas e maior quantidade de filmes para virarem fitas de vídeo. Quanto mais filmes com menos dinheiro, mais gente comprando fitas e videocassetes japoneses pelo mundo afora. Não é sem razão que empresas nipônicas estão arrematando estúdios em Hollywood.

Fica a expectativa acerca do que norteará as premiações no ano que vem. Será o cinema *revival* de Oliver Stone, que agora chega ao Brasil com *The Doors* e depois vai filmar o assassinato de Kennedy? Será o cinema primoroso de Scorsese, que não levou grande coisa em 91? Ou serão as folias peraltas do Peter Pan crescido Michael J. Fox? Tudo vai depender, de qualquer jeito, de qual será o altar da expiação da inesgotável culpa americana. Sem ela, o cinema não seria assim pungente.

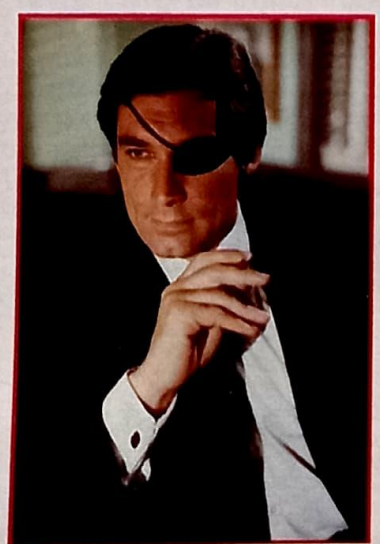
4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 VIDEOLANÇAMENTOS
Intolerância
16 OUTROS LANÇAMENTOS
28 MATÉRIA DE CAPA
The Doors
36 ENTREVISTA
Michael J. Fox
38 OSCAR-91
40 FESTIVAL DE BERLIM
44 HISTÓRIA
Uma Cilada para Hollywood
50 EM CARTAZ
Luis Buñuel
52 OUTROS FILMES EM CARTAZ
56 MITO
Mazzaropi
58 EQUIPAMENTOS
59 FILMOGRAFIAS
60 CARTAS
63 FILMOTECA
66 NOSTALGIA

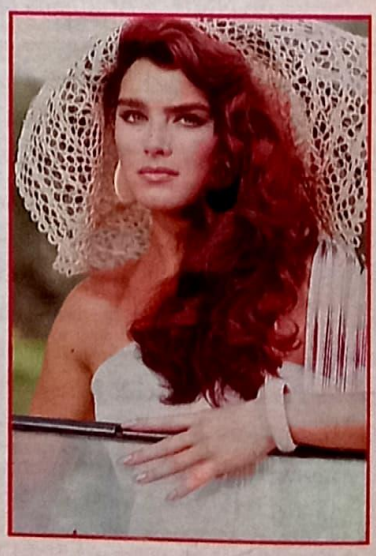
Fotos de capa: Columbia (Kilmer), CIC (Morrison) e UIP (M.J. Fox)

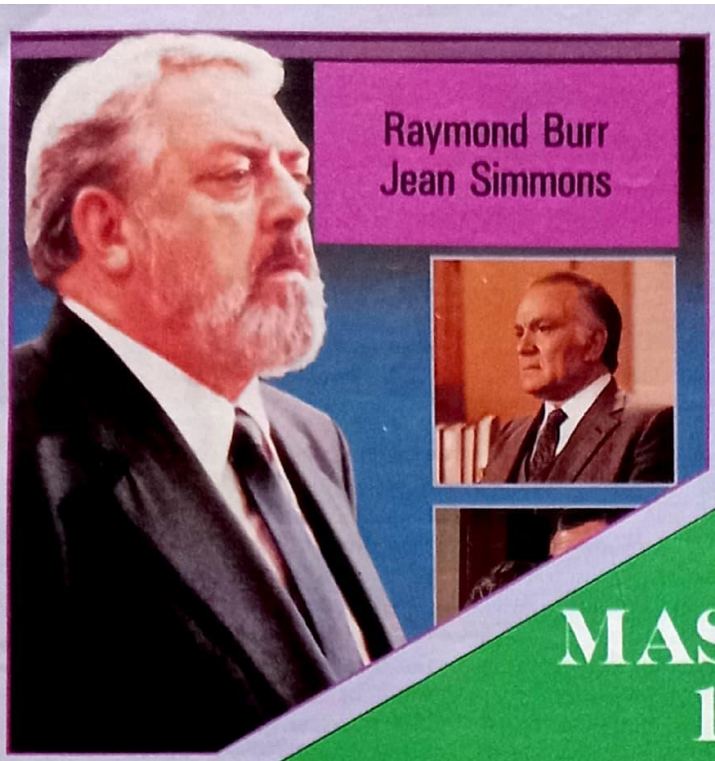
EM CADA LANÇAMENTO
UMA EMOÇÃO DIFERENTE NA SUA TELA

BROOKE SHIELDS TIMOTHY DALTON

CARA A CARA COM O PERIGO, UMA AVENTURA REAL SE TRANSFORMA NUM CASO INTERNACIONAL.







Raymond Burr
Jean Simmons

O Caso do Último Amor

EXTORÇÃO E GANÂNCIA
FAZEM PARTE
DESTE
FILME

MASTERS 1986

UM DOCUMENTÁRIO REVELANDO
AS VERDADEIRAS HISTÓRIAS DO GOLF
NO TORNEIO DE MASTERS DE 1986

É A PARIS VÍDEO PENSANDO CADA VEZ MAIS EM VOCÊ. PEÇA EM SUA LOCADORÁ.

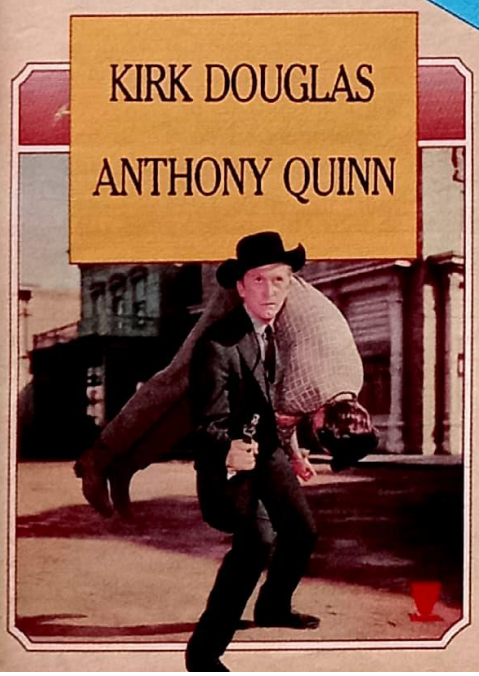
PARIS
VIDEO FILMES

Jake & McCabe

PARA DESVENDAR A MORTE
DE UM AMIGO
ESTA DUPLA
DE DETETIVES
É CAPAZ
DE TUDO

WILLIAM CONRAD
JOE PENNY

KIRK DOUGLAS
ANTHONY QUINN



DUELO DE TITÃS

**UM CLÁSSICO WESTERN
DO OESTE AMERICANO**

DO MAIS VIL SENTI

Com *Intolerância*, D. W. Griffith dissertou, no início do século, sobre a inveja, a traição, a cobiça e a hipocrisia. E inventou o cinema do século XX

Após o sucesso retumbante de *O Nascimento de uma Nação* (1915), David W. Griffith investiu num projeto igualmente pomposo, construindo um mosaico espetacular: quatro histórias simultâneas passadas em quatro épocas distintas. Tudo sob o *leitmotiv* da "intolerância", impulsionadora do ódio e inimiga do amor e da caridade, segundo o cineasta norte-americano. A cópia dessa obra, agora lançada em vídeo, foi produzida pela Thames (umas das mais poderosas redes de televisão britânicas) e editada com base numa rigorosa seleção em cima das várias cópias existentes da obra.

O *Intolerância* da Thames (de 2 horas e meia) é menor que a outra cópia restaurada (e recentemente exibida no Brasil) e foi "revigorado" com uma trilha especialmente composta por Carl Davis, sofrendo também uma espécie de coloração (em sépia e azul) pelo processo "tinted". Segundo a distribuidora, esse foi o melhor método para "salvar" a obra, produzindo imagens de qualidade assistível em vídeo. As legendas originais em inglês que intercalam a seqüencia das imagens foram mantidas e narradas em português. O resultado é contraditório: se essas inovações realmente facilitam a assimilação da obra, por outro lado também introduzem sérias alterações na concepção original de Griffith. A palavra falada, sobretudo, soa como um "corpo" bastante estranho. No entanto, se a solução tivesse sido a tradução escrita, outro empecilho seria criado, dada a quantidade de texto a ser rapidamente digerido na tela da televisão.

De qualquer forma, o que o consumidor acaba tendo em vídeo é (como tantas outras) apenas mais uma versão resumida da obra, que não traz a importante partitura original de Joseph Carl Breil (restaurada por Gilliam Anderson, da Divisão de Música da Biblioteca do Congresso dos EUA, que acompanha a cópia recuperada do Museu de Arte Moderna de Nova York). Aliás, o próprio Griffith, pressionado pelos produtores, foi o primeiro a "remendar" sem sucesso o seu filme, até entregá-lo ao Museu em 1938, que (ignorando as alterações do cineasta) produziu a versão de 3 horas e meia (apenas 10% a menos que o original de 1916).

FRACASSO E PREGAÇÃO — O fracasso de bilheteria de *Intolerância* empurrou Griffith para dívidas irrecuperáveis. Se *O Nascimento* custou 110 mil dólares (quantia salgada para aqueles tempos), *Intolerância* não saiu por menos que a "bagatela" de 2 milhões! Em ambos, destaca-se o brilho da grande star da história do cinema, Lillian Gish, que atuou com o mestre em mais de quarenta obras, rompendo com ele em 1921.

Em termos estéticos, *Intolerância* era um aprofundamento do que ele já havia feito no filme anterior: várias situações paralelas desembocam num final climático, apoteótico e sintético, um "desfecho" globalizante que "amarra" a "mensagem" de toda a trama. (Fórmula por excelência, diga-se de passagem, de todo o cinema convencional.) Griffith (considerado o pioneiro "do cinema", quando na verdade ele foi o pioneiro de um tipo muito específico de cinema: o cinema narrativo clássico, organizado industrialmente) sempre foi dado à pregação e ao espetáculo, e em *O Nascimento* já havia exposto todo seu *background* protestante, branco e sulista.

O filme que adotava a Ku Klux Klan como heroína justa e simpática (inaugurando toda uma tendência de inversão histórica e mascaramento do real) despertou muita oposição, sobretudo de grupos anti-racistas. Como uma resposta "didática" ao debate, Griffith caprichou em *Intolerância*. Pegou um longa quase pronto — *The Mother and the Law* — e o intercalou com mais três histórias, numa viagem sobre quatro épocas contra a inveja, a traição, a cobiça e a hipocrisia (inimigas dos "bons sentimentos"), num pique monumental ao qual ele nunca mais retornaria em seus futuros dramas intimistas. As quatro épocas que se amalgamam (a queda da Babilônia, a Paixão de Cristo, A Noite de São Bartolomeu — o massacre dos protestantes (huguenotes) em 1572 na França, e a violência dos EUA contemporâneos) compõem um entrelaçamento comparativo em que (numa montagem genial para sua época) a mensagem é deduzida com auxílio dos letreiros diretos e pontuada pelo insistente simbolismo do bercinho divino que "balança sem parar".

Pulando das guerras religiosas francesas à destruição da Babilônia por Ciro, o persa, e ao gangsterismo, à pseudocaridade de "socialites solteironas" (sic) e ao desemprego deste século, Griffith às vezes se embaralha nesses saltos ousados. Certas seqüências complexas (que exigiriam um desenvolvimento maior) ficam truncadas, ao passo que outras (como as da Babilônia) ficam até redundantes.

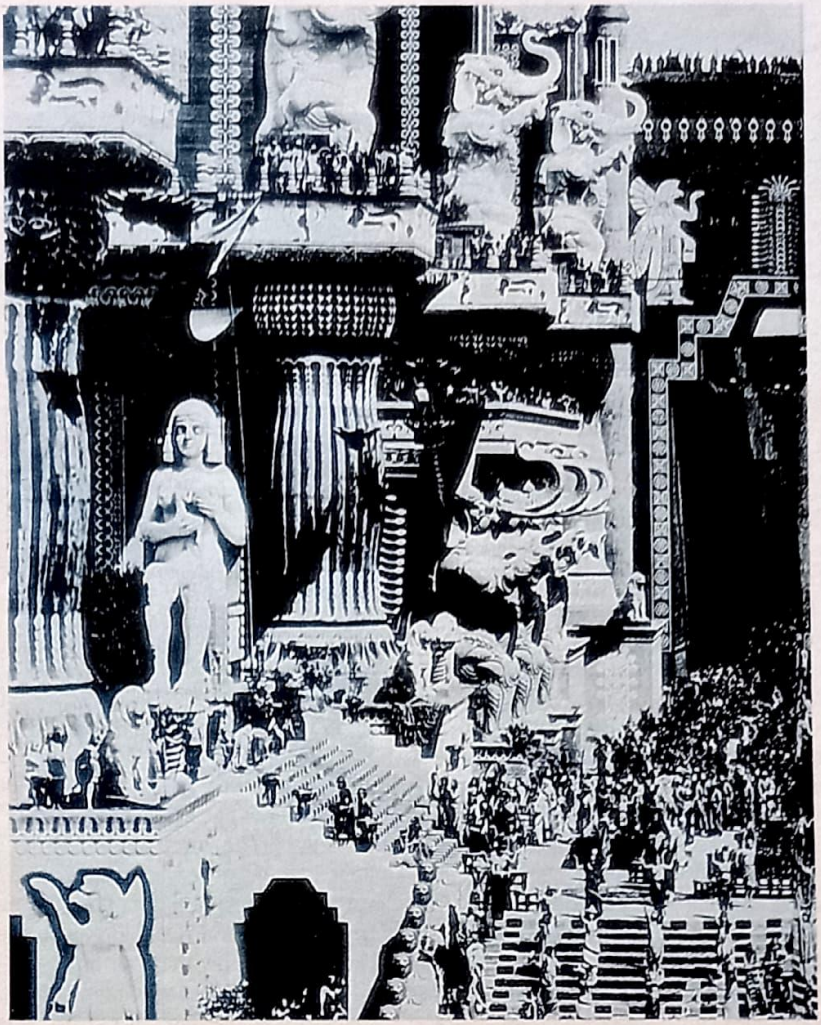
A Babilônia griffithiana é um afresco hiperbólico e kitsch com exagero de extras e batalhas monumentais, denunciando um fascínio "pagão" e pecaminoso num cineasta proverbialmente puritano. O episódio contemporâneo é

MENTO

um melodrama sobre contrastes morais e sentimentais, num mundo de "industriais autocratas" e modernos "fariseus". Para o cineasta, se existe contradição social é entre a bondade da gente simples e a ganância e hipocrisia dos ricos, que desencadeia a intolerância. Aqui, há uma das seqüências mais perfeitas de toda a história do cinema: o julgamento do herói, com sua exata gramática de olhares e minuciosa orquestração de detalhes.

Antonio Querino Neto

Intolerance, EUA, 1916 ■ DIREÇÃO: D. W. Griffith ■ Com Mae Marsh, Lillian Gish, Constance Talmadge, Robert Harron, Elmo Lincoln, Eugene Pallette ■ ROTEIRO: D. W. Griffith ■ FOTOGRAFIA: Billy Bitzer ■ MÚSICA: Carl Davis ■ DURAÇÃO: 155 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: VTI



Griffith criou cenários monumentais para descrever sua visão da queda da Babilônia. Exagerando no número de extras, denunciou o fascínio pagão e pecaminoso do homem de todos os tempos

PAI DE TODOS

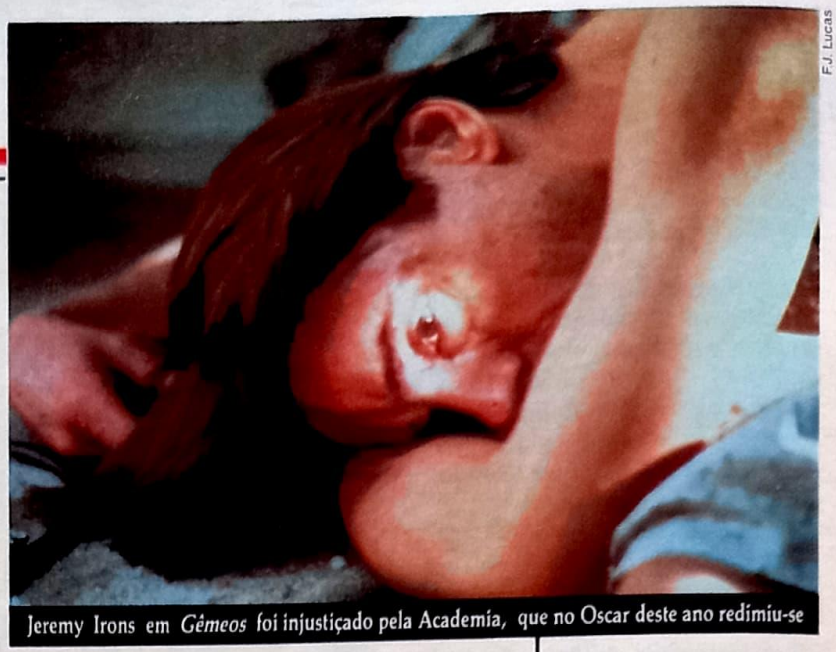
O personagem que aparece dando ordens com altivez olímpica no filme Bom Dia Babilônia *(1987), dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani, foi um homem pragmático e conservador, contrastando com os extraordinários avanços que sua arte desencadeou. Ciente de estar lançando as bases de uma arte carente de se institucionalizar, fez um cinema "regenerador", para consumo e "educação" popular, muito distante dos referenciais intelectuais que o cinema de Eisenstein e o das vanguardas européias possuíam. David Wark Griffith (1875/1948) foi o codificador, o pai do "cinemão". Se não inventou o campo/contracampo, o plano americano, o close-up, a montagem paralela e tantos outros elementos da linguagem fílmica (hoje vulgares), enriqueceu-os, dando um sentido novo ao emergente cinema de massa. Ele articulou o papel daquilo que conhecemos pelo nome de "diretor" — o manda-chuva que coordena o filme e põe nele sua marca artística. Ele armou essa arte com aquele narrador que ninguém vê (a "mão invisível"), mas expõe todo o tempo sua ideologia. Narrador que constrói a "transparência" e apaga seus traços, e o que vemos na tela parece "a vida como ela é", como se a trama se narrasse por si só. Agilizou a arte da montagem, tornando-a adequada ao compasso da sociedade industrial, ao mundo do "time is money". Ele foi o Colombo do cinema "que conta histórias". Em termos formais, amarrou nosso olhar nas rígidas regras de uma arte-indústria que aspira recriar a realidade, num discurso "fluente","coerente", dando uma visão "lógica" do mundo. Em termos temáticos, criou uma arte que se julga no direito de dar "lições de moral". Como se vê, o cinema mudou muito pouco. E se hoje os filmes de Griffith parecem banais, é que 99% dos atuais que assistimos ainda derivam de sua criativa matriz.* A.Q.N.

Gamma-Sigla

Charles Dance, ao lado, encarnou a altivez de Griffith, em *Bom Dia Babilônia* (1987). Abaixo, as feições verdadeiras de Griffith

VIDEOLANÇAMENTOS

SUSPENSE



Jeremy Irons em *Gêmeos* foi injustiçado pela Academia, que no Oscar deste ano redimiu-se

GÊMEOS — MÓRBIDA SEMELHANÇA ★★★★

(Dead Ringers, Canadá/EUA, 1988) Direção: David Cronenberg. Com Jeremy Irons, Geneviève Bujold, Stephen Lack. F.J. Lucas

O reconhecimento tardio do gênio de Cronenberg provocou uma espécie de frenesi, na crítica e no público, acerca deste filme — *Gêmeos*, aliás, foi eleito o melhor do ano passado pelos críticos da SET! Uma armadilha decerto prevista pelo mestre. Ele, se fez seu filme mais "degustável" na aparência — pela primeira vez ausente de vísceras, membros disformes ou mutações genéticas ostensivas —, também não abriu mão da forte sugestão de nenhuma de suas obsessões.

A história verídica dos irmãos Marcus, os gêmeos encontrados mortos em Nova York em circunstâncias misteriosas, foi o estopin. Como sempre, em Cronenberg, só o estopim para a imaginação correr solta. Aqui, os ginecologistas Elliot e Beverly Mantle (ambos interpretados por Jeremy Irons — Oscar de melhor ator de 1990) vivem personalidades complementares, quase que como uma única pessoa cindida. É uma mulher, é claro, que vai colocar em perigo sua sobrevivência psíquica. Ela é Claire Niveau (Geneviève Bujold), uma atriz promíscua com um fascinante útero trifurcado (!), que os irmãos médicos não se cansam de apalpar, em exames de toque... O inesperado é que Claire se afeiçoa por Beverly, o irmão mais tímido, exatamente o que costumava se aproveitar das sobras das conquistas amorosas do outro. Toda a cuidadosa divisão de trabalho — Bev fornecendo a pesquisa; o trabalho interno, para o sucesso social de Elly, o relações públicas da dupla — vai por água abaixo.

No auge do descontrole de Beverly, que passa a depender de drogas, o horror cronenberguiano vai se manifestar em uma horrível coleção de instrumentos cirúrgicos criados pelo médico louco. De um *design* orgânico de fazer inveja a Gaudi, eles são executados por um artista plástico interpretado por Stephen Lack. Um *link* conveniente com *Scanners*, onde Lack interpretava um dos irmãos paranormais que antecipavam a temática de *Gêmeos*. Só que desta vez Cronenberg utiliza seu melhor e mais surpreendente efeito especial — e o mais invisível deles. É o truque que permite a Irons contracenar consigo mesmo, em uma magistral composição dupla. Nunca Cronenberg esteve tão discreto. Mas não se engane, ele é sempre Cronenberg. *Alex Antunes*

TERROR NA FLORESTA ★

(Dancing in the Forest; EUA, 1988) Direção: Marc Hoper. Com Darren Dalton, Ian Roberts, Brumilda Van Rensburg. Look.

A velha história do escritor que vai buscar inspiração no campo e acaba vivendo situações fantásticas. Sy Winter, interpretado por Darren Dalton, começa a trabalhar para uma família de fazendeiros estranhos e se envolve com a mulher do patrão. O ciúme do marido traído e a imaginação do escritor tecem uma teia diabólica na qual não é mais possível distinguir entre realidade e alucinação. A história é cansativa, mal construída e inexplicável. *S.L.*

NÔMADES ★★★

(Nomads, EUA, 1986) Direção: John McTiernan. Com Lesley-Anne Down, Pierce Brosnan, Adam Ant, Mary Woronov. Abril Vídeo.

Pommieur (Brosnan) é um antropólogo francês que, ao fotografar um grupo de punks arruaceiros, descobre que eles são fantasmas, pois não aparecem nas fotos reveladas. Durante o contato com o grupo, Pommieur sofre um acidente e morre em um hospital nos braços da Dra. Flax (Lesley). Misteriosamente, Flax recebe o espírito do francês e passa a ter visões fragmentadas do que poderia ter acontecido com ele. Como autômato, a doutora abandona tudo para seguir os lugares percorridos pelo antropólogo. O xis da questão é saber quem são os fantasmas e o que teria acontecido ao francês. O suspense obedece a duas narrativas: a do antropólogo e a de Flax, que se entrecruzam para compor um enigma fascinante. Os fantasmas têm um senso esportivo semelhante ao do alienígena em *Predador*, outro notável filme de John McTiernan. *W.S.*

JOGO FATAL ★★

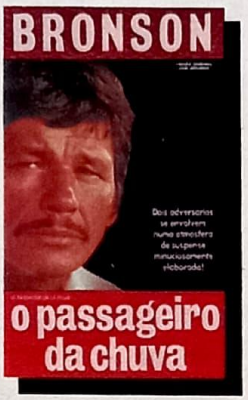
(Fair Game, EUA, 1988) Direção: Mario Orfini. Com Trudie Styler, Greeg Henry. Jovem Pan Home Video.

Um marido abandonado resolve matar a ex-mulher porque não suporta a idéia de perdê-la. O meio escolhido é exótico e cruel: ele a tranca, em sua própria casa, com uma cobra venenosa. Para completar o sadismo, Gene (Styler) acompanha a agonia de Eva através de um monitor de vídeo. *Jogo Fatal* é um filme de suspense com visual de clip. O roteiro do diretor Mario Orfini, em parceria com Lidia Ravera, é relativamente bem resolvido, apesar de inverossímil. Para aliviar o clima de terror criado pelo enredo, o diretor recorre a uma fotografia *clean* e a uma trilha sonora descontraída. *S.L.*

POLICIAL

FAZENDO JUSTIÇA ★★
(Street Justice, EUA, 1987) Direção: Richard C. Sarafian. Com Michael Ontkean, Joanna Kerns, Catherine Bach, Richard Cox. Warner.
Fitinha chinfrim que transpõe um tema do western para o mundo urbano: o justiceiro solitário volta à cidade natal, quebra a cara da vilania e, abdicando do seu amor, parte para novas aventuras. O ex-agente da CIA Curt Flynn (Michael Ontkean, o xerife da telessérie *Twin Peaks*, de David Linch), considerado morto em ação há onze anos, mas na realidade preso por sua própria patota, foge e quer retomar sua vida, esposa e filha. Só que seu amor se casou de novo e é líder de um movimento popular contra o prefeito corrupto. Na surdina, Flynn tem que enfrentar a violenta polícia, derrubar o político e ainda escapar da CIA. Fita dirigida por Richard C. Sarafian, que em tempos mais felizes fez episódios da série *Batman* e o cult *Corrida Contra o Destino* (1970). *C.A.C.*

UMA TACADA NO ESCURO ★
(Blind Chess, EUA, 1989) Direção: Jerry Jameson. Com Burt Reynolds, Ossie Davis, Scott Plank. CIC.
Burt Reynolds e Tom Selleck são co-produtores deste policial rodado na Flórida. Reynolds é o detetive B.L. Stryker, chamado a cuidar do caso de um presidiário que se diz inocente. Acreditando em sua causa, Stryker se envolve em uma trama que pode enquadrá-lo como cúmplice de um crime. Reynolds, fora de forma, não está nada convincente neste policial de pouca ação e abaixo da média. *P.M*



O PASSAGEIRO DA CHUVA ★★
(Le Passager de la Pluie, França, 1970) Direção: René Clément. Com Charles Bronson, Marlene Jobert, Annie Cordy. Sagres.
Charles Bronson intimista, quem diria! Neste policial com falso suspense, em que a trilha e os movimentos de câmera *à la* Hitchcock criam situações de tensão, o fraco roteiro não segura o clima durante todo o filme. No início da trama, uma dona de casa tradicional se vê perseguida por um estranho homem, que a violenta. Ela acaba assassinando o sujeito em legítima defesa e oculta o cadáver em lugar seguro. Mas um curioso detetive, que conhece todos os seus passos e sabe do crime, a importuna com palavras doces e um comportamento amigável, apesar de ser seu carrasco. O confuso roteiro desperdiça um bom exercício de direção e a boa atuação de Bronson, num papel bem diferente dos seus últimos matadores da década de 80. *F.G*

ASSASSINATO NO PARAÍSO ★★
(Mord I Paradis, Dinamarca, 1988) Direção: Sune Lund-Sorensen. Com Michael Falch e Susanne Breuning. VTI.
Um jornalista (Falch) de Copenhague viaja à pequena cidade de Rodby para tentar desvendar assassinatos ligados ao tráfico de drogas. No avião, conhece a advogada Gitte Bristol (Susanne), indicada pelo governo para defender o acusado pelas mortes. Apesar das referências feitas na sinopse da capa, este filme não tem nada em comum com os também dinamarqueses *Pelle, o Conquistador* e *A Festa de Babete*. *S.L.*

O SOL POR TESTEMUNHA ★★★
(Plein Soleil, França, 1959) Direção: René Clément. Com Alain Delon, Maurice Ronet, Marie Laforet. F.J.Lucas.
O título original do romance de Patricia Highsmith é sintomático: *The Talented Mr. Ripley*. E a genial escritora vai a fundo na proposta de mostrar ao mundo e provar por A + B que o crime perfeito existe e compensa, pelo menos na sua literatura. Ao transpor para o cinema essa obra repleta de provocações, com um final simplesmente arrasador (no filme nem tanto), Clément deixou de lado algumas delas e compensou em outras. Fez um filme legitimamente noir (para alguns um noir invertido, pois há um excesso de claridade e de luz) e mostrou aos jovens cineastas da época (em 1959, a Nouvelle Vague estava nascendo) que era capaz de filmar frio e despojado sem perder o ritmo e a tensão nos momentos de puro suspense, gênero em que se especializou. Tudo para contar a história de "posse de identidade", na qual Tom Ripley (Delon) planeja o crime perfeito contra seu melhor amigo (Ronet) e assim ficar com toda sua fortuna. Marie Laforet faz a namorada de Ronet, bela e "traída", porque as conotações homossexuais entre os amigos são evidentes, quase explícitas. A narrativa flui ao som perfeito de Nino Rota. Há ainda, logo no início, uma breve aparição de Romy Schneider, que entra muda e sai calada. Enfim, um bom suspense, divertimento garantido, mas sem as provocações do texto original. *Marcos Antonio Gimenes*

F.J. Lucas

Delon vive Ripley, de Patricia Highsmith, num crime contra o melhor amigo em *O Sol por Testemunha*

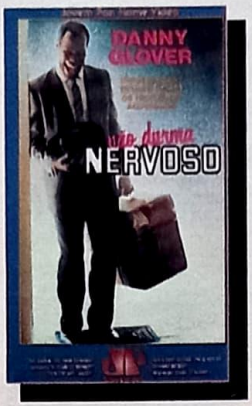
VIDEOLANÇAMENTOS

SEXO E O DETETIVE CASADO ★★★
(Sex and a Married Detective, EUA, 1989) Direção: James Frawley. Com Peter Falk, Lindsay Crouse. CIC.
Quem era fã do desajeitado detetive Columbo (Falk) do seriado de TV dos anos 70 tem uma boa chance de matar a saudade com este filme que é mero pretexto para trazer de volta o personagem, o qual investiga com sabedoria um caso que o espectador já sabe como aconteceu. A atração verdadeira dos filmes de Columbo é a forma pela qual ele vai descobrir o assassino. Nesse caso, o roteiro não foi muito feliz, e o mistério que envolve o assassinato de um famoso produtor de rádio e TV, casado com uma sexóloga (uma espécie de Marta Suplicy americana), não é dos melhores. Mas o detetive vai incansável atrás das mínimas provas. Ruim mesmo, é o título do filme, que não tem nada a ver com a história. *F.G.*

COMÉDIA

CERVEJA MALUCA ★
(Strange Brew, EUA, 1983) Direção: Dave Thomas e Rick Moranis. Com Dave Thomas e Rick Moranis. Vídeo Arte.
São noventa e um minutos de besteirol, regados a muita cerveja. Dave Thomas e Rick Moranis fazem um filme dentro do filme e misturam trapalhadas, ficção científica e um plano diabólico para dominar o mundo. Além de escrever e dirigir, a dupla também estrela o filme, como os irmãos Mckenzie — dois patetas que fazem de tudo para conseguir cerveja de graça. A história se passa no Canadá entre três locações básicas: a casa da dupla, um hospício e uma fábrica de cerveja. Cai como uma luva para quem não se cansa de ver baboseiras. *S.L.*

Penteados em forma de bolo de noiva e mau gosto em *Hairspray*



NÃO DURMA NERVOSO ★★
(To Sleep with Anger, EUA, 1990) Direção: Charles Burnett. Com Danny Glover, Paul Butler. Jovem Pan Home Video.
Um filme sobre negros ao som de "blues" como manda o figurino. A história se passa num subúrbio de Los Angeles, onde uma família sulista tenta consertar o "filho-problema", quando recebe a visita de um tio boa-vida e malandro. O tio Harry (Glover) é carismático e consegue se dar bem com as pessoas, mas acaba criando problemas para todo mundo. Ao final, as coisas se resolvem de uma forma bastante irônica e no mais puro estilo americano. É uma típica "história de negros contada por brancos", com todos os clichês que a situação comporta. *S.L.*

A MÁGICA POÇÃO DO AMOR ★
(Witches' Brew, EUA, 1980) Direção: Richard Shorr. Com Teri Garr, Richard Benjamin, Lana Turner. Alvorada.
Um grupo de mulheres faz uso de bruxaria para que seus maridos ascendam profissionalmente. Contentes com o resultado de suas mágicas, acabam por disputar entre si a supremacia do poder. Não sabiam, contudo, que estavam mexendo com fogo. Oscilando entre a comédia, o suspense e o terror, a trama carece não só de roteiro, como também de direção. Qualquer episódio da série *A Feiticeira* é mais divertido e bem produzido do que este filme. Atuações lamentáveis do elenco, em que Lana Turner tem uma participação inexpressiva, mas Teri Garr *(Depois de Horas, O Fundo do Coração)* é a única exceção. *P.M.*

MUITO DOIDOS ★★★
(Crazy People, EUA, 1990) Direção: Tony Bill. Com Dudley Moore, Daryl Hannah, Paul Reiser, Alan North. CIC.
Comédia leve sobre o mundo da publicidade, que ultimamente tem aparecido muito em filmes e novelas da TV. O filão tem o que render, a publicidade trabalha com os desejos do consumidor e a vontade de consumir. No filme, o inteligente roteiro faz uma equipe de criação se alojar em hospital para doentes mentais. De lá, saem irresistíveis campanhas publicitárias "honestas": os pacientes do hospital não mentem em seus anúncios, e revolucionam o mercado da propaganda. Apesar da crítica aos publicitários e às empresas que mentem sobre as qualidades dos seus produtos, os personagens fazem da fita uma gostosa brincadeira de representar. Moore faz o desajeitado de sempre, mas seus amigos do hospício dão um banho em pequenos papéis. *F.G.*

HAIRSPRAY — ÉRAMOS TODOS JOVENS ★★★
(Hairspray, EUA, 1988) Direção John Waters. Com Sonny Bono, Divine, Colleen Fitzpatrick, Ricki Lake. LK-Tel/Columbia.

CRY BABY ★★
(EUA, 1990) Direção: John Waters. Com Johnny Depp, Traci Lords, Patricia Hearst, Iggy Pop, Ricki Lake. CIC.
Bastião do cinema *trash*, Waters notabilizou-se dirigindo os escatológicos *Pink Flamingos* e *Polyester*, ambos estrelados pelo travesti Divine. Caiu nas malhas do circuito comercial a partir de *Hairspray* e depois com *Cry Baby*. *Hairspray* é bijuteria embrulhado para presente. Duas garotas de cabelo "bolo de noiva", a "gordinha" Tracy (Ricki) e a nojenta Amber (Colleen), disputam o título de Miss Auto Show 1963. A fantasia *camp* e anti-racista de Waters atreve-se até mesmo a explicar como caiu de moda o penteado armado, na Baltimore dos anos 60. Na mesma linha, *Cry Baby* é uma revisão debochada das comédias musicais juvenis com a dupla Frankie Avalon e Anette Funicello. O roteiro, cujo cenário é a mesma Baltimore, nos anos 50, explora o contraponto banal entre jovens "caretas" e "prafrentex". Mesmo sem a agressividade dos filmes anteriores, Waters consegue obter uma estranha harmonia ao utilizar como matéria-prima os signos do mau gosto. *Ricardo Cota*

UM DETETIVE DO OUTRO MUNDO ★

(Second Sight, EUA, 1989) Direção: Joel Zwick. Com John Larroquette, Bronson Pinchot, Bess Armstrong, Stuart Pankin. Warner.

A exploração do sobrenatural tem sido constante nos recentes *Ghost* e *Manika*. Um bom exemplo de mediunidade cômica, é *Um Espírito Baixou em Mim* (da CIC). Neste aqui, contudo, a paranormalidade é apenas um veículo empobrecido e pouco espirituoso, com o único objetivo de causar o riso fácil que, de fato, nunca vem. A agência de detetives Second Sight consegue solucionar inúmeros casos policiais, graças aos ilimitados poderes mediúnicos de um de seus sócios. Tudo se complica quando uma viúva aparece na agência com mais um caso. O uso de efeitos especiais sem qualquer sutileza acentua o tom de mediocridade. *P.M.*

O MUNDO SEGUNDO GARP ★★★★

(The World According to Garp, EUA, 1982) Direção: George Roy Hill. Com Robin Williams, Glenn Close, Mary Beth Hurt, John Lithgow, Hume Cronyn, Jessica Tandy, Swoosie Kurtz, Amanda Plummer. Warner.

É impressionante (e muito triste) ver um diretor do calibre de George Roy Hill na inatividade quase absoluta. Para o grande público, Hill é apenas reconhecido pelos seus grandes sucessos (e bons filmes), como *Butch Cassidy* (1970) e *Golpe de Mestre* (1973), Oscar de melhor filme e direção, entre outros. Mas ele também é o diretor de um dos melhores e mais esquecidos filmes dos anos 80.

O Mundo Segundo Garp é um filme perfeito. Partindo do romance de John Irving, o filme acompanha a concepção, nascimento, crescimento e vida adulta de um certo Garp (um Robin Williams no melhor de sua forma), filho de uma enfermeira (Glenn Close, em sua brilhante estréia nas telas) e de um anônimo soldado moribundo, que só entrou na dança com o sêmen.

A vida de Garp (quando adulto) é uma sucessão de tragédias e frustrações hilariantes. A mãe castradora, a namorada virgem, o amigo travesti (John Lithgow, igualmente inesquecível), que cuida de mulheres traumatizadas sexualmente, e seus futuros alunos fazem parte de uma fauna quase surreal.

O diretor já havia mostrado competência em manusear material hiper-real ao transpor inteligentemente o drama de ficção científica de Kurt Vonnegut, *Matadouro Cinco* (1971). Mas aqui ele chega ao topo de uma interessante carreira. Pode-se até acusar uma única falha: um pequeno deslize no ritmo quando o casamento de Garp entra em crise. Mas esta seqüência, quase ao final, nem sequer ameaça o brilho deste passatempo impecável e "muito cabeça". O prazer já começa com os créditos iniciais, uma abertura antológica ao som dos Beatles. *Christian Petermann*

John Lithgow e Robin Williams no "cabeça" *O Mundo Segundo Garp*

Liaison Gamma-Sigla

VIDEOLANÇAMENTOS

A GRANDE BARBADA ★★★
(Let it Ride, EUA, 1989) Direção: Joe Pitka. Com Richard Dreyfuss, David Johansen, Teri Garr, Allen Garfield. CIC.
Se você é fissurado pelos mistérios da sorte, vai gostar deste filme, no qual Jey Trotter (Richard Dreyfuss) acorda com a sensação de que vai ganhar todas. Ele é viciado em corrida de cavalos e depois de uma séria briga com a esposa aposta seu último dinheiro. Mas a maré estava para o seu lado, e nem ele mesmo acredita na sorte que bateu em sua porta. Rodado quase que intregralmente numa pista de corridas, a fita é leve e dá para divertir os menos exigentes. O charme de Dreyfuss, com seus cabelos prateados e sua madura interpretação, é a grande atração do filme, junto aos desengonçados coadjuvantes, que recheiam o roteiro com boas trapalhadas. *F.G.*

UM VERÃO MUITO LOUCO ★★★
(One Crazy Summer, EUA, 1986) Direção: Savage Steve Holland. Com John Cusack, Demi Moore, Bobcat Goldthwait. Warner.
O diretor Holland é inédito no Brasil, mas ele já havia dirigido a deliciosa comédia adolescente *Better Off Dead* (1985), com o mesmo jovem e talentoso John Cusack, atualmente um grande nome pela sua atuação em *The Grifters*, de Stephen Frears. O estilo que marca Holland é o de reunir piadas e segmentos ficcionais meio que ao léu, usando de todos os recursos "modernos", como incluir cenas de animação (como feito no filme anterior) ou clips narrativos, como acontece em ambos. Cusack, aqui, tem as férias de verão para conhecer o verdadeiro amor e, assim, estar apto a crescer intelectualmente (!). O interesse amoroso será a Demi Moore pré-*Ghost*. O entrecho é ridículo, algumas piadas são tolas, o filme é irregular, mas o conjunto acaba atraindo por transpassar um grande "frescor criativo", comprando nossas simpatias pelo casal central e pela leveza dominante. *Ch.P.*

Leonard Nimoy e William Shatner em *Jornada nas Estrelas*: charme + filosofia = magia

FICÇÃO

GERAÇÃO PROTEUS ★★★
(Demon Seed, EUA, 1977) Direção: Donald Cammell. Com Julie Christie, Fritz Weaver. Vídeo Arte.
Proteus é um supercomputador, tem vontade própria (como se possuísse córtex cerebral) e não se compraz em cumprir os desígnios humanos. Seu objetivo é estudar a fisiologia do corpo humano e para isso apropria-se de um terminal instalado na casa do seu construtor (Fritz Weaver), onde usa, abusa e pretende engravidar o belo corpo de sua esposa (Julie Christie). Nem o canhestro desempenho da inglesa Christie e as hilárias legendas diminuem o interesse dessa ousada ficção simbiótica. *W.A.S.*

O GIGOLÔ DAS GALÁXIAS ★★
(Galactic Gigolo, EUA, 1988) Direção: Gorman Bechard. Com Carmine Capobianco, Debi Thibeault, Ruth Collins. F.J. Lucas.
Ficção científica que só pode ser aceita e/ou engolida se vista como uma barbaridade tão curtível quanto algo na linha de *O Ataque dos Tomates Assassinos*, ou seja, um *bad movie* assumido. Trata-se de um "ser-brócolis" recém-chegado de um planeta habitado por legumes, e que vai parar na cidade de Connecticut (tida como a mais tarada do Universo) apenas para transar com todas as garotas. Com produção exclusivamente local, é nitidamente acéfalo e babaca. Justamente o único "quesito" que pode atrair certos espectadores. *Ch.P.*

JORNADA NAS ESTRELAS — VOLUMES 1, 2, 3 E 4 ★★★★
(Star Trek, EUA, 1966) Produção: Gene Roddenberry. Com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForrest Kelley. CIC.
O que explica o irresistível charme da série original para a televisão? Um quarto de século depois, o encanto destes oito episódios (inclusive o primeiro, que foi ao ar em 22/09/66) persiste. *Não* é futurismo particularmente bem ensaiado — os *trekkies* me desculpem, mas as tramas são freqüentemente quase tão ingênuas e inverossímeis quanto, digamos, as de *Perdidos no Espaço*. *Não* são atuações magníficas — em graus variados, toda a tripulação tem seus achaques de canastrice (a tenente Uhura, só para citar, é pavorosa). *Não* é a importância das questões filosóficas abordadas — o eterno confronto entre a "lógica" de Spock e os "sentimentos humanos", por exemplo, não passa de um bordão enfadonho. O que é? Mitologia. Magia. Amor mesmo. *Alex Antunes*

Ricardo Siqueira

VIDEOTECA

O QUE NÃO ME DEIXAM VER

Monique Evans, 34 anos, modelo e empresária.

"Gosto muito de filmes de terror, como *O Exorcista*, de William Friedkin (Warner Vídeo) e *Poltergeist*, de Tobe Hooper (Vídeo Arte), mas meu marido não me deixa ver porque estou grávida e não posso me assustar."

DRAMA

CENAS DE MULHER ★★★

(There Must Be a Pony, EUA, 1986) Direção: Joseph Sargent. Com Elizabeth Taylor, Robert Wagner e James Coco. Vídeo Arte.

Desta vez a estrela é Elizabeth Taylor e, por incrível que pareça, não tem final feliz. A história, adaptada do romance de James Kirkwood, conta a decadência de uma das maiores atrizes norte-americanas. Depois de um período de crise depressiva, quando gasta tudo o que tem, a estrela Marguerite Sydney (Elizabeth) tenta se recuperar ao lado do filho e de um novo amor. Joseph Sargent faz um roteiro competente e até arrisca algumas pequenas ousadias na direção, mas o grande destaque é mesmo Liz. *S.L.*

HOMENS & MULHERES — HISTÓRIAS DE SEDUÇÃO ★★

(Women & Men — Stories of Seduction, EUA, 1990) Direção: Frederic Raphael, Ken Russell e Tony Richardson. Com Beau Bridges, Elizabeth McGovern, Peter Weller, Molly Ringwald, James Woods, Melanie Griffith. Warner.

Três histórias intimistas de três casais, baseadas em contos de autores americanos. "O Homem na Camisa Brooks Brothers", é um texto de Mary McCarthy, que narra o encontro casual de um caixeiro-viajante (Bridges) com uma comunista (Elizabeth) numa viagem de trem. Em "Penumbra Antes dos Fogos de Artifício", de Dorothy Parker, uma dondoca (Molly) irrita-se com o número de telefonemas femininos que o playboy (Weller) recebe. "As Colinas como Elefantes Brancos", de Hemingway, apresenta o casal Melanie-Woods em crise matrimonial numa pequena vila espanhola. Produção feita para a TV a cabo HBO, dos EUA. O resultado final peca pela literatice forçada e emperrada em linguagem de vídeo. Os créditos dos diretores Raphael, Russell e Richardson e os bons casais de atores não ajudam muito. *D.G.*

UMA CIDADE SEM PASSADO ★★★★

(Das Schreckliche Mädchen, Alemanha, 1990) Direção: Michael Verhoeven. Com Lena Stolze, Monika Baumgartner, Michael Ghar. Globo Vídeo.

O cineasta alemão Michael Verhoeven (diretor de *OK* e *A Rosa Branca*, entre outros filmes inéditos no Brasil) surpreendeu o Festival de Berlim (onde levou o Urso de Prata) com um ácido filme (baseado em fatos verídicos) sobre uma estudante (a perfeita Lena Stolze) que enfrenta a hipocrisia e a violência de sua cidade ao investigar o passado hitlerista local. Na provinciana, obtusa e hipercatólica Pfilzing (a cidade de Passau, na realidade), Sonya combate sozinha o boicote e o terrorismo dos poderosos locais ao tentar desenterrar os arquivos de perseguição aos judeus e comunistas. Em vez do melodrama fácil (comum em temas políticos), Verhoeven atua com um requintado antiilusionismo e artificialismo, operando com vários tipos de fotografia, cenários pintados, grandes angulares e descontinuidade narrativa. O nazismo travestido de "sociedade democrática" é denunciado com agilidade, ironia e elenco de primeira. *Antonio Querino Neto*

Art Films

Lena Stolze e os documentos sobre ex-nazistas de *Cidade sem Passado*

PROMOÇÃO
REVISTA SET
RÁDIO TRANSAMÉRICA.

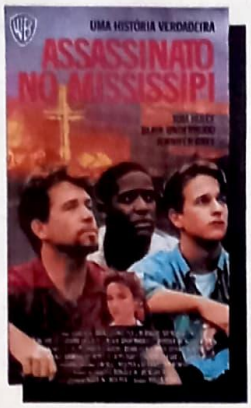
"ASSISTA O OSCAR COM A SET NA MÃO"

A nossa querida leitora Maria da Conceição do bairro do Sumaré - S.P., foi a ganhadora do TV de 20" sorteado pela Revista Set e Rádio Transamérica na promoção "Assista o Oscar com a Set na mão" realizada em São Paulo na última semana de março.

SET CINEMA & VÍDEO

TRANSAMÉRICA
FM 100,1

VIDEOLANÇAMENTOS



ASSASSINATO NO MISSISSIPI ★★★
(Murder in Mississippi, EUA, 1990) Direção: Roger Young. Com Tom Hulce, Jennifer Grey, Blair Underwood, Josh Charles. Warner.
Telefilme do mesmo diretor de *Lassiter* e que narra exatamente tudo o que *Mississipi em Chamas*, de Alan Parker, não conta: todos os acontecimentos que precederam a morte de dois brancos e um negro ativistas, em 1964. Segundo a crítica americana, o filme em questão é muito mais fiel aos fatos reais. Não deixa, porém, de ter uma estrutura próxima do melodrama histórico, que conscientiza mas também emociona. É convincente, sem nunca ser marcante. Ponta de C.C.H. Pounder *(Bagdad Cafe)* e músicas cantadas por Etta James. *Ch.P.*

OS BONS COMPANHEIROS ★★★
(Goodfellas, EUA, 1990) Direção: Martin Scorsese. Com Ray Liotta, Joe Pesci e Robert De Niro. Warner.
Antes de seguir carreira como cineasta, Martin Scorsese quase foi padre. Escapou da batina, mas não da sina católica. Muito do seu cinema é impregnado de religiosidade. Inspirado na história verídica do gângster Henry Hill, *Os Bons Companheiros* segue a regra. Em 1980, Hill (Ray Liotta) abandonou a máfia para transformar-se em dedo-duro do FBI. Crime, penitência e redenção estão presentes nos caminhos violentos trilhados por esse personagem comum das ruas do Queens, bairro pobre de Nova York. Ao contrário do romantismo e da grandiloqüência do *Chefão* de Coppola, Scorsese opta pelo impacto, explorando música e imagem para reproduzir a violência urbana cotidiana. Consegue resultados geniais, como na seqüência em que Hill, completamente drogado, perde a noção do tempo. Cruel, amoral e contemporâneo, *Os Bons Companheiros* sintetiza as melhores características autorais do cineasta Martin Scorsese. *R.C.*

FLORES DE AÇO ★★★
(Steel Magnolias, EUA, 1989) Direção: Herbert Ross. Com Sally Field, Shirley MacLaine, Dolly Parton, Daryl Hannah, Olympia Dukakis, Julia Roberts, Sam Shepard. LK-Tel/Columbia.
O filme que revelou a atual estrela Julia Roberts (que foi indicada ao Oscar de atriz coadjuvante por este trabalho) é também uma deliciosa coleção de boas atrizes em dias iluminados. Mesmo Sally Field e Dolly Parton satisfazem plenamente como pivôs deste drama cômico desenvolvido de uma peça teatral de um só ato, de autoria de Richard Harling. Acompanha uns poucos anos na vida de algumas amigas de uma cidadezinha da Louisiana, mulheres fortes e decididas, que se encontram no salão de beleza de Dolly. Relegando os papéis masculinos a um nível secundário, o humor deste drama é saboroso, leve, totalmente irresistível, graças a um elenco afinado. Mesmo quando tudo resvala no dramalhão, ainda dá para se entreter com estas "finas flores". *Ch.P.*

UIP
Cynda, Washington, Lee e Joie: estereótipos do pobre *Blues*

CORAÇÃO SELVAGEM ★★★★
(Wild at Heart, EUA, 1990) Direção: David Lynch. Com Nicolas Cage, Laura Dern, Diane Ladd, Willem Dafoe, Harry Dean Stanton, John Lurie. Transvídeo.
Depois de rever o filme uma ou duas vezes, admira-se mais e mais a ousadia de Cannes em conferir a Palma de Ouro a esta obra. A verdade é que *Coração Selvagem* pode ser visto por alguns como uma grotesca brincadeira pós-adolescente. Mas, ao mesmo tempo, não haveria exagero em indicá-lo como um dos poucos filmes relevantes que foram produzidos no ano passado, justamente por refletir uma inquietude criativa em meio a um resultado final evidentemente inacabado. O filme é por vezes excessivo e sofre quebras no ritmo (como quando Cage e Laura estão para conhecer Dafoe/Bobby Peru). Mas esta viagem amorosa (desesperada e fatalista) de Sailor e Lula pelo interior dos EUA carrega consigo a acomodação individual em meio ao sonho que acabou, à ingenuidade da tragédia, à idealização da miséria, à violência dos mitos, à breguice dos tempos atuais. Mesmo ampliando seus pequenos e/ou primorosos cacoetes típicos, Lynch cria uma imagem surpreendentemente real da América. A realidade pelo espelhamento de suas partes podres. E há ainda uma das cenas antológicas do cinema recente: a do acidente de carro, em que Sherilyn Fenn (*Twin Peaks*) agoniza à procura de seu pente. É de arrepiar. Nunca a imperfeição foi tão perfeita. *Christian Petermann*

Art Films
Laura Dern em *Coração Selvagem*: primorosos cacoetes de Lynch para desvendar a breguice da América

MUSICAL

A FERA DO ROCK ★★★

(Great Balls of Fire, EUA, 1989) Direção: Jim McBride. Com Dennis Quaid, Winona Ryder. 20.20 Vision. Numa ode barulhenta e colorida ao espírito libidinal do rock, Jim McBride *(A Força de um Amor, O Acerto de Contas)* traça, num misto de som e fúria, o fugaz reinado de 18 meses (56 a 58) de Jerry Lee Lewis (encarnado por Quaid), o *killer* da infância do rock. Espécie de êmulo rebelde de Elvis Presley, o *killer* não foi prudente, não fez concessões, não agradou o *status quo* e queria seguir "até o inferno" martelando seu piano letal. Afrontou a Inglaterra ao casar com Myra (Winona, de 17 anos, ótima) sua priminha de 13 anos. Com a assessoria do próprio Jerry Lee (que regravou seus sucessos, dublados pelo histriônico Quaid), o filme é descompromissado e genialmente bem editado. Tão delicioso quanto os petardos diabólicos compostos por Jerry. *Antonio Querino Neto*

THAT'S DANCING — QUANDO HOLLYWOOD DANÇA ★★★

(That's Dancing, EUA, 1985) Direção: Jack Haley Jr. Com Mikhail Barishnikov, Ray Bolder, Sammy Davis Jr., Gene Kelly, Liza Minelli. Vídeo Arte.

A teoria deste filme é simples: se a dança é a arte do movimento, o cinema é a arte capaz de registrá-la com precisão. *That's Dancing* resume a história desse casamento, desde os primeiros musicais (mudos!) até *Os Embalos de Sábado à Noite*, quando o então galã Travolta soltou a baiana. Narrado por bailarinos famosos do cinema, esta compilação é diferente de *Isto Era Hollywood I e II (That's Entertainment)*; não é só outra seleção de números musicais da MGM, mas um registro histórico das mais inusitadas performances em celulóide. Ufanistas como os musicais devem ser, não cansa nem os mais mal-humorados. *D.G.*

Fox

Delicioso quitute musical: Quaid e Winona em *A Fera do Rock*

MAIS E MELHORES BLUES ★★

(Mo'Better Blues, EUA, 1990) Direção: Spike Lee. Com Denzel Washington, Joie Lee, Cynda Williams, Spike Lee, John Turturro, Wesley Snipes. CIC.

Talvez o filme tenha decepcionado grande parte da crítica e dos espectadores pela promessa, por parte do diretor Spike Lee, de realizar o primeiro filme-jazz com alma verdadeiramente negra. Nada mais branco e estereotipado que *Mais e Melhores Blues*. A despeito da ótima trilha sonora de Branford Marsalis e de Bill Lee, todo o filme se articula em cima da ausência do "espírito do jazz". O roteiro, pobre e bastante moralista, dá espaços a joguinhos amorosos banais, muita egolatria por parte de personagem e diretor e um virtuosismo técnico admirável, mas tão vazio quanto um *jazz-pop* sendo tocado em ambiente *yuppie*. Lee joga com o dinheiro do grupo e ajuda a arruinar a carreira do *band-leader* e saxofonista (Washington). Que aluguel! *Ch.P.*

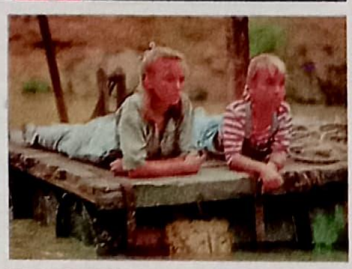
UMA AVENTURA e TANTO

THE SPIRIT CHASER

HENRY THOMAS, O FABULOSO ASTRO DE E.T.
ESTÁ DE VOLTA... NA MAIOR AVENTURA DE SUA VIDA!!!

R & M 262-4046

Code Walpole (Henry Thomas)
nosso irrepreensível herói de 14 anos,
é um imperturbável aventureiro, prestes a
embarcar na maior aventura de sua vida.
E assim tem início uma aventura fascinante,
cheia de surpresas e mistério, UMA AVENTURA E TANTO!



ESTRELANDO: HENRY THOMAS
com: TONY BARRY, RACHEL FRIEND,
TAMSY WEST, DEMPSEY KNIGHT, JOHN EWART e
CHRIS GREGORY Dirigido por BRIAN TRENCHARD-SMITH

SHOW ROOM:
R. MANOEL MARIA TOURINHO, 43 - SÃO PAULO - SP - 01236
CONSULTE-NOS PELOS TELEFONES: (011) 263-2418/65-5554
OU NOSSO REPRESENTANTE
MAIS PRÓXIMO

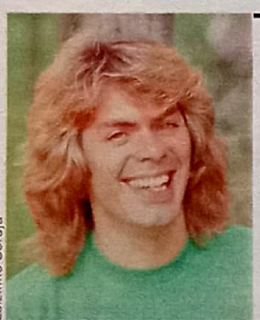
Brasília

AB Vídeo

VIDEOLANÇAMENTOS

Columbia

O veterano Neville encarna o humor e a inteligência do loroteiro *Barão*



Luizinho Goruja

VIDEOTECA

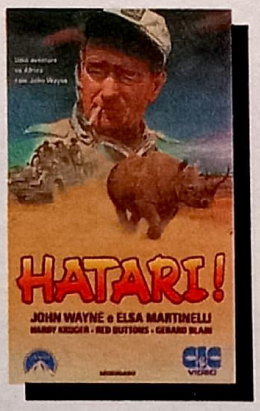
O QUE NÃO É ULTRAJANTE

Roger, 34 anos, compositor e vocalista do grupo de rock Ultraje a Rigor.

"Pra mim é ultrajante ver filmes pornô ou de terror. Em compensação, curto comédias do tipo *nonsense*, como as do grupo inglês Monty Python — *Monty Python em Busca do Cálice Sagrado*, de Terry Gilliam e Terry Jones (VTI Vídeo), *Brazil, o Filme*, de Terry Jones (VTI Vídeo) — e todos os filmes de Woody Allen. Esses filmes são parecidos comigo: bem-humorados mas sérios e inteligentes."

AVENTURA

PROJETO MACACO ★★
(Project X, EUA, 1987) Direção: Jonathan Kaplan. Com Matthew Broderick, Helen Hunt, Bill Sadler, Dick Miller. Abril Vídeo.
O diretor Jonathan Kaplan, em seu trabalho imediatamente anterior a *Acusados*, tentou fazer uma comédia dramática para jovens com um assunto sério: o abuso de animais. Broderick é o algoz oficial da Aeronáutica encarregado de conduzir exames secretos envolvendo macacos treinados em câmeras de simulação aérea. Apesar da seriedade, o filme não chega a lugar algum, embora tenha momentos dramáticos tocantes. E é justamente seu lado bem-humorado que fica a dever. *Projeto* não sustenta o interesse, mesmo tendo grandes atores entre os símios. *Ch.P.*



HATARI! ★★★
(EUA, 1961) Direção: Howard Hawks. Com John Wayne, Elsa Martinelli, Red Buttons, Hardy Kruger. CIC.
A obra de Hawks já foi estudada pelos críticos franceses e merecidamente colocada entre as mais importantes do cinema americano. Aliás, cinemão americano na melhor acepção da palavra. A prova está em *Hatari!*, apesar de alguns estabelecerem-no como um de seus filmes "menores". É imperdível. É pura diversão; quase não há conflitos ou história, e mostra um grupo de aventureiros (comandado por Wayne), no leste da África, empenhado na caça de animais e seu devido comércio. Isso na época em que ecologia era apenas o estudo biológico dos seres vivos. *Hatari!* vale pelos belos horizontes, esplendidamente fotografados, diálogos espirituosos e a boa música de Henry Mancini (um dos temas, "O Passo do Elefantinho", ficou famoso). Além, é claro, da direção segura de quem sabe de sua profissão. *M.A.G.*

DINHEIRO SANGRENTO ★★
(Blood Money, EUA, 1985) Direção: Jerry Schatzberg. Com Andy Garcia, Ellen Barkin. VTI.
Filme completamente obscuro dirigido por Schatzberg (*Espantalho*, com Gene Hackman e Al Pacino), que traz Andy Garcia — atualmente sentindo o doce sabor da consagração hollywoodiana — no início de carreira. Com Ellen Barkin, Garcia forma o casal dessa aventura com tom de denúncia (social) contra os Estados Unidos e sua ajuda ao governo nicaragüense. Tudo começa quando Garcia encontra seu irmão baleado e, como pista para desvendar o assassinato, uma fita cassete com gravações de conversas de torturas e planos secretos. A partir daí, Garcia passa a caçar os assassinos (com a ajuda da garota de programa, Ellen) e se "enrosca" numa complicada teia política. *D.P.*

AS AVENTURAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN ★★★★
(The Adventures of Baron Munchausen, EUA, 1988) Direção: Terry Gilliam. Com John Neville, Eric Idle, Sarah Poley, Oliver Reed, Uma Thurman. Lk-Tel/Columbia.
Lorotas delirantes contadas e vividas por Karl Friedrich Hieronymus (1720-1797), mais conhecido como barão de Munchausen, oficial de Frederico, o Grande, e tema de vários filmes desde 1920. Em travellings vertiginosos, Terry Gilliam (*Os Aventureiros do Tempo, Brazil*), o americano pirado do demente e bem pensante grupo Monty Python, devasta nossa racionalidade com essa odisséia caríssima, fundindo humor inteligente, fotografia onírica de Giuseppe Rotunno e efeitos monumentais, tudo filmado em 67 cenários (a maioria em Cinecittà). O barão fabulador parte (de uma cidade sitiada pelos turcos) atrás de seus amigos, vivendo várias aventuras visionárias: vai à Lua, viaja na bala de um canhão e num balão de roupas íntimas, é engolido por uma baleia e visita um vulcão onde o irado deus Vulcano e sua esposa Vênus (Thurman) enfrentam operários cíclopes grevistas! A cosmovisão insana de Gilliam submete nosso olhar a um universo mágico de mentiras e barrocas bisonhices. *Antonio Querino Neto*

GARANTIA DE MORTE ★★★
(Death Warrant, EUA, 1990) Direção: Deran Sarafian. Com Jean-Claude Van Damme, Robert Guillaume, Cynthia Gibb. América.
O policial Burke (Van Damme) é selecionado para se infiltrar entre os presos de uma penitenciária de alta periculosidade e investigar uma série de assassinatos. Para manter-se em contato com o mundo exterior, a advogada Amanda Beckett (Cynthia Gibb) é recrutada como sua esposa — e com a qual tem momentos de amor nunca vistos antes em filmes do pudorado belga. Entre os presidiários, Burke consegue aliados que o ajudam a desvendar as inexplicáveis mortes. Com *Garantia de Morte*, Van Damme deu um passo importante na carreira: fugiu dos roteiros de artes marciais e mostrou que tem talento para outros gêneros de filmes. *D.P.*

DIAS DE TROVÃO ★★
(Days of Thunder, EUA, 1990) Direção: Tony Scott. Com Tom Cruise, Robert Duvall, Nicole Kidman, Randy Quaid. CIC.
Apesar de Tom Cruise, o o argumentista de *Dias de Trovão*, ter declarado (SET n.º 9, ano 4), que ele, o roteirista e os produtores não queriam fazer um filme de corridas de carros (que seriam apenas "a pontuação do filme") e sim um filme "basicamente sobre pessoas", *Dias de Trovão* mais parece um portfolio de imagens em movimento do garotão-objeto-de-desejo Cruise, com o intuito de levar as fãs ao delírio. História mesmo quase não há: Cole Trickle (Cruise) é um motociclista que aprendeu a pilotar carros da categoria *stock cars* pela TV. Sua loucura é a velocidade e seu controle, e por isso rapidamente vira o "grande" campeão. Durante seu campeonato de estréia, conhece a dra. Claire Lewicki (Nicole Kidman, ou sra. Cruise) e se torna amigo do arquiinimigo Wheeler (Elwes). O resto, é Tom para encher o olhos. *D.P.*

CIC

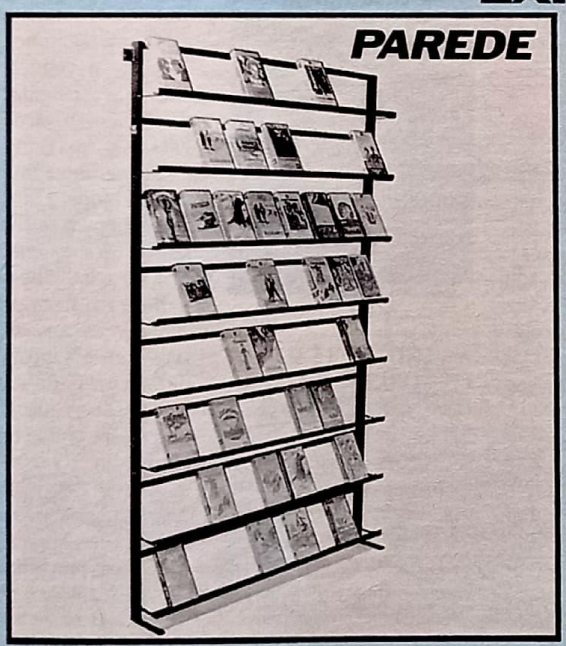
Cinemão com Elza e Wayne: diversão e "ecologia" imperdível de *Hatari!*

ANIMAÇÃO

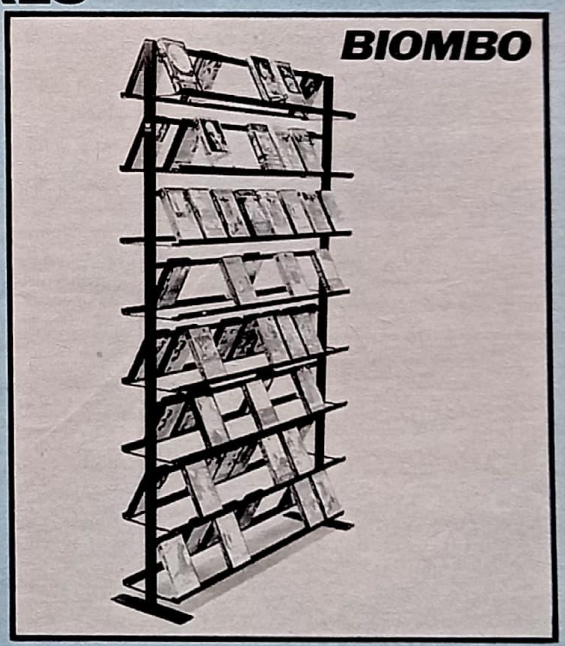
TOM & JERRY — 50 ANOS ★★★
(EUA, 1940/1950) Direção: William Hanna, Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Eles dispensam maiores apresentações. A dupla Tom e Jerry é popular no mundo todo desde os anos quarenta. Este volume traz sete dos melhores curtas que costumam passar no cinema e televisão. Lamentavelmente, a distribuidora cometeu um erro imperdoável: os episódios indicados no rótulo não correspondem aos mostrados na fita. Mesmo assim, é um prazer assistir às traquinagens, como quando Tom improvisa um par de asas e tenta caçar um passarinho, amigo de Jerry. Ou então, deliciar-se com o ratinho dando um basta na paquera do Tom, que banca o galã canastra. E assim por diante. Sempre inseparáveis, eles não param de brigar e de se amar. Humor inteligente e perverso; e, por isso mesmo, um clássico indispensável. *W.S.*

A MARCA FAZ A DIFERENÇA

EXPOSITORES



• Capacidade 64 fitas



• Capacidade 128 fitas

SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO

WICKERL

CENTRAL DISTRIB. DE FITAS E ACESSÓRIOS

VENDAS E SHOW ROOM

R. Alba, 1743 - São Paulo - SP - CEP 04346 - F. (011) 562-9779

WICKERL

VIDEOLANÇAMENTOS

Paulo Salomão

VIDEOTECA

O QUE EU INTERPRETARIA

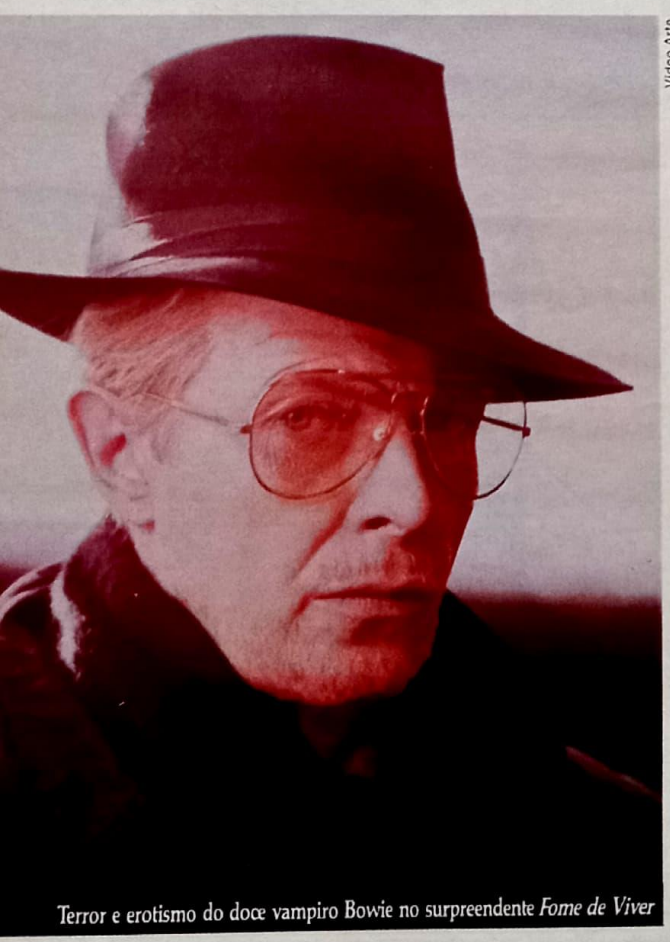
Fernanda Montenegro, 61 anos, atriz de teatro, cinema e televisão.

"Se eu tivesse que interpretar num filme que gostei, faria Laurence Olivier em seu *Henrique V* (F. J. Lucas Vídeo)."

TERROR

A HORA DO ESPANTO II ★★★
(Fright Night II, EUA, 1989) Direção: Tommy Lee Wallace. Com William Ragsdale, Roddy McDowall, Traci Lynn, Julie Carmen. Abril Vídeo.

Em relação ao primeiro filme, esta continuação é perfeita. Em *A Hora do Espanto*, de Tom Holland, o jovem Charley (Ragsdale) enfrenta o vampiro-playboy (Sarandon) com a ajuda do divertido "exterminador de vampiros" Peter Vincent (McDowall), um animador de televisão. A criatura seqüestra a namorada do rapaz, forçando-o ao resgate. Nesta seqüência, Charley é raptado pela sedutora irmã (Julie) do vampiro-galã, morto no primeiro episódio. Os papéis se invertem e a namorada do rapaz o salva com a ajuda do mesmo Vincent, covarde e fisicamente semelhante ao Dr. Smith da série *Perdidos no Espaço*. É recomendável assistir aos dois filmes na seqüência: o primeiro e esta genial continuação. *W.S.*


Vídeo Arte

Terror e erotismo do doce vampiro Bowie no surpreendente *Fome de Viver*

FOME DE VIVER ★★★
(The Hunger, EUA, 1983) Direção: Tony Scott. Com Catherine Deneuve, David Bowie, Susan Sarandon, Cliff De Young. Vídeo Arte.

O diretor Tony Scott debutou no longa-metragem com este terror soft e uma espécie de vampirismo pós-moderno. *Fome de Viver* foi cultuado pelos *darks* da década de 80, principalmente pela seqüência frenética inicial: o casal vampiro, Catherine e Bowie, escolhe as vítimas numa discoteca nova-iorquina, ao som alucinante da banda inglesa Bauhaus, em que o vocalista Peter Murphy canta "Bela Lugosi's Dead". A música tem papel fundamental no filme, pois o casal é musicista. Num dos momentos mais eróticos, Catherine seduz Susan Sarandon, interpretando a peça *Lakmé*, do compositor francês Delibes, ao piano. Apesar das alegorias musicais e visuais, a trama é simples: o casal Miriam (Catherine) e John (Bowie) vivem juntos há séculos. John é acometido de um envelhecimento repentino, e ambos procuram a doutora Sarah (Susan), pesquisadora de uma doença chamada progéria, ou degeneração prematura. Scott faz, neste momento, uma ligação entre o fim da vida e do amor, como se quisesse dizer que a eternidade, se existe, é para poucos. *D.P.*

PARADA

Março

Os mais alugados

1 Justiça Cega (CIC)
2 Robocop 2 (LK-Tel/Columbia)
3 Gremlins 2 (Warner)
4 O Predador (Abril Vídeo)
5 Dick Tracy (Abril Vídeo)
6 Acima de Qualquer Suspeita (Warner)
7 Gêmeos — Mórbida Semelhança (F. J. Lucas)
8 48 Horas — Parte 2 (CIC)
9 Além da Eternidade (CIC)
10 Susie e os Baker Boys (Look)

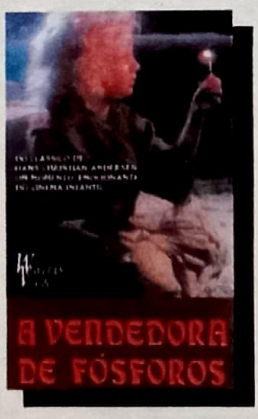
Fontes: OMNI, 2001, Vídeo Factory, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo Shack (RJ); Mister Vídeo (DF); Scorpius Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo, Cia. do Vídeo (MG).

Os Mais Selados

1 Uma Linda Mulher (Abril Vídeo)
2 Garantia de Morte (América)
3 Olha Quem Está Falando (LK-Tel/Columbia)
4 Os Safados (20.20 Vision)
5 Caminhos Violentos (LK-Tel/Columbia)
6 Dias de Trovão (LK-Tel/Columbia)
7 Resgate Infernal (LK-Tel/Columbia)
8 Ghost Dad (CIC)
9 A Fera da Guerra (LK-Tel/Columbia)
10 Quem é Harry Crumb? (LK-Tel/Columbia)

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria de Cultura da Presidência da República.

INFANTIL



A VENDEDORA DE FÓSFOROS ★
(The Little Match Girl, EUA, 1987) Direção: May A. Grace. Com Shannon Collins, Imogene Coca, Charles Krohn. Wera's.

Conto infantil, baseado em Hans Christian Andersen, disposto a arrancar lágrimas. As vésperas de um Ano-novo qualquer na Londres antiga, uma garotinha linda (Shannon Collins) e cheia de bons sentimentos é obrigada a vender fósforos para sustentar seus pais maus e alcoólatras. Passando frio e fome, ela é sistematicamente rejeitada por todos. Em sua penúria, depara-se com uma família rica e, então, sonha ser feliz. Apesar de a narrativa realista procurar conflitar as injustiças sociais com a suposta grandeza do espírito natalino, as imagens, que abusam da câmera lenta, buscam, entretanto, captar não mais que estereótipos. É possível, mas pouco provável, que alguém se comova com tamanha sucessão de clichês. *P.M.*

RUIM ★
REGULAR ★★
BOM ★★★
EXCELENTE ★★★★
OBRA-PRIMA ★★★★★

PHILIP MICHAEL THOMAS

MIAMI VICE

DRAMA
AVENTURA

UM MÚSICO
QUE DESPERDIÇA
INCONSCIENTEMENTE
A CARREIRA,
PERDE SEUS AMIGOS
E A FAMÍLIA
POR CAUSA DA DROGA
UMA ADVERTÊNCIA!

CRACK

A DROGA DA MORTE

DEATH DRUG

NA TRILHA SONORA O GRANDE SUCESSO

"JUST THE WAY I PLANNED IT"

(DO JEITO QUE EU PLANEJEI) DO GRUPO "THE GAP BAND"

ATENÇÃO

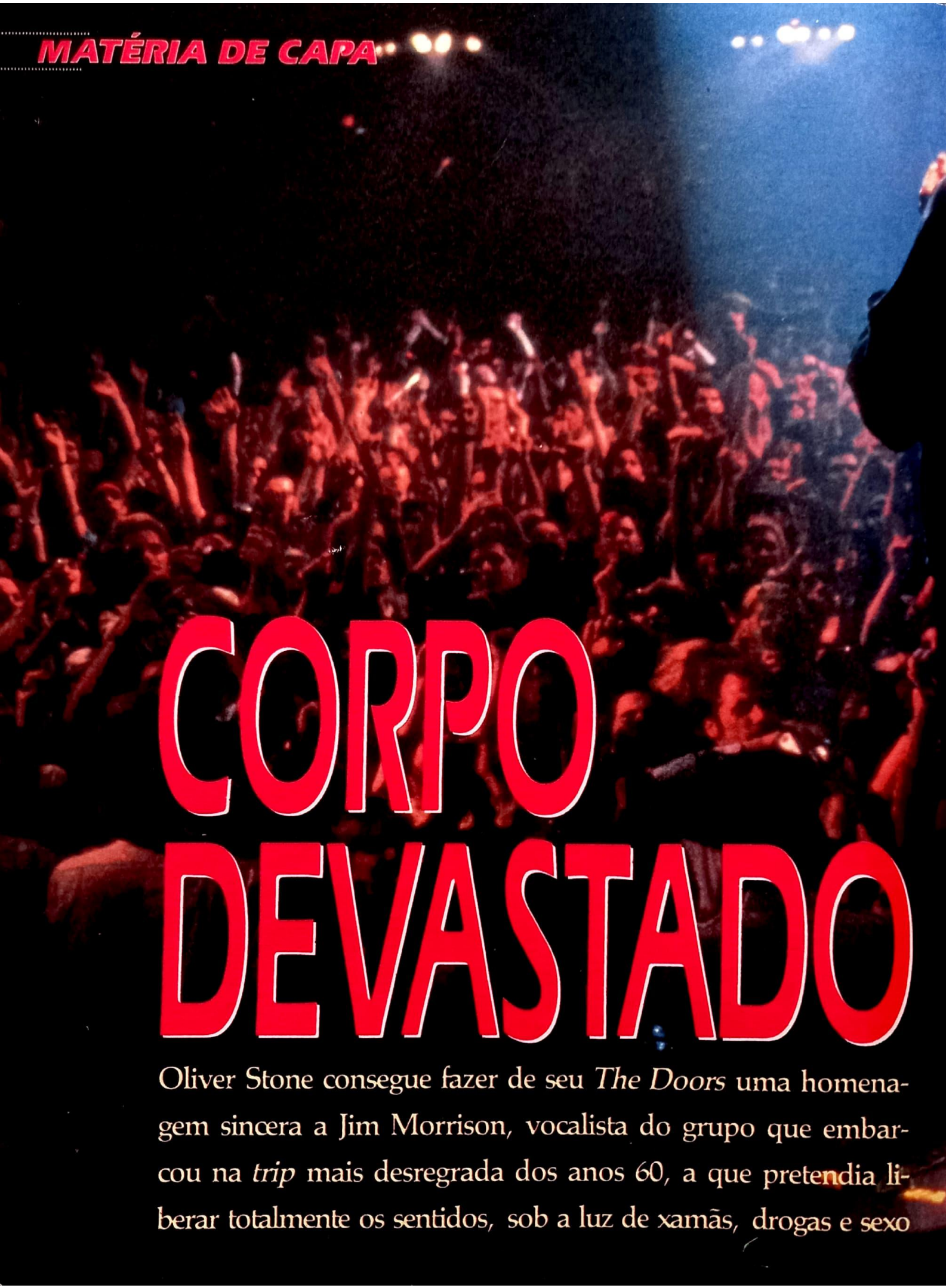
Este filme é uma advertência e uma lição para um grande problema social da atualidade: DROGA! Preocupada com a nossa juventude a CENTURY VIDEO se dispõe a fornecer gratuitamente às Instituições Terapeuticas Preventivas e Educativas uma cópia do filme. Para tanto basta escrever-nos.

APOIO CULTURAL

Rodoviário Santa Mônica do Nordeste Ltda.

CENTURY VIDEO

Av. Bria. Faria Lima, 1857 - 10º And. Conj. 1009 - CEP 01451 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 212-6533 - Fax (011) 212-6449



CORPO DEVASTADO

Oliver Stone consegue fazer de seu *The Doors* uma homenagem sincera a Jim Morrison, vocalista do grupo que embarcou na *trip* mais desregrada dos anos 60, a que pretendia liberar totalmente os sentidos, sob a luz de xamãs, drogas e sexo

Fotos Columbia/Tri Star

Os Doors do filme, refastelados nas areias do deserto onde tomaram LSD. MacLachlan, Kilmer, Frank Whaley e Kevin Dillon são, respectivamente, Manzarek, Morrison, Krieger e Densmore. Na foto maior, Kilmer

Ébrio, letrado e infinitamente talentoso, Jim Morrison (1943-1971) foi o poeta romântico do rock na década do *flower power*. Com seus Doors, incendiou multidões ao dançar como um pele-vermelha e gritar seus versos de imagens fogosas e dionisíacas. Cabelos longos, lábios carnudos, não é à toa que foi apelidado de "Rimbaud dos anos 60". Esse sátiro dourado e promíscuo parece ter atualizado para a era da psicodelia os ensinamentos do poeta francês que assegurou que um poeta se faz vidente "por um longo, imenso e deliberado desregramento de todos os sentidos". Para Rimbaud, o poeta é o "supremo sábio" que esgota todos os venenos "para guardar apenas a essência".

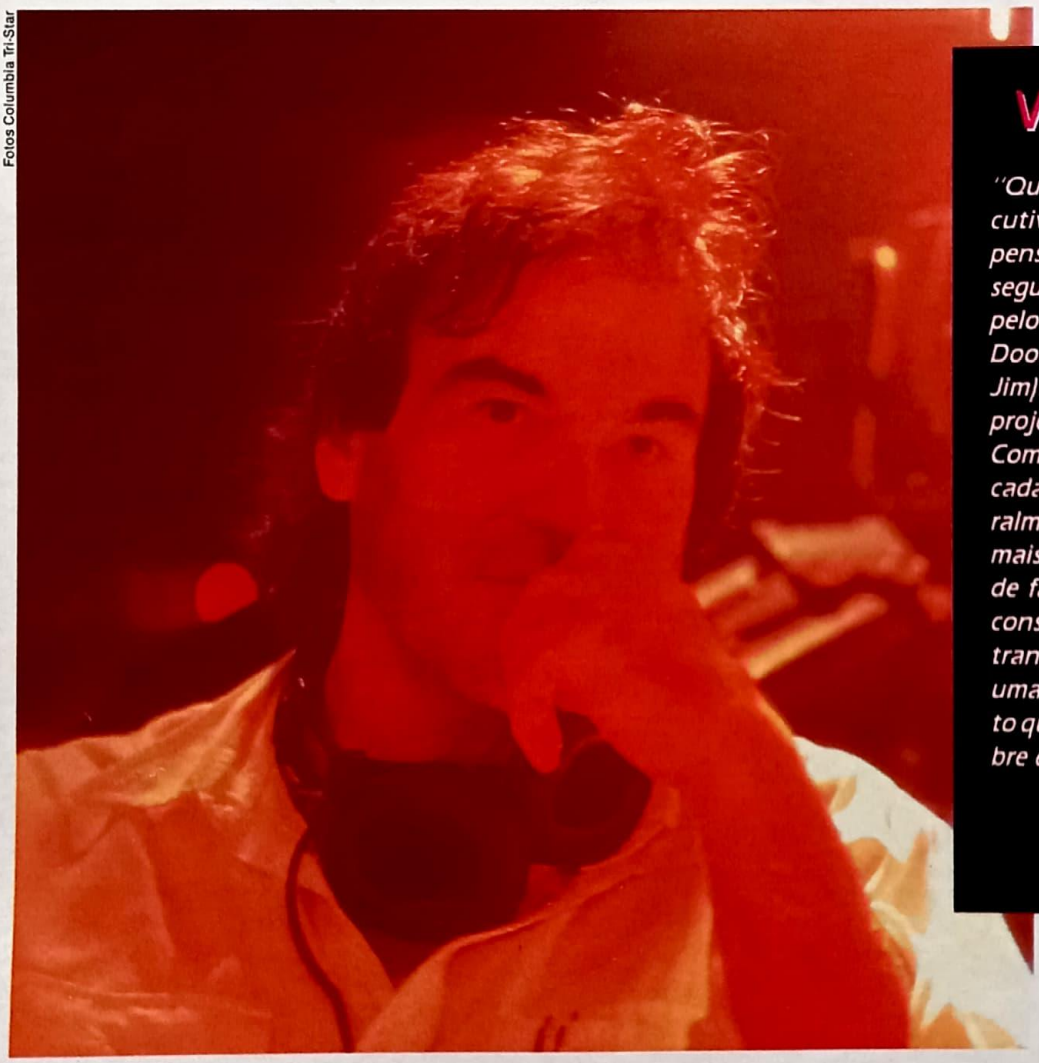
A frase cai como uma luva sobre a existência desse filho de um severo oficial da Marinha, que um dia se encontrou com um tecladista *cool* e intelectual de óculos fundo-de-garrafa chamado Ray Manzarek (Kyle MacLachlan, de *Twin Peaks*), para com ele (e mais dois caras — John Densmore e Robby Krieger) engendrar The Doors, uma banda sublime, com título inspirado no livro *As Portas da Percepção*, de Aldous Huxley (este, por sua vez, na cola do poeta revolucionário William Blake, que há dois séculos atrás escreveu: "Se as portas da percepção fossem

BAD TRIP, PAMELA!

"Algumas pessoas acham que Pamela Courson era uma pessoa muito terna. Outras a consideravam como algum tipo de pesadelo. Eu penso nela como alguém absolutamente sem defesa que tomou o lado errado. Finalmente, isso foi uma viagem destrutiva. The Doors *é sexo, drogas e rock'n'roll, e Oliver Stone realmente não fugiu desta visão."*

Meg Ryan

entrevistada por A.M.B.



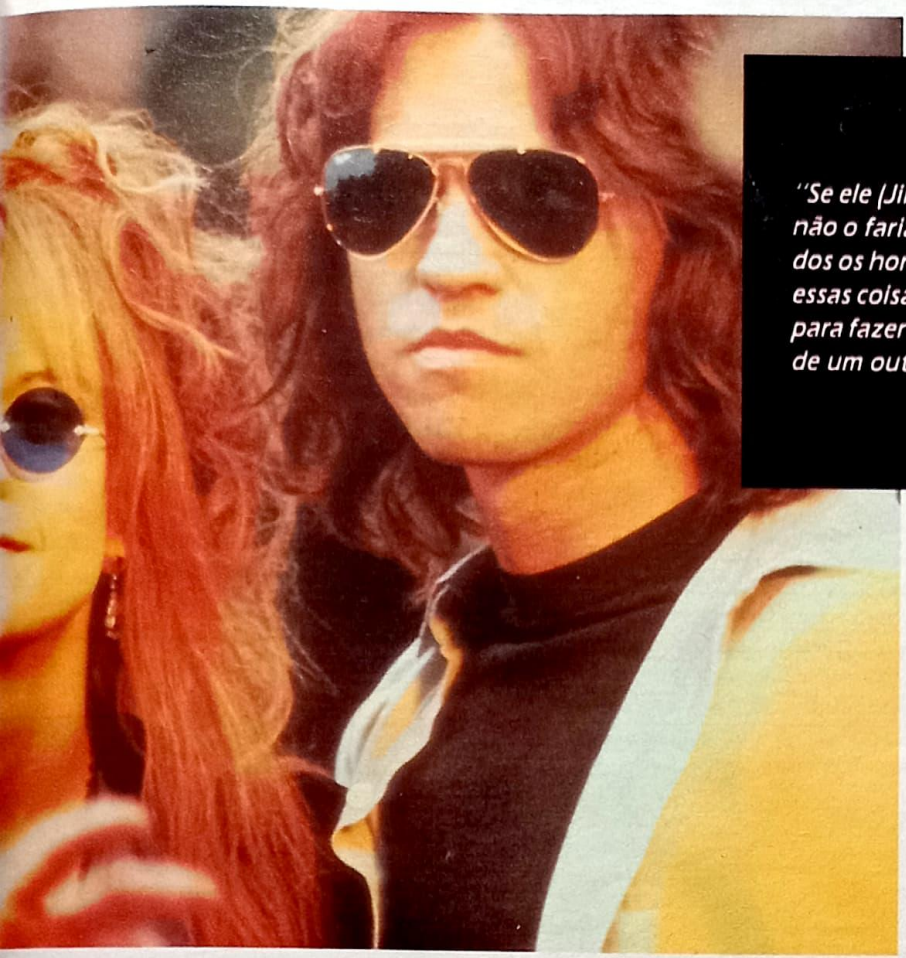
Fotos Columbia Tri-Star

VOZES DO PASSADO

"Quando Brian Grazer (produtor executivo) me falou sobre o filme, eu nem pensei duas vezes. Eu disse sim em um segundo. Mas antes, eu tinha de passar pelo crivo de cinco pessoas — os três Doors e os dois pais (o de Pamela e o de Jim). Todos com poder de veto sobre o projeto. Isso sem falar nos produtores. Como diretor, tive de consultar a todos, cada um com seu ponto de vista. Naturalmente, eu deduzi algumas coisas a mais a respeito de Jim Morrison, depois de fazer o filme, mas eu não poderia consultá-lo porque ele está morto. É estranho: sinto como se o conhecesse de uma certa maneira, porém não acredito que eu fosse capaz de saber tudo sobre ele. Ainda resta o mistério."

Oliver Stone

por A.M.B.



DE NOVO NÃO

"Se ele [Jim Morrison] tivesse de fazer isso tudo de novo, ele não o faria. Quanto a mim, também. Eu tive de percorrer todos os horrores da fama e seus tipos de pressão, e interpretar essas coisas não foi fácil. É necessário um tipo de purificação para fazer isso, sem se envolver pessoalmente porque se trata de um outro homem."

Val Kilmer

por A.M.B.

O "ROLLING" STONE

*"Gradualmente, Oliver Stone vem mudando aquilo que conhecemos como os filmes de Oliver Stone, ou coisas como a Guerra do Vietnã. Os seus filmes de guerra [*Salvador, Platoon *e* Nascido em 4 de Julho*] não têm nada a ver com* The Doors. *As semelhanças, se existem, estão apenas nos aspectos periféricos do filme."*

Kyle MacLachlan

por A.M.B.

purificadas, tudo pareceria como é: infinito.") O menino Jim se iluminou com um Xamã nas planícies do Novo México e morreu tragicamente numa banheira parisiense aos 27 anos.

Não deixa de ser estranho que o narrador no cinema, desse flerte homérico e trágico entre rock e poesia, tenha sido justamente Oliver Stone (após o namoro de Brian De Palma, Francis Coppola e Scorsese com o projeto), o diretor do dramático *Platoon* e dos polêmicos *Wall Street*, *Salvador*, *O Martírio de um Povo* e *Nascido a 4 de Julho*. Stone baseou-se no livro *No One Gets Out of Here Alive*, de Jerry Hopkins, biografia de Morrison publicada em 1980, cujos direitos foram adquiridos pelo produtor Bill Graham em 1985. Formado em Cinema pela Universidade de Nova York, ele foi o roteirista de *O Expresso da Meia-Noite* e *Scarface*. Homem bem-nascido de Manhattan (de origem judaica e francesa), o diretor se notabilizou pelos roteiros politizados e filmes com temas controvertidos e quentes.

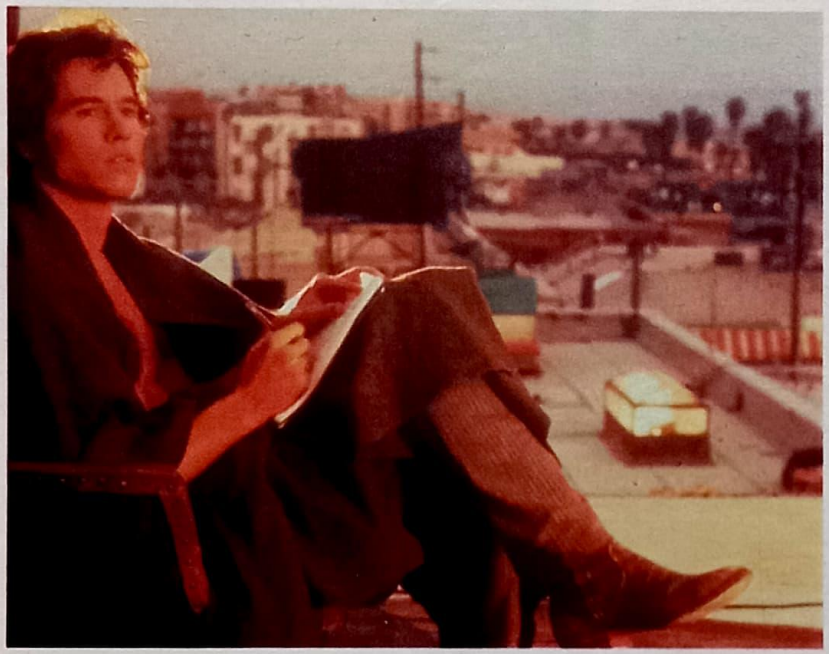
ANJO CAÍDO — Stone ouviu The Doors pela primeira vez em 1967 quando servia no Vietnã (onde foi ferido e condecorado) e ficou impressionado com a visão apocalíptica, o erotismo e a postura diferente da de outros grupos: "A música de Morrison representa, até hoje, a busca de uma nova consciência e de novos patamares de liberdade".

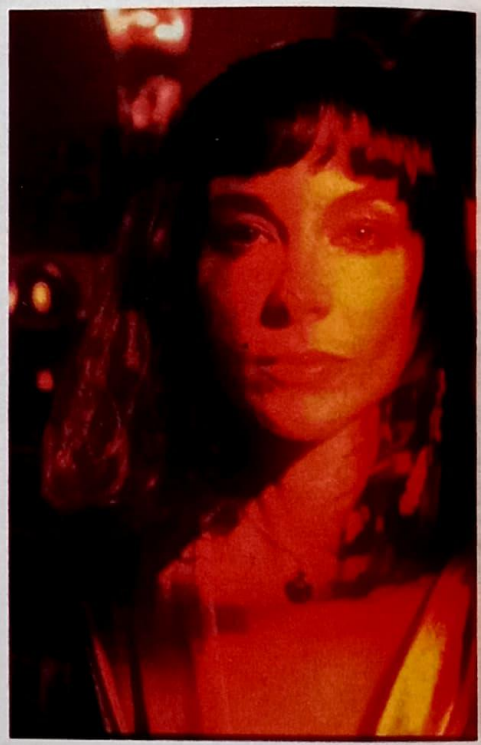
Com uma reconstituição caprichadíssima, 40 milhões de dólares (Stone cercou-se de *experts* em anos 60 e efeitos da Light & Magic) e um protagonista — Val Kilmer (espadachim de *Willow*) — que fisicamente é o próprio xerox do *band-leader* mitológico (além de um ator de primeira), o diretor articulou com fervor essa *trip* em celulóide, centrando-se nas questões cruciais que fizeram os Doors não serem apenas "mais uma" banda na história do rock. Profundamente inflamado e dado a excessos, lembranças vitais e rupturas (como expressa na bela canção "Break on Through": "Ainda se lembra quando nós chorávamos?"), Morrison cresceu entre obsessões freudianas (como as que desabafa em "The End"), envolvendo-se com misticismo indí-

gena e drogas, chaves da abertura espiritual. Numa sintética seqüência ao som de "The End", Stone joga todo esse elenco de referências básicas na construção do mito e *sex symbol* Morrison, cavaleiro da tormenta do sonho hippie, delirando entre desertos e *great golden copulations* (como diz no poema "Uma Oração Americana"). Suas atitudes chegaram a afrontar bastante o *establishment*, provocando repressão policial, a vigilância do FBI e um processo, além de boicotes em rádios e gravadoras. Uma das seqüências traz sua famigerada *indecent exposure* — o concerto em Miami em que abaixa as calças ao som de "Touch Me". Ele tinha uma insolência que a indústria da música e a mídia nunca domaram. Uma musicalidade, uma verdade e uma essencialidade que o tornou singular. Mas o anjo caído nunca sabia a hora de parar, e não parou.

Muitos dos problemas do filme são decorrentes dos próprios limites de Stone. Dada à expiação da *mea culpa* social e a generalizações (às vezes nada sutis), a câmara do diretor parece ter dificuldade em enfrentar (com riqueza cinematográfica) as infinitas possibilidades que o tema oferece. Apesar de contar direitinho a história, em várias seqüências Stone fica preso aos clichês da fórmula *sex, drugs and rock and roll*, pontuados por um "contexto" (guerras, movimentos políticos etc.). Certas declarações de Stone sobre seu filme, revelam uma visão que captura Morrison num modelo engajado, mas "assimilável": "Morrison foi um soldado que transcendeu as fronteiras da mente em nome da arte. Ele foi um guerreiro, um buscador, um poeta na linha de frente, cuja obra sempre enfocou sexo e drogas, dois temas que qualquer rapaz que esteve no Vietnã conhece melhor que ninguém".

HETEROSSEXUAL — A decadência física após um estrelato perturbador, que culmina na morte (ainda discutida) de colapso cardíaco, em 1971, além da vida confusa com a namorada Pamela (Meg Ryan), transformada por Stone em mais boazinha do que fora na vida real, completam o co-





Morrison (Kilmer) nos tempos de poeta rimbaudiano, antes da fama, à esquerda. Abaixo, em seqüência, as excentricidades no palco, que acabaram em escândalo e cadeia

Fotos Columbia Tri-Star

quetel. Em parte limitado pelos produtores (eles não quiseram encrenca com os pais de Pamela Courson, que morreu de overdose em 1974), Stone foi discreto ao abordar a vida íntima do *popstar*, criando um ídolo hedonista, descontrolado, mulherengo e "indubitavelmente" heterossexual. O carismático líder de um grupo nascido mais para a eternidade, após um brilho fugaz, do que para a fortuna e o êxito mundial em vida (como Beatles, Stones, Who etc.). O filme satura um pouco ao insistir nas imagens de lassidão à beira do abismo e baixo-astral *junkie* de um deus cambaleante, de cabelos desregrados e calça de

As mulheres de Morrison: a editora de *Jazz & Pop*, Patricia (Kathleen Quinlan), com quem o rapaz se casa num cerimonial de magia negra, à esquerda. Pam (Meg Ryan) era a outra, mais constante, abaixo

JIM MORRISON E OS DOORS

"Jim marcou seu ponto, ele dirigiu sua vida completamente. Eu acho que ele tinha 60 anos quando morreu. Ele estava exausto. O primeiro ato havia acabado, e se houvesse um segundo, ele teria voltado como um cineasta ou um escritor, talvez um Hemingway."

Oliver Stone

"Ele realmente acreditou que — William Blake disse isso — a trilha do excesso conduz à torre da sabedoria. Como Rimbaud, ele optou procurar pelo espiritual através do corpo."

Val Kilmer

"Ele estava com a gente e era muito popular, tentando entender e procurar o sentido da dor e da morte. A nação inteira estava tentando entender e procurar algum sentido para a dor e a morte causadas pela Guerra do Vietnã."

Meg Ryan

"As letras das canções, em sua maioria, eram dele. Ele era o homem de frente, obviamente recebendo todas as atenções. Os Doors realmente tentaram ultrapassar seus limites, independente dos limites da época."

Kyle MacLachlan

Declarações a Ana Maria Bahiana, em L.A.

couro; mas sua honestidade é exemplar na criação de um filme-homenagem.

Stone é um historiador competente e bom narrador, mas não tem nada de genial ou perigoso (como certa parte da imprensa o pintou). Foi extremamente feliz na seqüência em que mostra o encontro de Morrison com o glacial e estranho Andy Warhol (Crispin Glover, perfeito) e sua corte mundana da Factory. E ao registrar um certo túmulo pichado e florido no cemitério francês Père Lachaise, onde o poeta dissoluto e pagão repousa ao lado de Balzac, Oscar Wilde, Marcel Proust e Edith Piaf, entre outros nomes divinos. O homem que escreveu que "enquanto o corpo é devastado, o espírito fica mais forte", certamente descansa em ótima companhia.

Antonio Querino Neto

The Doors, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Oliver Stone ■ Com Val Kilmer, Frank Whaley, Kevin Dillon, Kyle MacLachlan, Billy Idol, Meg Ryan, Kathleen Quinlan ■ ROTEIRO: J. Randal Johnson e Oliver Stone ■ FOTOGRAFIA: Robert Richardson ■ PRODUÇÃO MUSICAL: Paul A. Rothchild ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Barbara Ling ■ MONTAGEM: David Brenner e Joe Hutshing ■ DIREÇÃO DE ARTE: Larry Fulton ■ DURAÇÃO: 135 min. ■ PRODUÇÃO: Bill Graham, Sasha Harari e A. Kitman Ho para a Carolco Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

AS PORTAS ENTRE O REAL E A FANTASIA

Nem sempre a vida de um rockstar *dá um bom filme. Sexo, drogas, rock'n'roll e outras mazelas do* show business *tendem a ser glamourizados e excessivamente dramatizados, privilegiando-se o mito em torno do artista em detrimento da narrativa dos fatos e, mais importante, às vezes até do próprio aspecto musical. Os exemplos vão desde as várias tralhas feitas sobre Elvis depois de sua morte, até histórias "inspiradas" protagonizadas por personagens reais como* The Rose *(Janis Joplin),* One Trick Pony *(Paul Simon) ou* Purple Rain *(Prince). Biografias cinematográficas como* The Buddy Holly Story *(Buddy Holly),* La Bamba *(Ritchie Valens),* Great Balls of Fire *(Jerry Lee Lewis) ou* Sid and Nancy *(Sex Pistols) foram, em maior ou menor grau, algumas das que mais se aproximaram do universo de cada um dos astros focalizados. No entanto, nenhuma delas com o cuidado e a autenticidade de* The Doors.

O filme de Oliver Stone é meticuloso nos mínimos detalhes. Reconstitui com perfeição a trajetória meteórica de Jim Morrison e sua turma durante a conturbada segunda metade dos anos 60 e início dos 70. O assunto, em si, já é fascinante e havia voltado à tona em 80, quando foi lançado o livro No One Gets Out of Here Alive, *biografia dos Doors escrita por Jerry Hopkins e Danny Sugarman. Sua publicação fez com que álbuns e coletâneas do grupo retornassem às paradas americanas na época, o que ocorre novamente agora em maior escala com o lançamento do filme e de sua conseqüente trilha sonora.*

Todas as principais passagens do livro são retratadas com extrema fidelidade por Stone: desde os malfadados tempos de Jim como estudante de Cinema (quando de um encontro na praia com seu colega Ray Manzarek surgiu a idéia de formar uma banda), passando por seu apogeu à frente dos Doors, até o declínio da imagem de sex symbol *e os últimos dias em Paris, o panorama geral do filme é irretocável. Escândalos famosos como o de 1967 em New Haven (onde foi impedido de terminar um show por dirigir provocações à polícia) ou o de 1969 em Miami (quando foi preso e processado por "simular masturbação e* fellatio *com o guitarrista Robby Krieger no palco) são encaixados com naturalidade dentro da trama global. O mesmo pode-se dizer da relação de Jim com sua namorada, Pamela Courson, e de seu tempestuoso caso com a editora do magazine* Jazz & Pop, *Patricia Kennealy, ou até do enfoque dado ao seu pesado envolvimento com drogas e bebidas ao longo do filme.*

Outro ponto relevante é o elenco. Val Kilmer está absolutamente idêntico a Jim, não só nos vocais e nas performances como nos próprios trejeitos e modo de falar. Os outros membros do grupo também são caracterizados a contento, bem como Pamela, Patricia, o empresário Paul A. Rothchild e até de nomes notórios como o de Andy Warhol (numa hilária personificação) e da superstar *Nico — a única exceção, mais próxima de uma chacrete que da musa nórdica original.*

Na parte musical, a inserção do repertório original dos Doors é das mais inspiradas. Já na abertura com "Riders on the Storm" (tocada enquanto o menino Jim atravessa o deserto de carro com seus pais), ou no primeiro ensaio em que executam "Light My Fire" e mesmo na fase terminal do grupo, durante as gravações de "L.A. Woman", músicas originais e eventuais regravações são mescladas com total precisão. O ponto alto dessa combinação talvez esteja em "The End", canção já usada com tanta propriedade por Francis Ford Coppola para iniciar o seu Apocalypse Now. *Essa longa odisséia edipiana dos Doors é apresentada na íntegra num dos momentos mais emblemáticos do filme, justamente quando o grupo fora expulso aos berros pelos proprietários do Whiskey-a-Go-Go, onde se apresentava, logo depois de Jim ter cantado a letra completa, terminada com um sonoro "Mother, I want to fuck you!...".*

É claro que a própria figura de Jim Morrison, o "Rei Lagarto", um autoproclamado xamã, interessado "principalmente na desordem e no caos", se prestaria a mil interpretações fantasistas, mas Oliver Stone soube representá-la de forma bem convincente.

Celso Pucci

Columbia Tri-Star

Os paralelos: caras de uns e focinhos de outros. Kilmer e MacLachlan (os dois extremos, ao lado) se parecem mais com os originais Morrison e Manzarek (os dois da direita na foto abaixo)

Stills

ROBIN HOOD

O herói dos ladrões

A aventura
O romance
A lenda

PATRICK BERGIN
UMA THURMAN

Dirigido por
JOHN IRVIN

LANÇAMENTO NÁCIONAL 17 DE MAIO

20th Century Fox

A história de um homem
cuja ternura
era fora do comum.

Edward, MÃOS DE TESOURA

Inocência
é o que ele conhece.

Beleza é o que ela vê.

TWENTIETH CENTURY FOX apresenta
um filme de TIM BURTON
JOHNNY DEPP • WINONA RYDER

(EDWARD SCISSORHANDS)

20th Century Fox

LANÇAMENTO NACIONAL 24 DE MAIO

MICHAEL J. FOX
PETER PAN CRESCEU

O pequeno ator aprendeu a fórmula para manter o equilíbrio na indústria cinematográfica: fazer de seu talento uma máquina de render não só dinheiro mas também reconhecimento artístico

"Sabe que você é a cara daquele ator de cinema?", dispara a menina, genuinamente surpresa. "Só que você é mais baixinho do que ele."

Minutos mais tarde, um gângster adolescente tem a mesma impressão: "Você é igualzinho a ele... Só que é mais branco".

O motivo das comparações é Nick Lang, superastro de Hollywood especializado em filmes de ação popularíssimos, mas de quociente intelectual nulo. Acuado pelo estereótipo de herói cinematográfico que ele mesmo ajudou a construir, por mais que sua conta bancária diga que não é necessário, Lang está de mal com seu passado de ídolo das massas e quer provar ao mundo a tota-

lidade de seu talento dramático: Lang quer fazer um filme "sério" para ser levado a sério.

O papel de Nick Lang cai como luva em Michael J. Fox, ídolo de TV e cinema que, eventualmente, se desvia de suas viagens no tempo para injetar uma dose de "credibilidade" em sua carreira com filmes mais sóbrios (*Pecados de Guerra, Luz da Fama* e *Nova York , uma Cidade em Delírio*). É um jogo de espelhos inteligente, proposto pelo diretor John Badham (o mesmo de *Os Embalos de Sábado à Noite, Jogos de Guerra, Short Circuit — O Incrível Robô*), que coloca o público numa posição privilegiada: a de ver Fox rir de si mesmo.

Ao emparelhar John Moss, o policial (James Woods) com Nick Lang, o diretor John Badham achou um (bom) pretexto satirizar clichês de Hollywood que raramente aparecem nas telas, sempre restritos aos bastidores e às páginas dos *trade papers* que alimentam a indústria. Enquanto Moss se embola na investigação de uma série de assassinatos cometidos por um mesmo criminoso, que se apresenta como "o arrombador de festas", Lang desembarca em Nova York disposto a "pesquisar" a vida perigosa do policial para ver se derrota seu maior inimigo — Mel Gibson — na disputa do que seria o primeiro papel "sério" de sua carreira. Entram em choque, então, o zelo grosseiro do policial e a eterna fantasia do ator, que confunde a vida real com cenas de filme.

SET — *Nick Lang — seu papel em* The Hard Way *— sofre por não conseguir ser levado a sério como ator. Ele quer parar de fazer filmes leves, descartáveis, e busca uma oportunidade para demonstrar seu verdadeiro talento dramático. Você vê paralelos entre a carreira de Lang e a sua?*

MICHAEL J. FOX — É engraçado como as coisas se misturam. Esse filme me deu várias oportunidades. Por um lado, pude dizer ao público e, de certa forma, à imprensa que sei muito bem da minha situação. Tanto que consigo ter distanciamento suficiente para rir dela. Por outro, possivelmente criou-se uma situação irônica: por que você acha que a *sua* percepção de jornalista vai impedir que eu faça o melhor trabalho da minha carreira? Aí mesmo é que vou fazer chacota disso e, de fato, criar o meu melhor trabalho. O importante é ter ciência disso. O que fazer então? Sou o carinha acessível que todo mundo acha que conhece, sou um escoteiro, sou o vizinho de todos. Pois pegue esse cara e o coloque no meio do inferno, no meio da Guerra do Vietnã, que foi o que fizemos em *Pecados de Guerra*. Funcionou, serviu ao filme.

SET — *Seria destrutivo para sua carreira lutar contra essa percepção do público e combatê-la?*

FOX — Claro! Primeiro, porque você não aproveitaria a vida, e não se daria conta da sorte que tem de ter chegado onde chegou. Segundo, estaria fazendo pouco do público, não estaria dando tudo de si, que é o mínimo que você pode fazer. Depois de *De Volta para o Futuro* fiz *Luz da Fama*, um filme antiético, o oposto (do outro). Foi de propósito. Se tivesse feito *O Menino Willie e Seu Cão Invisível*, ou coisa assim, seria o mesmo que dizer: "Aí, valeu a grana. Passa mais um pouco pra cá". Resolvi, ao contrário, fazer algo completamente diferente. Penso assim: quando você tem um sucesso como *De Volta para o Futuro*, vão deixar você fazer três outros filmes a seu gosto. Então sai um *Luz da Fama*, que não deu muito dinheiro, sai um *Nova York , uma Cidade em Delírio*, que não deu dinheiro, um *Pecados de Guerra*, que não deu dinheiro. E aí você faz as duas outras partes de *De Volta para o Futuro* e, juntas, elas rendem mais de 300 milhões de dólares. Então você "ganhou" mais três filmes. Agora, foi muito divertido fazer *The Hard Way*. É quase uma mistura de *De Volta para o Futuro* e *O Segredo do Meu Sucesso*. E vejo Nick Lang como tudo o que eu poderia ter sido caso não viesse de uma família sólida. Ele está completamente perdido, se empapuçando de fama, não vê como a vida dele é absurda, não entende por que não consegue ser uma pessoa "normal".

SET — *É salutar ver uma pessoa de tanto sucesso rir da fama e do poder de Hollywood, dentro de uma indústria que se leva tão a sério. Foi atraente para você poder fazer essa brincadeira de tornar hilariante a busca do sucesso?*

FOX — Mas é claro — sempre achei engraçada a maneira como tudo (em Hollywood) é levado tão a sério. Para todos os envolvidos — diretores, atores, produtores etc. — é tudo uma questão de vida ou morte, quando, na verdade, estamos simplesmente fazendo filmes. Como quando éramos crianças e ficávamos brincando... "Agora você é isso, e eu sou aquilo". É só o que fazemos. E ainda somos pagos por isso — com direito a bolinhos de graça.

SET — *Uma de suas "vítimas" em* The Hard Way *é Mel Gibson — ele e Nick Lang estão disputando um mesmo papel num filme dramático. Curiosamente, agora mesmo saiu* Hamlet, *com Mel. Você tem vontade de representar Shakespeare?*

FOX — Não seria mau, embora me veja mais como (o Elfo) Puck do que como Hamlet. Shakespeare tem comédias ótimas. E, por falar nisso, sou o maior fã de Mel Gibson, acho que ele é tão bom nas comédias quanto nos filmes dramáticos. Adorei a atitude dele: "Sabia que vou fazer Hamlet? Tentem me impedir". Adorei. Gostaria que eu tivesse dito isso.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Fotos UIP

Fox tenta pegar os macetes da profissão de policial com James Woods, em *The Hard Way*. Finalidade: destroçar, com uma atuação "estudada", a concorrência para um papel sério

The Hard Way, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: John Badham ■ Com Michael J. Fox, James Woods, Stephen Lang, Annabella Sciorra, John Capodice, Luis Guzman, L L Cool J, Mary Mara, Delroy Lindo, Conrad Roberts, Christina Ricci, Penny Marshall ■ ROTEIRO: Daniel Pyne, Lem Dobbs, baseado em história de Lem Dobbs e Michael Kozoll ■ FOTOGRAFIA: Don McAlpine, Robert Primes ■ MONTAGEM: Frank Morriss, Tony Lombardo ■ MÚSICA: Arthur B. Rubinstein ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Philip Harrison ■ FIGURINOS: Mary Vogt ■ PRODUÇÃO: Badham/Cohen Group-William Sackhein para a Universal ■ DURAÇÃO: 111 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

DILETO E SACRA

Kevin Costner, g
tatuetas, foi a rev
Oscar-91. Surpres
ção ao ainda des

Foi o que se esperava: Kevin Costner chegou, viu, venceu. Não as doze indicações, que isso ninguém antecipava, mesmo, mas quase: sete, inclusive as duas mais importantes, melhor filme e melhor diretor, para *Dança com Lobos*. Apenas quem está longe do dia-a-dia de Hollywood contava com resultado diferente: aqui, como poucas vezes no passado recente, o favoritismo era unânime e crescente. Principalmente depois da vitória nos prêmios da Director's Guild of America, Costner era mencionado em tons tão laudatórios, respeitosos e emocionados que ele parecia até ter sido guinado ao estágio de santidade — São Costner, salvador dos índios e do bom cinema americano.

A feia fofoca armada em torno de seu crédito como diretor não chegou sequer a balançar sua auréola — ou suas chances de levar para casa uma impressionante coleção de estatuetas douradas. Discutiu-se muito, nos dias anteriores ao Oscar, se o fato de Costner ser tão grato ao diretor inglês Kevin Reynolds — ele vive repetindo que fez *Robin Hood* para "retribuir um favor" ao amigo — não revelaria algo mais que bons sentimentos. Costner não estaria pagando a Reynolds o fato dele lhe ter dado seu primeiro papel digno de nota, em *Fandango*, mas sim sua contribuição como real diretor de

O herói de mãos cheias: Costner exibe suas láureas. Abaixo, Gregory Peck, o cicerone na homenagem à Sophia Loren

Sygma

Stills

MENTADO

ificado com sete es-
ção mais óbvia deste
Só mesmo a premia-
hecido cinema suíço

Dança com Lobos.

No fim da história, toda a equipe de *Wolves* — altamente premiada, da fotografia de Dean Semler à trilha sonora de John Barry — saiu em defesa de Costner: Reynolds teria dirigido, durante duas semanas, cenas de "segunda unidade", material complementar como paisagens, animais, poentes. Coisa normal. No Brasil, Babenco contratou Roberto Gervitz *(Feliz Ano Velho)* para ser o diretor de "segunda unidade" de *Brincando nos Campos do Senhor*. Ironicamente, uma das cenas atribuídas a Reynolds — a espetacular caçada aos búfalos — foi o clip escolhido pela produção da festa para representar *Dança com Lobos* na noite do Oscar...

O resto foi, mais ou menos, silêncio. *O Poderoso Chefão — Parte III* implodiu como previsto, mas *Os Bons Companheiros* teve uma implosão ainda mais dramática — porque se acreditava que o filme de Scorsese era o único com reais condições de enfrentar o estouro de Costner: uma única estatueta, para o coadjuvante Joe Pesci. Até o imprevisível *Ghost* saiu-se melhor: prêmio (esperado) para uma emocionada Whoopi Goldberg, atriz coadjuvante e prêmio (inesperado, mas muito cabalado) para o roteiro de Bruce Joel Rubin. *Dick Tracy* ficou na praia que se esperava: a técnica/musical, com melhor canção (interpretada por uma Madonna inexplicavelmente nervosa), maquiagem e direção de arte. Mesmo nas áreas dramáticas, em que a competição era maior — e onde *Dança* tinha menos chances — os favoritos predominaram: Jeremy Irons por *O Reverso da Fortuna*, Kathy Bates por *Misery*, a repetição exata, mais uma vez, das escolhas dos Golden Globes.

Aqui, alguns reflexos do baile:

★ Xavier Coller, diretor do filme suíço *Journey of Hope*, estava visivelmente surpreso com sua própria vitória — seu filme, um drama, inspirado em fatos reais, sobre a trágica emigração de turcos para a Suíça — foi o azarão total, desbancando os favoritos *Cyrano de Bergerac*, *Ju Dou* e *Uma Cidade Sem Passado*. "Estou mais que surpreso — estou chocado. Só espero, agora, que os políticos suíços se convençam de que o cinema suíço realmente existe."

★ Aos pedacinhos, em diferentes momentos da noite, Costner, o editor Neil Travis e o diretor de fotografia Dean Semler revelaram o que existia na primeira versão de *Dança com Lobos*, com quatro horas de duração: cenas de amor entre Dunbar e "De Pé com Punhos Cerrados", e a história do que aconteceu aos ocupantes do posto-fantasma onde o personagem de Costner se aquartela.

★ Oscar é boa ocasião para divulgar novos projetos — como disse Billy Crystal (que badalou seu novo filme, a comédia/western *City Slickers)*: "Um bilhão de pessoas está assistindo, eu sou maluco?" Whoopi Goldberg falou de *Soapdish*, uma comédia com Sally Field e Carrie Fisher, na qual ela faz "uma pontinha". E Jeremy Irons encheu a bola de Steve Soderbergh e seu *Kafka* — no qual Irons faz o papel-título: "É uma fantasia sobre algo que poderia ter acontecido na vida de Kafka, mas não aconteceu. É puramente ficção".

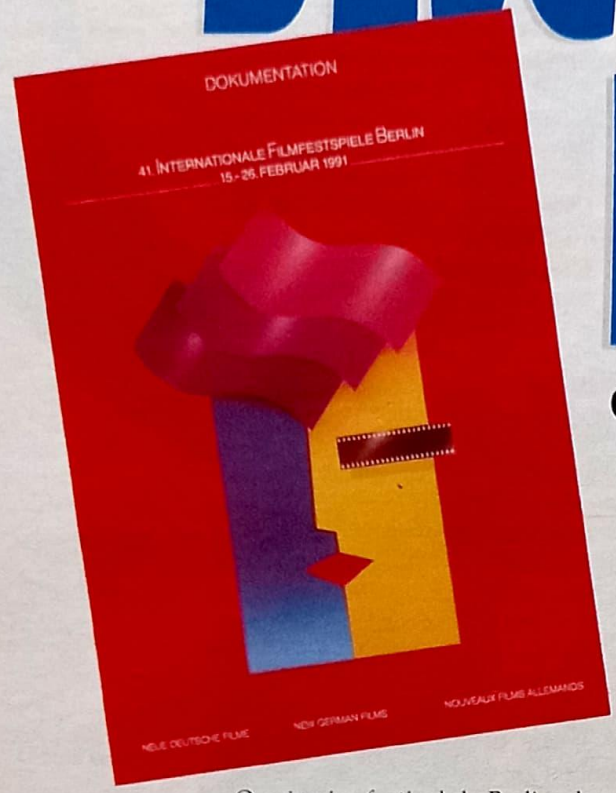
★ A melhor definição da noite ficou por conta de Bruce Joel Rubin, Oscar de roteiro original por *Ghost:* "Meu filme não era bem um minestrone, com um pouco de cada coisa. Mas era uma sopinha caseira bem gostosa e bem diferente de comida enlatada".

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

OS PREMIADOS

FILME: Dança com Lobos ● DIRETOR: *Kevin Costner* (Dança com Lobos) ● ATOR: *Jeremy Irons* (O Reverso da Fortuna) ● ATRIZ: *Kathy Bates* (Misery) ● ATOR COADJUVANTE: *Joe Pesci* (Os Bons Companheiros) ● ATRIZ COADJUVANTE: *Whoopi Goldberg* (Ghost — Do Outro Lado da Vida) ● FILME ESTRANGEIRO: Journey of Hope, *de Xavier Coller* (Suíça) ● ROTEIRO ORIGINAL: *Bruce Joel Rubin* (Ghost — Do Outro Lado da Vida) ● ROTEIRO ADAPTADO: *Michael Blake* (Dança com Lobos) ● FOTOGRAFIA: *Dean Semler* (Dança com Lobos) ● FIGURINO: *Franca Squarciapino* (Cyrano de Bergerac) ● MONTAGEM: *Neil Travis* (Dança com Lobos) ● MAQUIAGEM: *John Caglione Jr. e Doug Drexler* (Dick Tracy) ● DIREÇÃO DE ARTE: *Richard Sylbert e Rick Simpson* (Dick Tracy) ● TRILHA SONORA: *John Barry* (Dança com Lobos) ● CANÇÃO: *"Sooner or Later (I Always Get My Man)", de Stephen Sondhein* (Dick Tracy) ● EFEITOS VISUAIS: *Eric Brevig, R. Bottin, T. McGovern e A. Funke* (O Vingador do Futuro) ● SOM: *Russell Willians, Jeffrey Perkins, Bill Benton e Greg Watkins* (Dança com Lobos) ● EFEITOS SONOROS: *Cecilia Hall e George Waters* (A Caçada ao Outubro Vermelho) ● DESENHO ANIMADO DE CURTA-METRAGEM: Creature Comforts, *de Nick Park* ● DOCUMENTÁRIO DE LONGA-METRAGEM: Sonho Americano, *de Barbara Kuple e Arthur Cohn* ● DOCUMENTÁRIO DE CURTA-METRAGEM: Days of Wainting, *de Steven Okazaki* ● HONORÁRIOS: *Sophia Loren e Myrna Loy* ● PRÊMIO IRVING G. THALBERG: *Richard Zanuck e David Brown* (produtores)

DESCOMPASSO HISTÓRICO



O 41º Festival de Berlim, ultrapassado pelo ritmo da história, disputou audiência com a Guerra no Golfo exibida pela TV

O primeiro festival de Berlim da Alemanha reunificada viu à última hora esvair-se o simbolismo diante da concorrência hipnótica da Guerra no Golfo. A tecnocruzada contra Saddam Hussein espetacularizou como nunca a aldeia informativa global, monopolizando corações e mentes. Pra que cinema, se a CNN despejava em cada sala vinte e quatro horas de videogames reais?

Como reconheceu à SET Hans-Joachim Schlegel, da comissão organizadora, cogitou-se mesmo o cancelamento do 41.º Festival Internacional de Cinema de Berlim, mas de 15 a 26 de fevereiro último a "Berlinale" acabou acontecendo. O esvaziamento previsto, dado o temor de atentados terroristas, não se confirmou, apesar da ausência de estrelas, como Kevin Costner, Jonathan Demme e Robert Mitchum. Acabaram faltando a Berlim-91 muito mais que mega-astros e cinetubarões. Faltou, isso sim, cinema do bom.

A "Berlinale" confirmou-se assim como mais um festival em busca de fôlego novo. Desde sua criação, em 1951, e sobretudo depois da ampla reforma hollywoodófoba de 1971, a mostra tem se mantido entre as principais do mundo (ao lado de Cannes e Veneza) ao funcionar como grande vitrine do cinema alternativo. Os filmes experimentais, a produção do Terceiro Mundo e sobretudo a da agora agonizante galáxia soviética sempre tiveram em Berlim destaque incomum, merecendo inclusive, além da presença na competição, uma seção cativa: o Fórum Internacional do Cinema Jovem.

Sediado numa ilha libertária cercada pela mais concreta e grafitada cortina de ferro, Berlim naturalmente sofreu como nenhum outro festival o impacto da revolução democrática de 1989 no Leste europeu. Mas o declínio do império soviético, e o conseqüente desmonte das estruturas estatais de fomento ao cinema de Varsóvia a Bucareste, não representa a causa isolada para a crise que vitima o festival. Assiste-se há tempos, também na esfera cinematográfica, a um processo de estandartização internacional similar ao vivido nos campos político e econômico. A progressiva hegemonia de regimes democráticos capitalistas parece ter sido prenunciada, na esfera do imaginário, por curva semelhante no mercado de cinema, em favor da produção neo-ilusionista de estirpe hollywoodiana. É tão idiota falar em "fim da História" quanto em "morte da vanguarda", mas é inegável que, enquanto a Guerra no Golfo exibiu os músculos históricos em plena tensão, a cena fílmica mundial vem ano a ano acompanhando um experimentalismo de cadavérica palidez. Berlim-91 não foi diferente.

APATIA CRIATIVA — O perfil ortodoxo da competição oficial sinalizou desde logo esse processo. O respeito absoluto ao legado griffithiano suplantou as potenciais especificidades nacionais e autorais dos 25 competidores ao Urso de Ouro (entre os quais quinze filmes europeus e três americanos). De revisitas a Édipo (*O Milagre*, de Neil Jordan) a épicos latinos (*Cabeza de Vaca*, de Nicolas Echevarria); de cineterapias explícitas (*A Condenação*, de Marco Bellocchio) a thrillers pós-guerra fria (*A Casa da Rússia*, de Fred Schepisi); de odes à velhice (*A Casa do Sorriso*, de Marco Ferreri) a afrescos bertoluccianos (*Li Lianyng, o Eunuco Impe-*

rial, de Tian Zhuangzhuang); competências artesanais à parte, Berlim-91 fez desfilar o mesmo figurino ilusionista.

À timidez formal somou-se a apatia criativa. A quadragésima primeira "Berlinale" foi, nas palavras da crítica italiana Irene Bignardi (*La Repubblica*), "o festival do cinema mediano". Obras-primas? Bem, sim, houve uma, italiana, curiosamente o único dos quatro concorrentes italianos esquecido pelo júri. *A Viagem do Capitão Fracassa* (*Il Viaggio di Capitain Fracassa*), milionária versão do romance de Theóphile Gauthier que já fora transposto para as telas por Abel Gance e Alberto Cavalcanti, entre outros, é a seqüência de *Casanova e a Revolução* (*La Nuit des Varènnes*, 1980) que Ettore Scola nos ficou devendo por toda uma década.

Não se trata propriamente de uma continuação, mas sim de uma obra complementar. Depois de discutir as relações entre a História e o homem comum a partir dos bastidores da Revolução Francesa, Scola examina agora os laços entre a Arte e cada miserável mortal através das desventuras de um grupo de teatro mambembe do século XVII. Imagine o santo cruzamento de *Casanova e a Revolução* com o monumental *O Boulevard do Crime* (*Les Enfants du Paradis*, 1945) de Marcel Carné — é nada menos que isso que o novo Scola nos oferece e que Berlim-91 deixou passar em branco.

Fotos Festival de Berlim

Syoma

O humor grotesco de *A Casa do Sorriso* (superestimado) deu a Marco Ferreri o Urso de Ouro, acima. Ao lado, Ornella Mutti em *A Viagem do Capitão Fracassa*: Ettore Scola garante a única obra-prima de Berlim-91

GÊNERO AGÔNICO — Scola foi clamorosamente tungado, mas ficou em boa companhia. Os quatro outros destaques da mostra competitiva ficaram com prêmios menores de consolação, ou foram simplesmente esquecidos. Foi esse o caso de *Boa Noite, Herr Wallenberg*, em que o sueco Kjell Grede reconstitui com crueza menos a trajetória do herói antinazista Raoul Wallenberg do que a execução sumária de judeus na Budapeste de 1944.

O Urso de Prata especial concedido a Kevin Costner por sua "incomum contribuição como ator, produtor e diretor" de *Dança com Lobos* soou como provocação barata para aquele que devolveu fôlego a um gênero agônico. Não menos que inexplicável foi a concessão feita com o Urso de Prata de melhor diretor para o italiano Ricky Tognazzi (filho do célebre ator morto há pouco) e ao americano Jonathan Demme. Tognazzi torturou a platéia berlinense com um filminho à moda neo-realista sobre os "hooligans" italianos. Demme atinge o pico de sua carreira com o perturbador e algo

OS VENCEDORES

URSO DE OURO:
Melhor filme: A Casa do Sorriso, de Marco Ferreri (Itália)
URSOS DE PRATA:
Melhor diretor: Ricky Tognazzi, por *Ultra* (Itália), e Jonathan Demme, por *O Silêncio dos Inocentes* (EUA)
Melhor atriz: Victoria Abril, por *Os Amantes* (Espanha)
Melhor ator: Maynard Eziashi, por *Mr. Johnson* (Inglaterra)
Performance excepcional como ator, produtor e diretor: Kevin Costner, por *Dança com Lobos* (EUA)
Prêmio Especial do Júri: A Condenação, de Marco Bellocchio (Itália) e *Satanás*, de Victor Aristov (URSS)

languiano *O Silêncio dos Inocentes* (*The Silence of the Lambs*). Equiparálos foi puro e simples escárnio.

Também *Amantes*, do veterano espanhol Vicente Aranda, levou o prêmio errado. Victoria Abril (a atriz de *Ata-me!*) está convincente como a viúva-negra que vira a cabeça de um jovem recém-egresso da escola militar, mas essa incomum tragédia amorosa se sustenta sobretudo pelo tratamento sóbrio imprimido por seu diretor. Aranda nos lembra que transcende e muito à trajetória de Almodóvar e Saura o interesse do atual cinema espanhol.

OBRA MENOR — Mas Berlim-91 preferiu saudar o decadente cinema italiano, que acumulou três dos grandes prêmios. Além do de Tognazzi, Marco Bellocchio (*A Condenação*) repartiu com o soviético Victor Aristov (*Satanás*) o Prêmio Especial do Júri. E Marco Ferreri levou o Urso de Ouro pela irregular tragicomédia *A Casa do Sorriso* (que fora esnobada no ano passado pelo Festival de Veneza) e "pelo conjunto de sua obra". *A Casa do Sorriso* recicla o humor grotesco de Ferreri (*A Comilança*) narrando um triângulo amoroso entre idosos de um asilo. O desaparecimento de uma dentadura é um dos motores da trama — é preciso dizer mais?

Premiações à parte, quem procurou o futuro do cinema em Berlim-91 o encontrou fora e não dentro das telas. Francis Ford Coppola rompeu a modorra e quebrou a paranóia antiterrorista comparecendo a uma histórica coletiva sobre o "hours-concours" *O Poderoso Chefão — Parte III*. Ladeado pela filha Sofia (atriz, por enquanto) e pelo pai, Carmine (compositor), Coppola tratou seu novo filme como uma obra menor e fez de sua intervenção o verdadeiro espetáculo. Simpático e brilhante, entusiasmou-se para falar do cinema de amanhã: "Estamos caminhando para uma nova arte. Quando vejo a cobertura dada pela CNN à Guerra no Golfo, penso neste novo tipo de arte do século XXI, uma telearte ao vivo para o mundo inteiro". Foi o único momento em que Berlim-91 lembrou-se do cinema como arte em movimento.

Amir Labaki

Fox

Ao lado, *Mister Johnson* deu a Maynard Eziashi o título de melhor ator

MOSTRAS PARALELAS

O restante da "Berlinale" tampouco empolgou. No Fórum Internacional do Cinema Jovem, foi o veterano Marcel Ophuls (Hotel Terminus) *que roubou a cena com* Dias de Novembro (November Days), *que parece ser o documentário definitivo sobre a reunificação alemã. A mesma mostra confirmou o finlandês Aki Kaurismaki como o novo sucessor de Wenders, e Jarmusch como "darling" da mídia mundial. Merece: o seu* Contratei um Matador de Aluguel (I Hired a Contract Killer) *tempera com saudável auto-ironia um estilo seco, lacônico e preciso que já virou grife. Menos sorte teve seu irmão Mika, que cedeu ao mais primário trop-exoticismo em* Amazônia (Amazon).

O Fórum exibiu ainda, com relativo sucesso, o único longa-metragem brasileiro em Berlim, o documentário Uma Avenida Chamada Brasil, *de Octavio Bezerra. Mas emplacar, emplacou mesmo o cubano* Alice en el Pueblo de Maravillas, *que valeu a Daniel Diaz Torrez não poucas comparações com Tomás Gutiérrez Alea* (Memórias do Subdesenvolvimento). *Sem maior impacto, os últimos Derek Jarman* (The Garden), *Alexander Sokurov* (O Terceiro Círculo) *e Nanni Moretti* (La Cosa) *garantiam alguns portos seguros (em geral mutuamente excludentes) na programação. Diversão certa mesmo, só nas retrospectivas dedicadas ao cinema da Guerra Fria e aos filmes de Robert Mitchum e Jane Russell. E, isolado no "Panorama", o último Stephen Frears:* The Grifters, *a literatura cínica e misantropa de Jim Thompson transformada no filme* noir *mais contundente de anos.* A.L.

Festival de Berlim

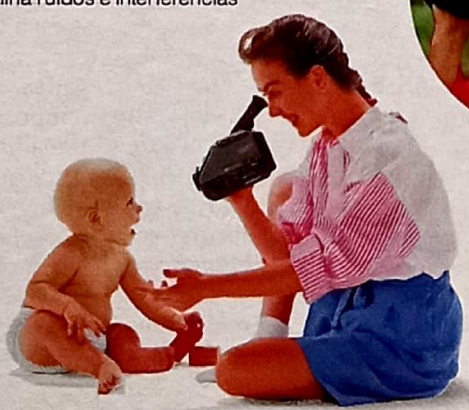
Victoria Abril, à direita, a melhor atriz por *Os Amantes*. Abaixo, prêmio especial para *A Condenação*, de Marco Bellocchio

Istituto Luce

Emoção tamanho família.

Na palma da mão
Super compacta, super leve, ergonométrica, a videomovie GR-AX 70UM da JVC oferece grandes recursos para que você possa gravar tudo, sem perder nenhum detalhe: zoom que vai de um plano geral ao close; inserção de data e títulos gráficos coloridos; cabeça apagadora rotativa que elimina ruídos e interferências

entre duas cenas; altíssima sensibilidade (3 lux), que permite gravações até mesmo com a iluminação de um simples abajur. Tudo, em apenas um toque.



No seu estilo de vida.
GR-AX 70UM cai como uma luva no seu jeito de viver. Muito prática e fácil de operar, permite gravar com absoluta rapidez e perfeição de imagens, os momentos mais importantes de sua vida. Ideal para viagens e aventuras. GR-AX 70UM COMPACT VIDEOMOVIE. Guarde para sempre emoções tamanho família.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011) 815-9144

JVC®

UMA CILADA PARA HOLLYWOOD

Antes mesmo de quase ser arrasada pela concorrência da televisão, a florescente Hollywood da idade do ouro — a década de 40 — ainda teve de enfrentar um outro inimigo: o feroz anticomunismo dos anos da guerra fria, que transformou a indústria num cenário de perseguições e intolerância

Mais de 400 filmes em um único ano. Cinqüenta milhões de espectadores por semana. Lucros brutos anuais de 700 milhões de dólares. Mais salas de exibição (cerca de 15 000) do que agências bancárias em todo o país! Se o fabuloso "arsenal" de Hollywood nos primeiros anos da década de 40 não bastasse para pôr em polvorosa a imaginação de qualquer político, decerto o carisma da *meca do cinema* o faria: um pólo conhecido por ditar modas e manias — a ponto de fazer os gangsters, por exemplo, adotarem o figurino popularizado por George Raft, o gângster das telas (e que realmente tinha algumas conexões no submundo). Quem criou a gravata-branca-sobre-a-camisa-preta e os grunhidos ameaçadores foi Hollywood...

Quando, em maio de 1947, o presidente do HUAC — House Un-American Activities Commitee —, o sinistro Comitê do Congresso para Atividades Antiamericanas, J. Parnell Thomas, chegou à cidade para suas investigações sobre a influência dos comunistas na produção cinematográfica, ninguém levou a ameaça muito a sério. Afinal, o Comitê, criado na década de 30, já havia feito investidas em 1938 e 1940, quando seu presidente era o congressista texano Martin Dies. Na primeira vez, Dies expôs-se ao ridículo ao incluir, entre os eventuais colaboradores da "subversão", Shirley Temple — quando a atriz de *A Mascote do Regimento* tinha dez anos... Da segunda, provocou a aparição de pelo menos um dedo-duro, um ex-secretário do PC local expulso em 1937, cujo depoimento, estrategicamente vazado para a imprensa, incluía entre os *vermelhos* os nomes de Humphrey Bogart e James Cagney. Jimmy e Bogie, entre outros acusados, concordaram em falar ao Comitê, em meio ao berreiro dos liberais e das declarações da Associação dos Produtores Cinematográficos, que exigia que o Congresso "não duvidasse de seu americanismo". Dies mais uma vez foi embora inocentando os "suspeitos".

CAÇA ÀS BRUXAS — Em 1947, porém, a conjuntura era notavelmente diferente. As acusações de Thomas, que falava em "centenas de comunistas importantes em Hollywood", soavam ridículas como sempre, mas o final da guerra e do governo democrata de Roosevelt, o avanço do clima de guerra fria e a ampla vitória dos republicanos nas eleições de 1946 estavam criando, desta vez, condições para uma caça às bruxas mais bem-sucedida. Não que não houvesse comunistas em Hollywood — mas, em quantidade e em qualidade, a fraca intervenção do PC americano não era motivo para sustos. O ultraliberal John Huston diz que não resistiu a assistir a uma ou duas reuniões deles, e que lhe pareceu sobretudo ingênuo e deslocado ver aquelas pessoas ali, numa mansão hollywoodiana, sabatinando-se sobre *O Capital*... Lillian Hellman, a dramaturga, roteirista, companheira de Dashiell Hammett e aguerrida militante socialista — supostamente independente, diria coisa parecida em seu interrogatório de 1952: "Quase todos os comunistas que eu já encontrara eram pessoas que queriam formar um mundo melhor; muitos eram tolos, e alguns genuinamente malucos, mas isso não é motivo para denúncias nem constitui razão suficiente para entregá-los à punição de homens que nada mais querem do que manchetes de primeira página que ajudem suas próprias carreiras".

De resto, eram bem poucos os comunistas locais "de carteirinha" — depois de todas as perseguições e sem provas, o Comitê do Congresso havia conseguido "identificar" pouco mais de 300 pessoas ligadas ao partido, em qualquer tempo, em um universo de 30 mil trabalhadores. E se na atividade sindical eles freqüentemente eram menos eficientes que os próprios gangsters e suas gestões corruptas, na "luta ideológica" não terão conseguido emplacar um único filme que possa ser considerado propaganda eficiente...

ÁGUA E VINHO — De fato, o cinema de Hollywood e as "ideologias exóticas" sempre foram como

água e vinho. Toda a liberdade que Hollywood chegou a gozar até a década de 50 sempre se traduziu muito mais como alegre inconseqüência do que qualquer forma de contestação política. Para além das tais sabatinas, as atividades mais visíveis dos *vermelhos* — como a direita paranóica classificava, no mesmo saco, qualquer tipo de esquerdista, liberal ou mero bem-intencionado — eram a constituição de inúmeros comitês de cunho democrático: a Liga Antinazista, a Liga pela Ação Democrática, a Associação Americana para Proteção de Estrangeiros e tantas outras que viriam figurar nos autos de acusação como embriões de *soviets* ou coisa pior.

A rápida mudança de atitude dos *tycoons*, os magnatas da indústria, que não só não saíram, desta vez, em defesa de seus contratados, como demitiram os mais notórios e logo fizeram circular as famigeradas *listas negras*, pode ter

LFI

Acima, a aprovação da lei de ajuda anticomunista em Washington, 1948. Nixon, o terceiro da fila, ajudou na cachorrada contra os amigos dos collies, como Cagney, e dos boxers, como Bogart. Ai que sono!

LFI

servido para resolver questões de outra ordem. Para além do fato de que o verdadeiro comando da indústria não estava em Hollywood, mas em Wall Street — que não tinha a menor razão para alimentar o "espírito de porco" demonstrado dentro dos estúdios num primeiro momento —, realmente talvez fosse necessário, na visão dos chefões dos estúdios, enquadrar certos talentos mais rebeldes.

Apesar do conhecimento quase mágico que professavam do gosto do público, vários dos chefes de produção não eram muito mais razoáveis negociantes — o segredo da "magia" consistia meramente em acertar, entre as centenas de filmes anuais (aí incluídas algumas dezenas de erros, casuísmos e projetos absurdos), uma meia dúzia que caísse realmente no gosto público. Mas para mover essa enorme máquina era necessária, também, mão-de-obra sofisticada: uma primeira leva de escritores e dramaturgos foi "importada" já no surgimento do cinema falado para providenciar "bons diálogos"; os refugiados europeus de guerra e os projetos de teatro popular e engajado, impulsionados no *New Deal* de Roosevelt (e primeiro terreno fértil para as perseguições do então Comitê Dies), providenciaram outras safras. Em que outra cidade do mundo, dominada pela jequice e sem a menor tradição cutural, poderiam ser encontrados lado a lado nomes como o de Faulkner, Brecht, Hitchcock, Thomas Manr Chaplin, Ingrid Bergman e o *enfant terrible* Orson Welles?

OS DEZ — O caso de Brecht é um dos mais notáveis exemplos dessa incompatibilidade — "o maior dramaturgo que havia num raio de mil quilômetros de Hollywood" (Otto Friedrich, em *A Cidade das Redes*), e também o marxista mais notório, não teve, em seis longos anos de EUA, nenhum roteiro seu filmado, ainda que tenha trabalhado em diversos projetos. Partiu, escorraçado pelas investigações, rumo a Berlim, em fins de 1947, como o "11.º dos Dez de Hollywood". Os Dez: a infamante pecha que arrastou alguns roteiristas talentosos, como Dalton Trumbo, e outros nem tanto, como Alvah Bessie (a lista completa incluía John Howard Lawsar, Albert Maltz, Samuel Ornitz, Herbert Biberman, Lester Cole, Ring Lardner Jr., Adrian Scott e Edward Dmytryk, o único diretor desse primeiro grupo, e que viria, mais tarde, a se tornar um dos mais célebres dedos-duros).

Protagonistas do episódio inaugural das perseguições, os Dez — todos eles efetivamente ligados ao PC — escudaram-se na legalidade do partido e na inconstitucionalidade do Comitê, invocando a Primeira Emenda (aquela que garante ao cidadão a liberdade de filiação política) e recusando-se a responder aos interrogatórios. Mas uma lei excepcional, a Smith Act, oportunamente desencavada pelo Comitê, permitia-lhe perseguir as organizações ou indivíduos que supostamente pregassem a derrubada do governo americano.

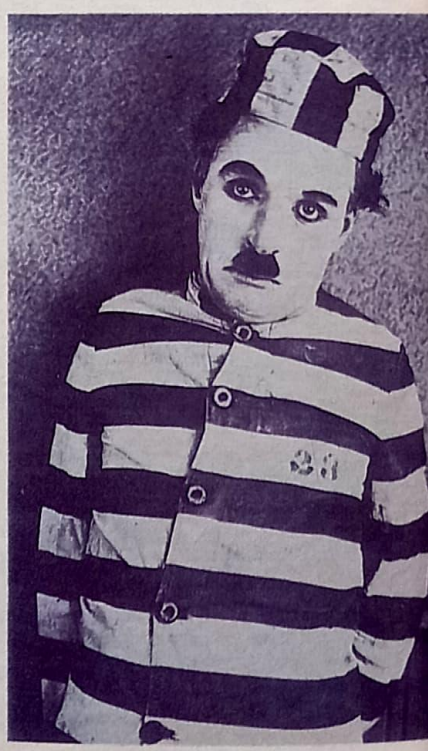
A gota d'água, entretanto, foi erro tático dos Dez e de outras testemunhas "não-amigáveis": Washington não era Hollywood, e, num jogo de cena armado pelos parlamentares (inclusive o mais furioso deles, um jovem advogado chamado Richard Nixon), a simpatia que a opinião pública poderia ter pelos criadores de sonhos esboroou-se num triste embate ridículo, em que todos eles, frente às câmeras, bateram boca com seus inquisitores, negando a legitimidade do Comitê. Afeita às tramas e à fantasia, Hollywood não percebeu que não detinha o monopólio da farsa: se até o governo e o Exército

JARGÃO CONVINCENTE

Fernando Peixoto é diretor de teatro e cinema, ex-jornalista e apaixonado pelo trabalho de Brecht. Foram exatamente os anos do alemão em Hollywood que primeiro despertaram seu interesse sobre a caça às bruxas nos EUA — devidamente exportada para a América Latina como item da doutrina de Segurança Nacional, que não poucas vítimas fez também por aqui.

Partindo de um bom material documentando a época — gravações e transcrições dos interrogatórios, registros oficiais e biografias dos envolvidos —, Peixoto compõe um painel humano e esclarecedor, bastante complementar ao descortinado por Otto Friedrich em A Cidade das Redes — Hollywood nos Anos 40, *o outro livro disponível no Brasil que mais se estende sobre a questão. É que Friedrich, se alinhava centenas de fatos e dados em sua reportagem abundante, não deixa de destilar, às vezes, certos preconceitos contra personalidades atacadas nos processos, como o casal Dashiell Hammett e Lillian Hellman e o próprio Brecht. Episódios como o dos durões Dash-Lillian, em oposição ao dilema de delatores como Dmytryk e Elia Kazan, dão a dimensão heróica ou trágica das perseguições. Descontado o jargão de esquerda,* Hollywood: Episódios da Histeria Anticomunista *é uma reflexão valiosa e sobretudo generosa sobre a grandeza da arte e a mesquinharia da indústria.* A.A.

Hollywood: Episódios da Histeria Anticomunista — Fernando Peixoto — Ed. Paz e Terra, 189 págs. Cr$ 2 200,00



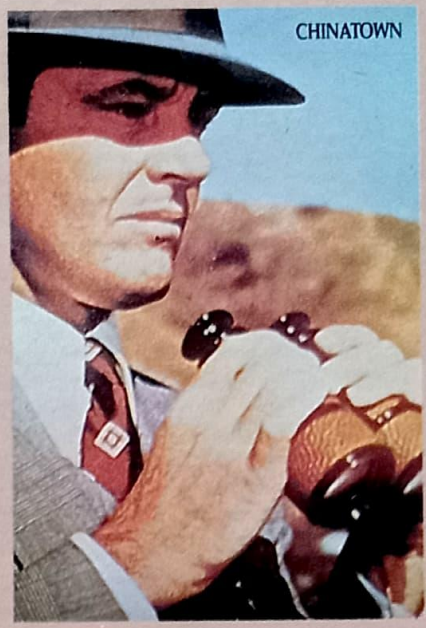
Chaplin, tal qual aparece em *O Circo* (1928), não conseguiu seu visto de retorno aos EUA, na década de 50

estavam sendo expurgados, o cinema não escaparia. Numa tentativa de evitar o "grande vexame nacional", em suas próprias palavras, John Huston, à época vice-presidente da Liga dos Diretores, formou com dezenas de personalidades o Comitê pela Primeira Emenda em defesa da Constituição e dos direitos dos acusados. Huston, Bogart, Gershwin, Gene Kelly, Danny Kaye, John Garfield e muitos outros partiram para Washington com as "testemunhas" — em pouco tempo, todos eles também seriam inquiridos —, mas a atitude evasiva dos não-amigáveis logo provocou a melancólica dispersão do grupo. Bogart chegou a declarar que tinha sido "manobrado", e para deixar as coisas bem claras publicou um artigo: "Nunca Fui Comunista"...

CANÇÃO DA RÚSSIA — Somavam-se evidências grotescas de subversão, como os filmes *Missão em Moscou* e *Canção da Rússia* — parte da atividade de guerra encomendada pelo presidente Roosevelt, aliás outro "esquerdista", que morreu e escapou bem a tempo —, mas principalmente o incentivo irrestrito à deduragem: à certa altura, só se escapava das acusações apontando outros suspeitos. O Comitê, mais tarde com o senador Joe MacCarthy à frente (Parnell Thomas, ele mesmo, acabaria preso por corrupção!), destruiria ainda mais muitas carreiras, várias reputações e até algumas vidas. Gente como Huston e Welles deu um jeito de se autoexilar; outros seriam expulsos do país, como Chaplin; ou suportariam anos arrasados pelas perseguições constantes, como Dashiell Hammett. Poucos foram felizes nesses episódios. Ronald Reagan, depois soube-se, apresentou-se como voluntário ao FBI para auxiliar nas investigações — e ainda arranjou uma esposa quando tentava, na qualidade de sindicalista leal à América, tirar o nome de Nancy Davis da lista negra (onde não havia, realmente, nenhuma razão para ela estar). Casaram-se em 1952. Definitivamente, Hollywood e os EUA nunca mais seriam os mesmos.

Alex Antunes

LFI



Insert

A CONSPIRAÇÃO DO BARULHO

Hollywood, se foi vista como a "capital da subversão" no período que veio a ser conhecido como o do *macartismo*, também nunca deixou de enxergar tramas e tramóias no país, no governo... e em Hollywood! Uma seleção de oito complôs, disponíveis em vídeo, que misturam política, mídia e corrupção

A TRAMA
(The Parallax View, EUA, 1974) Direção: Alan J. Pakula. Com Warren Beatty, William Daniels. CIC.
Um assunto de mórbido fascínio para os americanos — o assassinato dos Kennedy, o presidente John e o senador Robert — foi o ponto de partida para o livro de Loren Singer, que inspirou Pakula em um de seus melhores filmes, ou talvez o melhor deles. A vítima, aqui, é o senador Carroll, candidato, como Robert Kennedy, à indicação democrata para as eleições presidenciais. E, como no caso de John Kennedy, o suposto assassino morre em seguida, sem que se comprovem ligações suas com qualquer organização. Igualmente real é o fato de que várias testemunhas vão tendo morte súbita — supostamente não-criminosa. Mas um jornalista que não acredita em coincidências (Beatty) investiga o caso até chegar à corporação Parallax, onde se envolve na mais fantástica trama. Pakula, em pleno domínio da linguagem, inscreve várias seqüências na história do suspense, quase sem a utilização de falas e até sem a utilização de qualquer som. Memorável também é o psicoteste que a Parallax aplica em seus contratados, um perturbador audiovisual pleno de ressonâncias edipianas, misóginas e fascistas.
Outras especulações aparecem no clássico de Frankenheimer, *Sob o Domínio do Mal*, e em três bons filmes disponíveis em vídeo: *Atraiçoados* (de Costa-Gavras), *Morte no Inverno* (de William Richert, baseado em uma paródia de Richard Condon, o mesmo escritor de *O Poderoso Prizzi*) e *Por Trás de um Assassinato*, de William Tannen.

CHINATOWN
(EUA, 1974) Direção: Roman Polanski. Com Jack Nicholson, Faye Dunaway, John Huston. CIC.
Hollywood expia seu pecado original, ironicamente pelas mãos de um dos mais perversos diretores europeus. O roteiro de Robert Towne faz menção aos escândalos do começo do século, quando o irlandês William Mulhoulland, "dono" do Departamento de Águas, enganou os fazendeiros do vale de Owens, a quatrocentos quilômetros de Hollywood, e roubou sua água, canalizando-a para Los Angeles — eternamente vitimada pela seca. O detalhe é que a água também serviu para transformar o árido vale de San

UMA CILADA PARA HOLLYWOOD

Fernando, depois anexado por Los Angeles, em uma área valorizadíssima, cujas terras tinham sido compradas a preço de areia... À maneira de Chandler, um policial *noir* (em que as lentes alaranjadas fazem perfeitamente a função do preto-e-branco) impregnado de corrupção, violência e sexo. Interpretações memoráveis de Nicholson, Faye e John Huston (como o coronel Noah Cross, inspirado em Mulhoulland), além de uma ponta clássica do próprio Polanski, em que ele retalha, a faca, o nariz do detetive (que Nicholson volta a interpretar em *The Two Jakes*, recém-realizado).

Morte em Hollywood e *Assassinato em Hollywood*, ambos com James Garner no papel de detetive, são outros petiscos sangrentos sobre a capital do cinema.

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE

(All the President's Men, EUA, 1976) Direção: Alan J. Pakula. Com Robert Redford, Dustin Hoffman, Jason Robards Jr., Jack Warden, Hall Hallbrock, Martin Balsam. Warner.

Pakula de novo, desta feita dirigindo uma história sem disfarces, que poderia ser subtitulada *A Vingança de Hollywood*. Afinal, é visão romanceada (não muito) de como os jornalistas Woodward (Redford) e Bernstein (Hoffman) conseguiram derrubar aquele deputado hidrófobo do comitê anticomunista, Richard Nixon, que, entretanto, tinha chegado à presidência — mas sem abdicar de seus métodos criminosos de intimidação. Em junho de 1972, uma quadrilha penetrou na sede do Partido Democrata em Washington, para "grampear" os telefones. Forçando — e muito — a barra, os repórteres do *Washington Post* vão estabelecer as ligações dos invasores com escalões cada vez mais altos do Partido Republicano, desnudando finalmente um dispositivo de espionagem política e forçando a renúncia do próprio presidente, naquele que ficou conhecido como o "Caso Watergate". A realidade, aqui, se revela (felizmente) bem menos soturna do que a ficção — o que não quer dizer que Woodward e Bernstein não estiveram a ponto de acabar com a boca cheia de formiga (e o filme bem o sugere). Robards Jr., excelente, foi Oscar de ator coadjuvante como o editor Ben Bradlee, do *Post*.

UM TIRO NA NOITE

(Blow Out, EUA, 1981) Direção: Brian De Palma. Com John Travolta, Nancy Allen, John Lithgow. Globo Vídeo.

De Palma, em plena forma, mistura o Antonioni de *Blow Up*, os Kennedy de novo, e ainda por cima arranca o melhor desempenho de Nancy Allen e Travolta. Ele é um técnico de som que, por acaso, grava os ruídos do acidente de carro que mata um senador, virtual candidato à presidência pelo Partido Democrata — além de salvar a acompanhante do político, uma prostituta de luxo (referência ao acidente de Ted Kennedy em Chapaqquidick, em que morreu sua secretária e amante, comprometendo sua carreira). Como em *Blow Up*, a testemunha quer provar com seus registros que presenciou um assassinato: Travolta pensa que gravou um tiro contra o pneu do carro, e chega à sofisticação de animar uma série de fotografias do desastre para comprovar sua tese. John Lithgow faz um assassino psicótico a serviço da corrupção. Um filme curiosíssimo sobre a própria técnica do cinema, parecida às vezes com a história do espião de outro thriller imperdível: *A Conversação*, de Coppola.

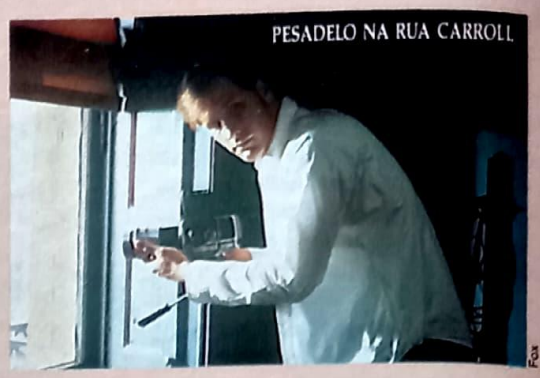
Sipa-Press

UM TIRO NA NOITE

O CASAL OSTERMAN

(The Osterman Weekend, EUA, 1983) Direção: Sam Peckinpah. Com Rutger Hauer, John Hurt, Craig T. Nelson, Meg Foster, Dennis Hopper, Chris Sarandon. VTI.

Uma história intrincadíssima (extraída do livro homônimo de Robert Lundlun) para o último e magnífico filme de Peckinpah. Um espião americano (Hurt) cuja esposa foi morta pela KGB, em conluio com a CIA, arrasta o chefe da agência (Lancaster, um senador com pretensões presidenciais) em uma trama de desmascaramento. Para isso convence um sensacionalista apresentador de TV (Hauer) que seus amigos podem ser espiões russos... Perfeito domínio da narrativa, com exuberante utilização do vídeo (através do qual as missões são controladas e gravadas), um jogo interminável de evidências contraditórias — que exigem absoluta atenção do espectador — e um grande elenco, tudo explodindo nas seqüências finais de violência quase gráfica, típica do diretor.



PESADELO NA RUA CARROLL

Fox

FX — ASSASSINATO SEM MORTE

(F/X, EUA, 1986) Direção: Robert Mandel. Com Bryan Brown, Brian Dennehy, Cliff DeYoung, Mason Adams, Diane Venora, Jerry Orbach. LK-Tel/Columbia.

Outro técnico de cinema, (Brown), desta vez um especialista em efeitos especiais, envolvido em trama sinistra. Convidado para simular o assassinato de um mafioso, protegido pelo serviço de transferência de testemunhas do Depto. de Justiça, ele mesmo logo se vê perseguido e ameaçado de morte. E usa seu maravilhoso arsenal de efeitos — que rendem as seqüências mais criativas do filme — para escapar, enquanto tenta entender o que é que realmente está acontecendo. O engraçado é que o técnico de efeitos do próprio filme, John Stears (oscareado por *Thunderball* e *Guerra nas Estrelas)* conta que já foi abordado três vezes com propostas semelhantes... Um *cult* irônico e fascinante.

UMA CILADA PARA ROGER RABBIT

(Who Framed Roger Rabbit, EUA, 1988) Direção: Robert Zemeckis. Com Bob Hoskins, Christopher Lloyd. Warner.

À maneira de *Chinatown*, um detetive de adultérios tem suas fotos comprometedoras utilizadas para detonar uma trama de assassinato e corrupção. Menos inocente do que parece, a história *noir* de Roger Rabbit se revela um caso de opressão contra um grupo de nítidos contornos "raciais" (a pele *colored*, aqui, nunca foi tão colorida...) e "ideológicos" (militantes empedernidos... da palhaçada). Por trás da perseguição aos cartuns, um juiz corrupto, o maligno Doom, revela uma malevolência e uma perversão hitlerianas. Chega a ser assustador.

PESADELO NA RUA CARROLL

(The House on Carroll Street, EUA, 1988) Direção: Peter Yates. Com Kelly McGillis, Jeff Daniels, Mandy Patinkin, Jessica Tandy. Globo Vídeo.

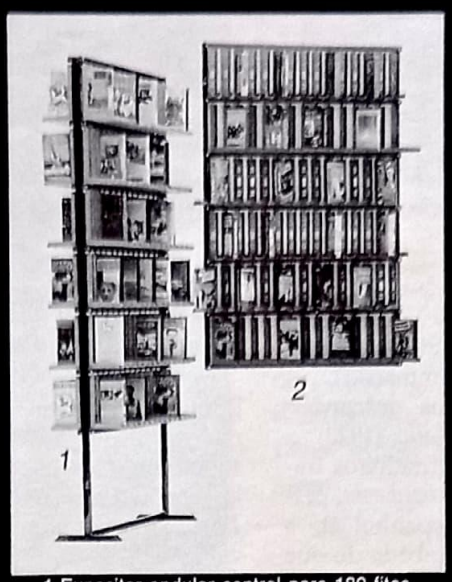
O roteirista Walter Bernstein, que sentiu na pele as perseguições do macartismo, já se vingou amplamente no enredo de *Testa de Ferro por Acaso* (infelizmente não disponível em vídeo), contando a história de um pseudo-escritor que empresta seu nome aos roteiristas da lista negra, e agora no deste *Pesadelo*. Uma seqüência inicial mostra uma inquirição do Comitê do Senado, em que a interrogada (Kelly) se recusa a revelar os nomes dos colaboradores de um grupo de intervenção democrática, o Liberty Watch, e fica sob investigação do FBI — situação vivida, entre outros, por Dashiell Hammett. Quando ela perde seu emprego de editora-assistente da revista *Life*, o acaso a leva às vizinhanças de uma casa onde acontecem misteriosas reuniões com estrangeiros, com a presença de seu próprio inquiridor, o parlamentar Ray Salwen (Patinkin). Mesclando à perfeição a reconstituição da política hipócrita do período, romance (entre a editora e o seu próprio perseguidor, o agente do FBI vivido por Jeff Daniels) e suspense francamente hitchcockiano, Yates limpa um pouco a barra de seu próprio anticomunismo, destilado em *Eleni*. Um thriller sutil e memorável. *A.A.*

VÍDEO LOCADORA, UM NEGÓCIO SIMPLES E LUCRATIVO!!!
A TZ TEM TUDO PARA VOCÊ MONTAR, EQUIPAR OU MODIFICAR SUA VÍDEO LOCADORA.

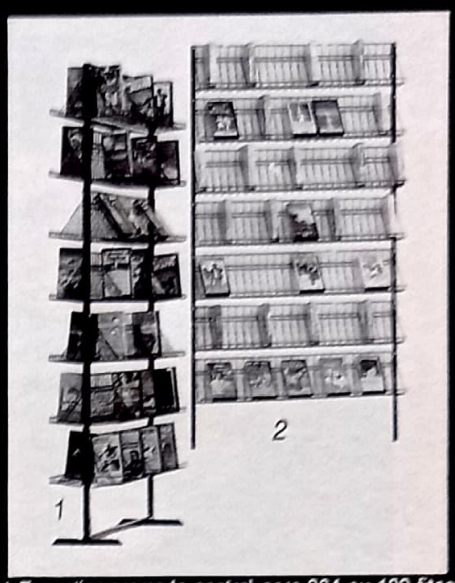
Atendimento de 2ª a sábado, das 8 às 19 horas.

— Estojos para fitas (vários modelos)
- Ficha de cadastro de clientes com contrato de locação
- Protetor para ficha de cadastro
- Bloco de comanda (recibo de entrega)
- Etiqueta protetora de Selo do Concine
- Fichas "T" Sinopse
- Protetor para Ficha "T"
- Chapeiras (Fichário)
- Controle de saída de filmes
- Etiquetas diversas
- Carteirinha de sócio (com protetor plástico)
- Sacolas

E muito mais...
Para maiores informações, enviamos via correio mostruário e relação completa de acessórios



1 Expositor ondular central para 180 fitas
2 Expositor ondular de parede para 90 fitas



1 Expositor aramado central para 364 ou 182 fitas
2 Expositor aramado de parede para 182 ou 56 fitas

TZ®

Rua dos Buritis, 436 — São Paulo — CEP 04321
ESTAÇÃO JABAQUARA DO METRÔ
Tel.: (011) 578-7277

(Não temos representantes).
Faça seu pedido por telefone ou pessoalmente.
Despachamos para todo o Brasil
mediante ordem de pagamento.

FIQUE A MIL

EM MATÉRIA DE FILMES

Em maio, você vai poder ficar por dentro do que existe de mais interessante em fitas de vídeo: nesse mês sai a edição semestral atualizada do GUIA 1000 VÍDEOS.

Nele você vai encontrar todos os tipos de filmes, selecionados por gênero, com uma sinopse contendo o que você precisa saber sobre cada título. E o guia inclui índice por diretores e atores, para facilitar ainda mais as coisas.

VEM AÍ
1000 VÍDEOS
EM BRANCO.

NÃO DEIXE ISSO PASSAR

CINCH

EDITORA AZUL

Relançadas com cópias novas quatro obras-primas do diretor espanhol

LUIS BUÑUEL

Esse Obscuro Objeto do Desejo, O Fantasma da Liberdade, O Discreto Charme da Burguesia, O Estranho Caminho de São Tiago

Elogio da transgressão, a obra de Luis Buñuel (1900-1983), revela a fidelidade de um autor radical às suas primeiras iluminações. A poesia explosiva dos desconcertantes *Um Cão Andaluz* (1928) e *L'Age D'Or* (1930), verdadeiros tratados de surrealismo *hard core*, perseguiu o cineasta espanhol até a sua (mais aberta e acabada do que as obras iniciais) trilogia final, composta por *O Discreto Charme da Burguesia*, *O Fantasma da Liberdade* e *Esse Obscuro Objeto do Desejo*. Nesse percurso de mais de trinta filmes, está a integridade de um cineasta que, apesar de ter refinado seu humor e sua linguagem, nunca desertou da subversão permanente do exercício da heresia. Selvagens no âmago e realmente libertários, os filmes de Buñuel refletem uma constante inquietação com a fé, a morte e o erotismo; assim como uma visão de arte não como veículo ou instrumento, mas enquanto manifestação plena do ser — um ideário intrinsecamente surrealista.

Dentro da divisão que o próprio Buñuel fez de seus filmes, em surrealistas (*O Anjo Exterminador*, por exemplo), realistas (*Tristana*) e teológicos, *O Estranho Caminho de São Tiago* se enquadra no último nível ao lado de *Simão do Deserto*, revelando, talvez pelo avesso, mais do que qualquer outro, as marcas de sua formação jesuítica nas imagens de um Salvador cínico que guia os cegos para um abismo e se barbeia diante da Virgem Maria. Quanto mais se assiste a essa parábola iconoclasta, esse tratado sobre as preocupações anticlericais de um "ateu, graças a Deus" (um paradoxo tipicamente espanhol!), mais o anátema de filmes bem-comportados, como *Je Vous Salue Marie* e *A Última Tentação de Cristo*, parece mesmo um disparate surreal, perto do que Buñuel fez!

Os episódios que compõem o elíptico *O Fantasma da Liberdade* comprovam que, se a liberdade é um fantasma na sociedade burguesa, não é de forma alguma no universo buñueleano.

Dos cavalheiros e senhoras que defecam durante uma formal refeição e almoçam secretamente nos banheiros (como se o cineasta tentasse nos acordar com uma inversão chocante) às tropas de Luis Bonaparte, que ocupam Toledo, assegurando a "liberdade de exploração"; e em outra época, aos animais de um zoológico que se libertam das jaulas entre tiros e sob gritos de "Viva las cadenas", Buñuel parece operar com uma espécie de utopia em negativo: é a não-liberdade, de homens aparentemente livres que comprovam o desejo de liberdade.

Em *O Discreto Charme da Burguesia*, com sua armação anti-racional, Buñuel entra literalmente no inconsciente da classe dominante, mostrando, com uma narrativa labiríntica, sonhos e pesadelos que se interpenetram, incluindo ditaduras sul-americanas, guerrilhas etc. Num deles, os personagens estão numa mesa, e o cenário se abre como se todos estivessem num palco representando uma peça cujo texto desconhecem. Um casal anfitrião vive interrompendo o jantar que promove para subir ao quarto e fazer sexo; e, sem mais nem menos, soldados em manobra acabam ocupando a casa. Um filme elaboradíssimo, no qual Buñuel trabalhou dois anos e meio com o roteirista Jean-Claude Carrière e que abocanhou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1972, homenagem que o velho inconformista (que nunca se tornou um diretor "hollywoodiano" como outros europeus e que freqüentou a lista negra nos EUA

Pandora

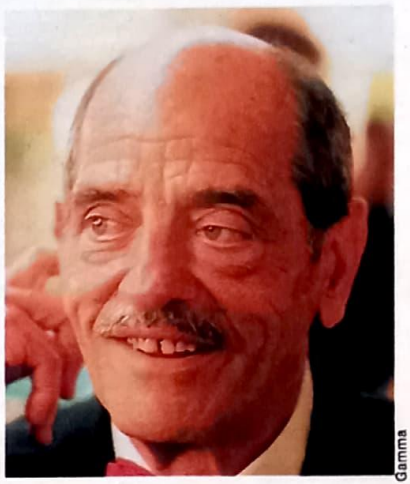
A face mais *caliente* de Conchita, em *Esse Obscuro Objeto do Desejo*, pertence a Angela Molina

Abaixo, personagens de *O Fantasma da Liberdade* prestes a perderem a liberdade de viver pela ponta das baionetas

Pandora

Fox

Acima, o charme da burguesia não se sustenta e desaba indiscretamente no chão. O sorriso faceiro e ingênuo, à direita, de Luis Buñuel



Gamma

por ateísmo e por assinar um manifesto contra a bomba atômica) desprezou olimpicamente.

ANARQUISTA — Se pouca coisa consegue *épater le bourgeois*, é porque a "opacidade" social, o embaralhamento real/irreal e a alucinação são as bases de seu horizonte. A impossibilidade de cumprir situações corriqueiras é uma obsessão, genialmente trabalhada em *O Anjo Exterminador* e *O Discreto Charme da Burguesia*, que está sempre presente. Outras vezes, é um pormenorzinho fora do lugar que contamina toda uma estrutura aparentemente lógica em situações-limites. Falando da barbárie das relações humanas na qual ninguém escapa da contaminação, o cinema do anarquista Buñuel é filhote de um movimento que, operando com vetores como o humor negro, o amor louco, a gratuidade, o acaso e a crueldade (na cola de Sade), queria "mudar a vida". Se não conseguiu fazer dessa vida uma outra, a obra do cineasta, em sua cosmovisão, revela sem se trair, em sua última fase, a mesma inquietação em denunciar as amarras racionais e morais.

Logo após *O Fantasma da Liberdade*, Buñuel, ao ameaçar se aposentar, foi convencido pelo produtor Serge Silberman a voltar à ação. Mergulhou no conto *La Femme et le Pantin*, do escritor francês Pierre Louys, e engendrou *Esse Obscuro Objeto do Desejo*, seu último trabalho e um dos melhores, considerado pela revista *Time* como um dos "dez maiores filmes da década de 70", ao lado de *O Discreto Charme...* Como não poderia deixar de ser, o milagre e a magia do desejo são o fio condutor da trama sobre um homem de meia-idade (Fernando Rey), que vive em um mundo indiferente a ataques terroristas, cujo "objeto", uma jovem sensual interpretada por Carole Bouquet e Angela Molina, vive escapando de suas mãos. Por que uma personagem desdobrada em duas atrizes? Como bom surrealista, Buñuel deu uma das suas "explicações" que nada explicam, assegurando que devido à desistência de Maria Schneider, que iria fazer o papel, foi obrigado a trocá-la por duas (?!). O objeto do desejo parece ser como a verdade, que Buñuel disse ser contra todos que acreditam tê-la encontrado e a favor dos que a buscam: se desloca quando dele nos aproximamos.

Antonio Querino Neto

La Voie Lacté, França, 1969 ■ DIREÇÃO: Luis Buñuel ■ Com Paul Frankeur, Laurent Terzieff, Alan Cuny, Edith Scob, Bernard Verley, François.Maistre ■ ROTEIRO: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière ■ FOTOGRAFIA: Christian Matres ■ MÚSICA: Luis Buñuel ■ MONTAGEM: Louisette Hautecoeur ■ DURAÇÃO: 106 min. ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Serge Silberman ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Le Charme Discret de la Bourgeoisie, França, 1972 ■ DIREÇÃO: Luis Buñuel ■ Com Fernando Rey, Delphyne Seyrig, Bulle Ogier, Stéphane Audran, Paul Frankeur, Julien Bertheau ■ ROTEIRO: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière ■ FOTOGRAFIA: Edmond Richard ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Serge Silberman ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Le Fantôme de la Liberté, França, 1974 ■ DIREÇÃO: Luis Buñuel ■ Com Jean-Claude Brialy, Monica Vitti, Adrianna Asti, Julien Bertheau, Adolfo Celi, Paul Frankeur ■ ROTEIRO: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière ■ FOTOGRAFIA: Edmond Richard ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Serge Silberman ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Cest Obscur Objet du Désir, França, 1978 ■ DIREÇÃO: Luis Buñuel ■ Com Fernando Rey, Carole Bouquet, Angela Molina, Julien Bertheau ■ ROTEIRO: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière, do romance *La Femme et le Pantin*, de Pierre Louys ■ FOTOGRAFIA: Edmond Richard ■ MONTAGEM: Helene Plemiannikov ■ DIREÇÃO DE ARTE: Pierre Guffoy ■ DURAÇÃO: 100 min. ■ PRODUÇÃO EXECUTIVA: Serge Silberman ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Olhar generoso e comovente sobre a Itália atual

ESTAMOS TODOS BEM

de Giuseppe Tornatore, com Marcello Mastroianni...

Batizado por seu diretor de road movie sobre a "derrota da nostalgia", *Estamos Todos Bem* consagra o siciliano Giuseppe Tornatore (que debutou com o curta *Il Carreto* e realizou o premiado *Cinema Paradiso*, Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e Prêmio Especial do Júri em Cannes; além de *Il Camorrista*, seu primeiro longa-metragem) como um dos principais revitalizadores do cinema italiano nos anos 90, num projeto ambicioso, filmado em 75 locações. Pela trama, acompanhamos a viagem de Mateo Scuro (Marcello Mastroianni), funcionário aposentado e sentimental, que decide visitar seus filhos Canio (Marino Cenna), Guglielmo (Roberto Nobile), Tosca (Valeria Cavali) e Norma (Norma Martelli), com o objetivo de reuni-los num almoço familiar.

Na caótica via-sacra do velho, uma dupla descoberta: ele não só não entende a vida dos filhos como também seu próprio país tornou-se estranho. De Nápoles a Milão ou Roma, Mateo, uma antiguidade ambulante, se vê jogado num mundo despersonalizante e sem diálogo, que aniquila a memória. Um mundo que perdeu a capacidade de olhar e narrar experiências. Ninguém quer saber das histórias que o velho gosta de contar (mostrando a foto dos filhos de nomes operísticos nos trens). Numa das melhores seqüências, Mateo diz que o telefone é "a voz sem corpo", como se o mundo tivesse parado. E as imagens do autobiográfico Tornatore realmente congelam!

Um dos filhos é um político demagogo e "moderno", que ensaia discursos para eleitores fictícios, pintados em papel. A filha tornou-se "atriz" de comerciais de lingerie. Outro filho é um músico insignificante de orquestra. Nada saiu como ele queria, mas não se trata apenas de "hiato" entre gerações. Mateo vive o sentimento de não pertencer mais ao mundo. Através de um velho solitário e deslocado (vivido por Mastroianni, ator com "a" maiúsculo, que em muitos momentos deu aula ao seu jovem diretor), Tornatore lança um olhar generoso e comovente (de "amor à última vista") sobre uma Itália íntegra (simbolizada pela arcaica Sicília), que afunda sob um "progresso" desintegrador e vazio.

Antonio Querino Neto

Mateo (Mastroianni) é um velhinho carismático e sentimental que viaja pela Itália e descobre que a vida à sua volta mudou demais

Fox

Stano Tutti Bene, Itália, 1990 ■ DIREÇÃO: Giuseppe Tornatore ■ Com Marcello Mastroianni, Michele Morgan, Marino Cenna, Roberto Nobile, Valeria Cavali ■ ROTEIRO: Giuseppe Tornatore ■ FOTOGRAFIA: Blasco Giurato ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ MONTAGEM: Mario Morra ■ DIREÇÃO DE ARTE: Andre Crisanti ■ DURAÇÃO: 120 min. ■ PRODUÇÃO: Angelo Rizzoli ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

O OURO DE ABRAÃO

com Hanna Schygulla

Karl Lechner (Günther-Maria Halmer) sempre foi amigo do velho Hunziger (Robert Dietl), mesmo sabendo que este havia sido guarda no campo de concentração de Auschwitz. Até mesmo o ajuda a chegar a Cracóvia (Polônia) para desenterrar o "Ouro de Abraão", os dentes de ouro que Hunziger arrancou dos judeus mortos. Karl ganha alguns destes como pagamento pela ajuda. Durante o filme, Karl descobre que, na verdade, é judeu. Devolve os dentes e imediatamente chama Hunziger de assassino.

São incongruências deste tipo que enfraquecem este drama político por vezes contundente, que traduz bem o vazio emocional do povo alemão pós-Segunda Guerra a partir do conflituoso relacionamento entre Hunziger, sua filha ex-*hippie*, revoltada e andarilha (Hanna Schygulla, como sempre atriz de carisma forte) e a filha que esta não conhecia (Daniela Schötz).

O simplismo crasso no tratamento da ferida nazista emociona, mas irrita por ser rancoroso e caricatural.

Christian Petermann

Abrahams Gold, Alemanha, 1990 ■ DIREÇÃO: Jörg Graser ■ Com Hanna Schygulla, Günter-Maria Halmer, Daniela Schötz, Robert Dietl, Maria Singer, Karl Friedrich ■ ROTEIRO: Jörg Graser ■ FOTOGRAFIA: Henning Stegmüller ■ MÚSICA: Bach, Vivaldi, Franck, Dvorak, Strauss ■ DIREÇÃO DE ARTE: Tobias Siemsen, Gerald Damovsky ■ MONTAGEM: Helga Borsche ■ DURAÇÃO: 98 min. ■ PRODUÇÃO: H. Rimbah e Hennings Stegmüller para a Avista Film, Filmverlag Der Autoren e Adanos Film ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Pandora

Karl (Halmer) e a ex-*hippie* (Hanna): caricatural

Apesar da simpática aparência, pai (Hackman) e filha (Mary) se defrontam no tribunal

Fox

JULGAMENTO FINAL

com Gene Hackman

O antagonismo entre pai e filha que se enfrentam profissionalmente em um tribunal já é, por si só, um tema rico. E ainda tem a seu favor o fascínio exercido pelos julgamentos. Mas o diretor inglês Michael Apted *(Nas Montanhas dos Gorilas, Mistério no Parque Gorky)* conseguiu desperdiçar toda a matéria-prima nesta produção de 17 milhões de dólares.

A única coisa que impressiona no filme são as cenas de julgamento, nas quais a competência do ator Gene Hackman se confunde com o brilhantismo da própria personagem Jedediah — famoso advogado de São Francisco, encarregado por seu cliente de processar uma indústria de automóveis. Quem defende a empresa é sua filha Margaret (Mary Elizabeth Mastrantonio).

Fora do tribunal, a narrativa perde consistência ao se deter na investigação do caso, desviando-se da questão pai e filha. As cenas familiares, que poderiam reforçar a trama, são enfraquecidas por clichês e por excesso de sentimentalismo.

Silvia Leite

Class Action, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Michael Apted ■ Com Gene Hackman, Mary Elizabeth Mastrantonio, Colin Friels, Joanna Merlin, Larry Fishburne, Donald Moffat ■ ROTEIRO: Carolyn Shelby, Christopher Ames e Samantha Shad ■ FOTOGRAFIA: Conrad L. Hall ■ MÚSICA: James Horner ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Todd Hallowell ■ MONTAGEM: Ian Crafford ■ DURAÇÃO: 105 min. ■ PRODUÇÃO: Ted Field, Scott Kroopf e Robert W. Cort ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Belas Artes

Sob o céu de Montreal, o pós-moderno Jesus, na verdade o ator de teatro Daniel (Lothaire), interpreta seu último ato

Adaptação moralizante dos ensinamentos cristãos

JESUS DE MONTREAL

de Denys Arcand, com Lothaire Bluteau...

Montreal, uma das cidades com melhor qualidade de vida do planeta, não é o paraíso! Ao menos segundo o diretor Denys Arcand, que acredita que o progresso social contemporâneo não corresponde a um aprimoramento ético.

Em *O Declínio do Império Americano*, seu filme anterior, o grau de integridade de uma civilização tem seus indicadores morais. As hipóteses levantadas por Arcand podem estar corretas, mas seu método de abordagem é estrita e estreitamente ideológico e, portanto, parcial. Apesar de verborrágico e pretensioso, tal filme é, sem dúvida, um retrato inteligente, embora dialético, do comportamento sexual atual.

Já em *Jesus de Montreal*, Arcand dá o exemplo maior de moralização de uma sociedade "perversa" como a nossa: o cristianismo! Ele quer ensinar o evangelho; ou seja, interiorizar a culpa e disseminar o ressentimento. O filme é a tentativa de adaptar à época contemporânea os ensinamentos cristãos, através de um grupo de teatro que pretende encenar a vida de Jesus a convite do pároco local. Estruturado como metáfora, Daniel (Lothaire Bluteau), como Jesus, e os demais atores, como apóstolos, acabam por viver como Cristo, enfrentando, inclusive, os mesmos obstáculos. Incompreendido, este Jesus/Daniel vai expurgar todos os "pecados" do mundo. Seu alvo preferido é o mundo publicitário (totem da sociedade de consumo), mas não faltam farpas à Igreja. Enfim, um show de ressentimento.

Sem a carga dramática de *A Última Tentação de Cristo*, de Scorsese, ou a perfeição poética de *Je Vous Salue Marie*, de Godard, *Jesus de Montreal*, embora bem produzido, soa anacrônico se comparado a *Jesus Cristo Superstar* e *Godspell*, que recorreram à mesma abordagem.

Paulo Masella

Jesus of Montreal, Canadá-França, 1989 ■ DIREÇÃO: Denys Arcand ■ Com Lothaire Bluteau, Catherine Wilkening, Johanne-Marie Tremblay, Remy Girard, Robert Lepage ■ ROTEIRO: Denys Arcand ■ FOTOGRAFIA: Guy Dufaux ■ MÚSICA: Yves Laferrière ■ MONTAGEM: Isabelle Dedieu ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: François Seguin ■ DURAÇÃO: 120 min. ■ PRODUÇÃO: Roger Frappier e Pierre Gendro para a Max Films Intl. (Canadá) e Gerard Mital Prods. (França) ■ DISTRIBUIÇÃO: Belas Artes

Woody Allen continua em busca do tempo perdido

SIMPLESMENTE ALICE

de Allen, com Mia Farrow, Joe Mantegna, Alec Baldwin...

Dos filmes de Woody Allen pode-se dizer que evoluem na tela à medida que o diretor amadurece na vida real. A nível temático porque, quanto mais ele "cai na real", mais despojados de qualquer glamour são seus filmes. Poderia ser pior. Pelo menos ele não continua sonhando em ser um personagem de *Casablanca*.

Profundamente narcisista e, portanto, autocontemplativo, Allen exorciza seus demônios mesmo quando retrata uma mulher cuja vida burguesa transformou-a num anacronismo dentro de uma cidade violenta como Nova York.

Simplesmente Alice, vigésimo filme escrito e dirigido por Allen, flagra a personagem central, interpretada por Mia Farrow, com sua consciência já amortecida pela segurança que um casamento sem questionamentos e uma vida abastada podem dar. A monotonia, algoz de toda felicidade aparente, desperta o desejo sexual de Alice por outro homem (Joe Mantegna). Não por acaso ele se parece com um antigo namorado dos tempos em que Alice era mais Alice. Daí a descobrir a desonestidade do marido infiel (William Hurt) e a sua própria (consigo mesma) basta um passo.

Simplesmente Alice é um filme menos interessante como obra isolada do que se analisado tendo-se em retrospecto a carreira do diretor. Não é um tratado feminista. Quanto ao tema, Paul Mazursky (*Uma Mulher Descasada*, 1978) e Martin Scorsese (*Alice Não Mora Mais Aqui*, 1975) já fizeram melhor.

Menos sombrio que *Crimes e Pecados* (1989) e *A Outra* (1988), é simplesmente uma boa comédia dramática em que Allen voltou a liberar mais o seu lado cômico. Sua personagem central, a exemplo de todos os alter-egos do diretor e ao contrário do que se poderia imaginar, não é uma perdedora, mas uma pessoa que encontra a si mesma. O que faz de *Simplesmente Alice* um filme, acima de tudo, coerente com a trajetória de Woody Allen.

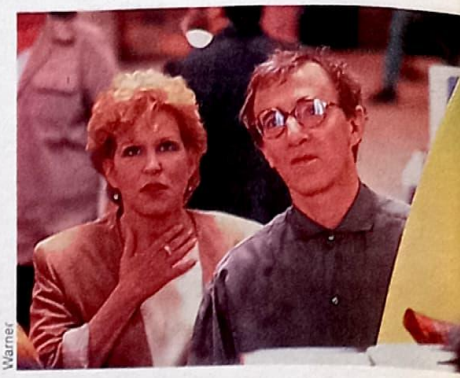
Maria Lúcia Fróes

Alice, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Woody Allen ■ Com Mia Farrow, Joe Mantegna, Alec Baldwin, Blythe Danner, Judy Davis, William Hurt ■ ROTEIRO: Woody Allen ■ FOTOGRAFIA: Carlo Di Palma ■ MONTAGEM: Susan E. Morse ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Santo Loquasto ■ DIREÇÃO DE ARTE: Speed Hopkins ■ DURAÇÃO: 106 min. ■ PRODUÇÃO: Jack Rollins e Charles H. Joffe para a Orion Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Columbia Tri-Star

Alice (Mia Farrow) é uma mulher à procura de si mesma, que rompe com a monotonia do casamento sem hastear a bandeira feminista

Deborah (Bette) e Nick (Allen) são um casal em crise confrontando diferenças no shopping



Warner

CENAS DE UM SHOPPING

de Paul Mazursky

Que bela idéia: partir de um clássico de Ingmar Bergman, *Cenas de um Casamento*, e transpor seu mergulho existencial e escandinavamente claustrofóbico para a ensolarada e tola superficialidade da Califórnia, um território que o diretor e escritor Paul Mazursky radiografou com tanta perspicácia em *Um Vagabundo na Alta Roda*. Além do mais, conta-se com dois dos melhores comediantes disponíveis no mercado — Woody Allen, que tem lá suas próprias idéias sobre casamento e Califórnia, e Bette Midler, a Dercy Gonçalves da América.

Por que, então, *Cenas de um Shopping* não funciona? Quando, pela milionésima vez, Bette e Woody brigam, ameaçam divorciar-se e reconciliam-se (enquanto Allen perde e acha, ciclicamente, a prancha de surfe que Bette lhe deu de presente, versão mazurskiana da simbologia de Bergman), o distinto público tem ânsias de rumar porta afora — se não do shopping, como os personagens jamais fazem, ao menos do cinema.

Ana Maria Bahiana

Scenes From a Mall, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Paul Mazursky ■ Com Bette Midler, Woody Allen, Bill Irwin, Daren Firestone, Rebecca Nickels ■ ROTEIRO: Roger L. Simon, Paul Mazursky ■ FOTOGRAFIA: Fred Murphy ■ MÚSICA E ADAPTAÇÕES: Marc Shaiman ■ MONTAGEM: Stuart Pappé ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Pato Guzman ■ DIREÇÃO DE ARTE: Steven J. Jordan ■ DURAÇÃO: 86 min. ■ PRODUÇÃO: Paul Mazursky para a Touchstone Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

FITAS USADAS

Uma das maiores distribuidoras de fitas usadas do Brasil.
Antes de comprar, consulte-nos de 2ª. a sábado,
das 9:00 às 23:00h.

"Locadora, o negócio do Futuro!"

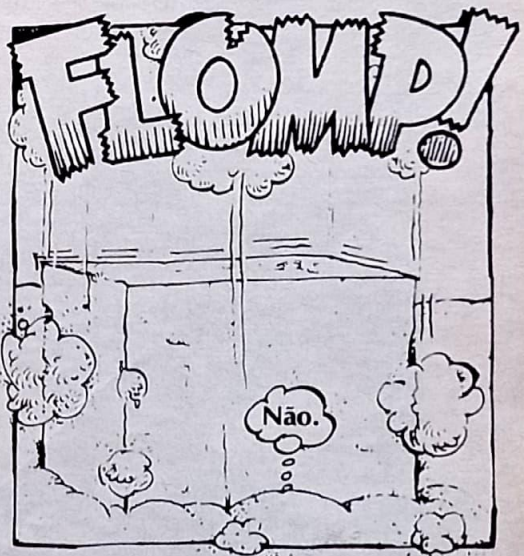
Splash Vídeo

Av. Zaki Narchi, 1732 - Telefax: (011) 950-3597 - Santana - São Paulo - S.P. - CEP 02029.
(a 300 m do Shopping Center Norte)

Remetemos p/ todo o Brasil

É um asno? Uma ameba? É o Conan depois da dengue?

© - 1991 - MARVEL ENTERTAINMENT GROUP INC.



Não! É algo mais ridículo ainda!
É o GROO! O bárbaro errante que nunca dá uma dentro, mesmo sem querer.
Ao ler as aventuras em quadrinhos da revista do Groo você vai estourar de tanto rir.

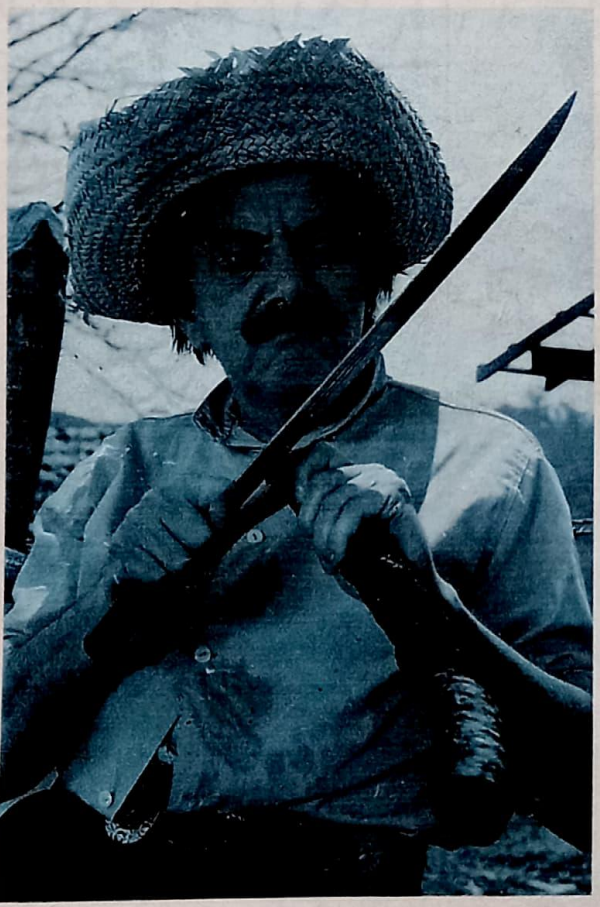
ABRIL JOVEM

Mensalmente nas bancas

MAZZAROPI

Era feio pra danar e nem ligava. Muito pelo contrário. O capiau Amácio era a cara do Brasil

Um paulista matuto e desajeitado construiu quase 30 anos de cinema nacional, personalizando justamente um Brasil que torce o nariz ao ver sua cara refletida no espelho: camisa xadrez rústica, calças remendadas no melhor estilo pula-brejo, botinas de cano curto e elástico, chapéu de palha e paletó apertado. Um país de sotaque irremediavelmente "jeca", de um "r" inconfundível; andrajoso, incapaz de compreender e falar sua língua oficial ou de vestir roupa de cidadão. Com seu pito e um sorriso sob o bigode ralo — que não se sabe se é de pura ingenuidade ou se forjado só para despertar dó —, o Jeca Tatu (personagem criado por Monteiro Lobato em 1919, cujos direitos foram adquiridos por Mazzaropi junto ao "Medicamento Fontoura") é um sertanejo honesto, respeitador e explorado. Um coitado. Simplório sentimental, que vive eternamente fugindo do batente e da briga.



PAM Filmes

No entanto, Amácio Mazzaropi (paulistano nascido em 1912 na rua Vittorino Carmillo, descendente de italianos e portugueses) nunca teve nada de coitado ou indolente. Muito pelo contrário: se ao encarnar o Jeca em 1959 ele já era um dos nomes de ouro da Vera Cruz, tornou-se pouco a pouco um milionário com a soma arrecadada de seus filmes, além de um produtor de tino comercial (espécime rara nestas plagas!), sempre reinvestindo no próprio cinema. Poucas vezes na história, os ingratos brasileiros se encontraram numa empatia com seu próprio cinema: talvez as chanchadas da Atlântida e as fitas de Mazzaropi tenham sido os maiores desses momentos.

Mas, antes de se firmar como o empresário prático e consciente do caráter industrial do cinema, que sempre soube o que o povo queria assistir, e de se tornar um diretor paródico (eficiente, mas sem estilo), Amácio batalhou muito. Começou imitando os irmãos Genésio e Sebastião Arruda (caipiras ancestrais dos anos 30), e revelou um dia com simplicidade: "Pra falar a verdade, comecei por brincadeira. Gostaram, bateram palmas. Gostei, fui continuando. É isso a minha profissão: sou caipira!" O homem que melhor sintetizou o Brasil rural nas telas deixou os pais aos 14 anos em Taubaté para trabalhar como ajudante do renomado faquir Ferris, que engolia vidro. Um dia, em 1940, Mazzaropi montou seu próprio grupo de teatro itinerante — o "Teatro de Emergência" — ao qual aderiram seus pais. Amácio brilhou como caipira no teatro, e viria a brilhar no rádio e na televisão.

Quando trabalhava no programa *Rancho Alegre* da TV Tupi, foi descoberto por Abílio Pereira de Almeida e o diretor Tom Payne, estrelando em *Sai da Frente*, na Vera Cruz, onde atuou também em *Nadando em Dinheiro* (única fita na qual encarna um milionário), *Candinho* e *O Gato da Madame*. Em 1958, montou seu próprio estúdio (a PAM-Produções Amácio Mazzaropi) numa fazenda de Taubaté, em que foi produtor, roteirista, diretor e ator em filmes como *Chofer de Praça*, *Zé do Periquito*, *No Paraíso das Solteironas*, *Um Caipira em Bariloche*, *O Jeca Macumbeiro* e tantos outros bem guardados na memória popular.

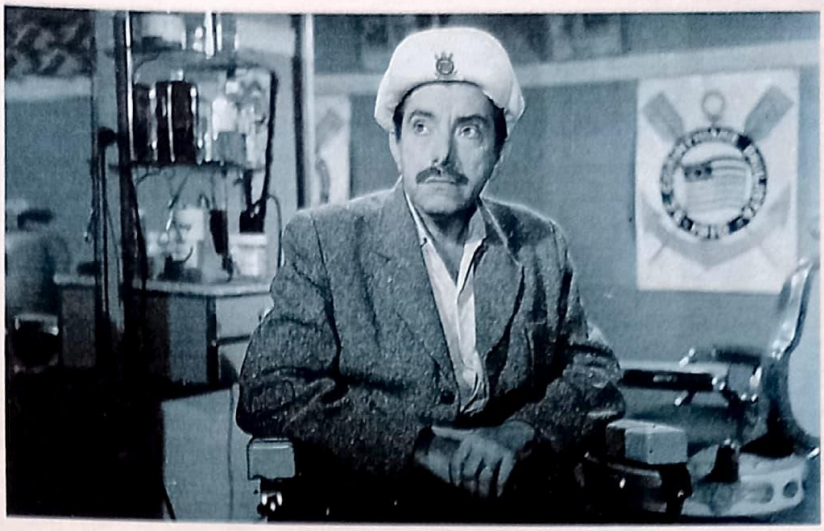
PÚBLICO FIEL — Em *Jeca e Seu Filho Preto* (no qual o capiau tem inexplicavelmente um filho bastardo e negro, que namora a fazendeira branca e rica), apesar do tom ingênuo, ele põe o dedo na ferida do mito do anti-racismo pátrio, mostrando que (como declarou) "brasileiro aceita casamento de preto, desde que seja com a filha de outro".

Amácio foi um factótum autoritário e centralizador, apesar de bom patrão. Engendrou um acervo invejável de mais de trinta obras muito bem-sucedidas, diante das quais exibidores de todo o Brasil fizeram longas filas. Seu fidelíssimo público, então, nem se fala!

Para não dizer que esse mito literalmente "pé no chão" cativou somente o povão, o professor e crítico Paulo Emílio Salles Gomes um dia proclamou, com toda a sapiência e brilho de um intelectual uspiano, rebaixando-se às verdades da roça: "Mazzaropi não aprofunda propriamente nada, mas os lugares-comuns se acumulam tanto que o terreno acaba cedendo e, como as ruínas descobertas ao acaso de desbarrancamentos, de repente desponta dessas fitas incríveis uma inesperada poesia. Isso em geral sucede quando ele

não está fazendo nada de especial, apenas olhando, andando ou pondo fumo no pito. O melhor dos seus filmes é simplesmente ele próprio".

Isso soa como uma espécie de tardio reconhecimento da "alta cultura" sobre aquele caboclo que nas telas refletiu somente a redundância, o lugar-comum, o senso comum e tudo aquilo que passa longe da invenção e ruptura da verdadeira arte. Fazendo um cinema de linha de montagem (produção em série de filmes parecidos, que se socorrem mutuamente), ele foi um prodígio em termos de comunicação popular, tanto quanto era evidente o primarismo das soluções cinematográficas utilizadas. Disse somente aquilo que a massa queria ouvir e só expressou (da piedade ao fatalismo e à subserviência) sentimentos imediatamente decodificáveis pela maioria dessa terra capiau.



Fábio Massimo

Mazzaropi corta o fumo para seu pito em *Um Caipira em Bariloche* (1972), na página oposta, e faz o tipo "gaviões da fiel", ao lado, em *O Corintiano* (1966). Abaixo, o *Jeca Tatu* (1959) trajado a caráter

Amácio (comparado à popularidade de um Cantinflas e um Carlitos) sempre soube que sua inspiração não era o sertanejo distante, obscuro e caricato quando disse que para encontrar o Jeca "é só ir na cidade de São Paulo, pro lado de Socorro, Santo Amaro..." Aquele tipo vulgar no sertão e na cidade grande, formado pela mixórdia sanguínea, "sem preparo"; bom chefe de família, apesar de "não ter tido escola". Filho único e solteiro, Mazzaropi faleceu em 1981, aos 69 anos, de câncer, deixando Péricles Moreira, seu filho adotivo. Seu derradeiro trabalho foi *O Jeca e a Égua Milagrosa*, ficando inacabado *O Jeca e a Maria Tomba Homem* — a despedida do eterno e mocorongo roceiro.

Antonio Querino Neto

MAZZAROPI EM VÍDEO

JECA TATU ★★★
(Brasil, 1959)
Direção: Milton Amaral. Com Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval. Globo Vídeo.
O personagem simplório e indolente, do qual Amácio nunca mais se desgrudaria, surgiu nesse filme da década de 50, em preto-e-branco. Nele, vemos o capiau paulista (como um Chaplin terceiro-mundista) às voltas com o desonesto e poderoso Giovanni, que quer abocanhar seu sítio, e o capataz Vaca Brava, que quer abocanhar sua filha. De quebra, lindas beldades de maiô e pop-stars no auge: Tony e Cely Campello, Lana Bittencourt e Agnaldo Rayol cantando para uma platéia de bois. Interesse folclórico.

MEU JAPÃO BRASILEIRO ★★
(Brasil, 1964)
Direção: Glauco Mirko Laurelli. Com Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Zilda Cardoso. Reserva.
O pândego Mazzaropi encarna o seu "Fufuca", o dono de uma pensão nipo-brasileira, que, revoltado com a exploração de seus conterrâneos arrozeiros, decide montar uma cooperativa. Ao lado de sua mulher, Magnólia, entra em confronto com o poderoso delegado Leão. Dessas atrapalhadas inter-raciais participam o comediante Adriano Stuart e a bela Célia Watanabe.

TRISTEZA DO JECA ★★
(Brasil, 1961)
Direção: Mazzaropi. Com Mazzaropi, Geny Prado, Genesio Arruda. Globo Vídeo.
O filme traz Mazzaropi na versão anos 60, já colorido, numa trama política. O pacato, bom pai de família e honesto caboclo é assediado por vários candidatos a uma prefeitura e, de um jeito oportunista, "dança conforme a música". E novamente sua bela filha é disputada avidamente. Quanto menos o pobre diabo quer saber de encrenca, mais ela aparece!

UMA PISTOLA PARA DJECA ★★
(Brasil, 1970)
Direção: Ary Fernandes. Com Mazzaropi, Geny Prado. Globo Vídeo.
Aqui, o caipira mais popular do cinema nacional parodia os western spaghetti em moda nos anos 70. Gumercindo (Mazzaropi) é empregado de um fazendeiro cujo filho seduziu sua filha Eulália. Num bangue-bangue à moda da casa, o corajoso herói desencadeia a vingança contra os arbitrários patrões, ao lado de outros fazendeiros. Esse "caipira movie" não é dos mais inspirados. *A.Q.N.*

PAM Filmes

VIVE LA DIFFÈRENCE

Os aparelhos de videocassete parecem sempre iguais. Mas todos têm uma pequena diferença e não é só no preço

CONTROLE REMOTO INOVADOR

A grande inovação do modelo HR-D671M, da JVC, é o controle remoto compatível com diversas marcas de televisores (Sony, Sharp, Toshiba, Emerson, Panasonic, Philco, entre outras) para as funções básicas, como troca de canais, volume, liga/desliga. Possui quatro cabeças de duplo azimute (ângulo em que estão posicionadas), que proporcionam melhor qualidade de imagem nas condições de efeitos especiais. Outro grande aliado do HR-D671M é o limpador automático de cabeças, que opera cada vez que se inserta ou se remove uma fita. É um aparelho importado e pode ser encontrado na faixa de 1 150 dólares*.

JVC

O JVC HR-D671M tem limpador automático de cabeças e controle remoto compatível com o aparelho de TV

Sanyo

Segurança: o Sanyo VHR-5400 só trabalha quando a umidade desaparece

RÁPIDO NO GATILHO

Com características básicas de um videocassete de quatro cabeças (também de duplo azimute), o Sanyo VHR-5400 tem duas diferenças de seus similares: um sensor interno de umidade (DEW), que inibe as funções até que o aparelho esteja completamente livre da condensação de água, e o sistema Quick Start. Neste sistema, o mecanismo de gravação e reprodução é acionado com mais rapidez do que os convencionais. Outra vantagem, pelo preço de Cr$ 180 mil*, é o contador de tempo real de fita, ideal para quem quer gravar e editar.

Philips

Philips VR 3320: *tracking* na mão

DUAS CABEÇAS DE VANTAGEM

Apesar de ser um modelo de duas cabeças, o Philips VR 3320 tem alguns adereços apetitosos, como busca rápida em três velocidades, gravação em duas, e programação para oito eventos em duas semanas. Seu controle remoto tem 32 funções, com tecla para *tracking*, seletor de velocidade e teclas para adicionar ou apagar um canal na memória. Simples, mas eficiente, o VR 3320 custa Cr$ 150 mil*.

** Os preços, fornecidos pelo fabricante, indicam a média do mercado durante a segunda quinzena de março e variam de acordo com o revendedor.*

FILMOGRAFIAS

MICHAEL J. FOX

Nasceu em 9 de junho de 1961, em Edmonton, Canadá.

UIP

1980: MIDNIGHT MADNESS (de David Wechter) ■ 1982: OS DONOS DO AMANHÃ (*Class of 1984*, de Mark L. Lester) ■ 1985: DE VOLTA PARA O FUTURO* (*Back to the Future*, de Robert Zemeckis); TEEN WOLF — O GAROTO DO FUTURO* (*Teen Wolf*, de Rod Daniel) ■ 1987: LUZ DA FAMA* (*Light of Day*, de Paul Schrader); O SEGREDO DO MEU SUCESSO* (*The Secret of My Success*, de Herbert Ross) ■ 1988: NOVA YORK, UMA CIDADE EM DELÍRIO (*Bright Lights, Big City*, de James Bridges); QUERIDA AMÉRICA, CARTAS DO VIETNÃ* (*Dear America: Letters from Vietnam*, de Bill Couturie, como narrador) ■ 1989: PECADOS DE GUERRA (*Casualties of War*, de Brian De Palma); DE VOLTA PARA O FUTURO — PARTE II* (*Back to the Future — Part II*, de Robert Zemeckis) ■ 1990: DE VOLTA PARA O FUTURO — PARTE III (*Back to the Future — Part III*, de Robert Zemeckis) ■ 1991: THE HARD WAY (de John Badham).

Episódios para TV — 1981: TRAPPER JOHN, M.D. ■ 1982: TEACHERS ONLY ■ 1983: LOVE BOAT ■ 1984: NIGHT COURT; LOU GRANT.

Séries para TV — 1980: PALMMERSTOWN, USA ■ 1983: CARAS E CARETAS (*Family Ties*); LEO AND ME.

Filmes para TV — 1979: LETTERS FROM FRANK (de Edward Parone) ■ 1983: HIGH SCHOOL USA (de Rod Amateau) ■ 1985: POISON IVY (de Larry Elikann); FAMILY TIES VACATION (de Will Mackenzie).

JAMES WOODS

Nasceu em 18 de abril de 1947, em Vernal, Utah, EUA.

1972: OS VISITANTES (*The Visitors*, de Elia Kazan); HICKEY AND BOGGS (de Robert Culp) ■ 1973: NOSSO AMOR DE ONTEM* (*The Way We Were*, de Sydney Pollack ■ 1974: O JOGADOR (*The Gambler*, de Karel Reisz) ■ 1975: DISTANCE (de Anthony Lover); UM LANCE NO ESCURO* (*Night Moves*, de Arthur Penn) ■ 1976: ALEX E A CIGANA (*Alex and the Gypsy*, de John Korty) ■ 1977: OS RAPAZES DO CORO (*The Choir Boys*, de Robert Aldrich) ■ 1979: ASSASSINATO A SANGUE-FRIO* (*The Onion Field*, de Harold Becker) ■ 1980: THE BLACK MARBLE (de Harold Becker) ■ 1981: TESTEMUNHA FATAL (*Eyewitness*, de Peter Yates) ■ 1982: FAST WALKING (de James B. Harris); VIDEODROME — A SÍNDROME DO VÍDEO* (*Videodrome*, de David Cronenberg); SEITA DE FANÁTICOS (*Split Image*, de Ted Kotcheff) ■ 1984: PAIXÕES VIOLENTAS* (*Against All Odds*, de Taylor Hackford); ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (*Once Upon a Time in America*, de Sergio Leone) ■ 1985: OLHOS DE GATO* (*Cat's Eye*, de Lewis Teague); JOSHUA THEN AND NOW (de Ted Kotcheff) ■ 1986: SALVADOR, O MARTÍRIO DE UM POVO* (*Salvador*, de Oliver Stone) ■ 1987: A MARCA DA CORRUPÇÃO* (*Best Seller*, de John Flynn) ■ UM POLICIAL ACIMA DA LEI* (*Cop*, de James B. Harris) ■ 1989: TENSÃO (*The Boost*, de Harold Becker); JUSTIÇA CORRUPTA (*True Believer*, de Joseph Ruben); QUASE UMA FAMÍLIA (*Immediate Family*, de Jonathan Kaplan) ■ 1991: THE HARD WAY (de John Badham).

Minissérie para TV — 1978: HOLOCAUSTO (*Holocaust*, de Marvin Chomski).

Filmes para TV — 1972: PASSOS (*Footsteps*, de Paul Wendkos); A GRANDE TRAGÉDIA AMERICANA (*The Great American Tragedy*, de J. Lee Thompson) ■ 1975: FOSTER AND LAURIE (de John Llewellyn Moxey) ■ 1976: F. SCOTT FITZGERALD IN HOLLYWOOD (de Anthony Page); O DESAPARECIMENTO DE AIMÉE (*The Disappearance of Aimée*, de Anthony Harvey) ■ 1978: GIFT OF LOVE (de Don Chaffey) ■ 1979: AND YOUR NAME IS JONAH (de Richard Michaels); A INCRÍVEL JORNADA DA DRA. MEG LAUREL (*The Incredible Journey of Doctor Meg Laurel*, de Guy Green) ■ 1985: O PRÊMIO DO ASSASSINO (*Badge of the Assassin*, de Mel Damski) ■ 1986: PROMISE (de Glen Jordan) ■ 1987: IN LOVE AND WAR (de Paul Aaron) ■ 1989: MY NAME IS BILL W. (de Daniel Petrie) ■ 1990: HOMENS E MULHERES: HISTÓRIAS DE SEDUÇÃO* (*Women & Men: Stories of Seduction* — episódio: *Hills Like White Elephants*, de Tony Richardson.

MAZZAROPI

Amácio Mazzaropi nasceu em 9 de abril de 1912, em São Paulo, Brasil. Faleceu em 13 de junho de 1981, em São Paulo, Brasil.

1951: SAI DA FRENTE (de Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne) ■ 1952: NADANDO EM DINHEIRO (de Abílio Pereira de Almeida e Carlos Thiré) ■ 1953: CANDINHO (de Abílio Pereira de Almeida) ■ 1955: A CARROCINHA (de Agostinho Martins Pereira); FUZILEIRO DO AMOR (de Eurides Ramos) ■ 1956: O GATO DA MADAME (de Agostinho Martins Pereira); O NOIVO DA GIRAFA (de Victor Lima) ■ 1957: CHICO FUMAÇA (de Victor Lima) ■ 1958: CHOFER DE PRAÇA (de Milton Amaral) ■ 1959: JECA TATU* (de Milton Amaral) ■ 1960: TRISTEZAS DO JECA (de Milton Amaral); AVENTURAS DE PEDRO MALAZARTES (de Mazzaropi) ■ 1961: ZÉ DO PERIQUITO (de Mazzaropi e Ismar Porto) ■ 1962: O VENDEDOR DE LINGUIÇA (de Glauko Mirko Laurelli) ■ 1963: CASINHA PEQUENINA (de Glauko Mirko Laurelli); O LAMPARINA (de Glauko Mirko Laurelli) ■ 1964: MEU JAPÃO BRASILEIRO* (de Glauko Mirko Laurelli) ■ 1965: O PURITANO DA RUA AUGUSTA (de Mazzaropi e John Doo) ■ 1966: O CORINTIANO* (de Milton Amaral) ■ 1967: O JECA E A FREIRA (de Mazzaropi) ■ 1968: NO PARAÍSO DAS SOLTEIRONAS (de Mazzaropi) ■ 1969: UMA PISTOLA PARA DJECA* (de Ary Fernandes) ■ 1970: BETÃO RONCA FERRO (de Geraldo Affonso Miranda) ■ 1972: UM CAIPIRA EM BARILOCHE* (de Mazzaropi e Pio Zamuner) ■ 1973: PORTUGAL... MINHA SAUDADE (de Mazzaropi e Pio Zamuner) ■ 1975: O GRANDE XERIFE (de Pio Zamuner); O JECA MACUMBEIRO (de Mazzaropi e Pio Zamuner) ■ 1977: JECÃO... UM FOFOQUEIRO NO CÉU (de Mazzaropi e Pio Zamuner) ■ 1978: JECA E SEU FILHO PRETO* (de Pio Zamuner e Berilo Faccio) ■ 1979: A BANDA DAS VELHAS VIRGENS* (de Mazzaropi e Pio Zamuner) ■ 1980: JECA E A ÉGUA MILAGROSA (de Mazzaropi e Pio Zamuner).

VAL KILMER

Nasceu em 31 de dezembro de 1959, em Los Angeles, EUA.

1984: TOP SECRET — SUPERCONFIDENCIAL* (*Top Secret*, de Jim Abrahams, David Zucker e Jerry Zucker) ■ 1985: ACADEMIA DE GÊNIOS* (*Real Genius*, de Martha Coolidge) ■ 1986: ASES INDOMÁVEIS* (*Top Gun*, de Tony Scott) ■ 1988: WILLOW — NA TERRA DA MAGIA* (*Willow*, de Ron Howard) ■ 1989: KILL ME AGAIN (de John Dahl) ■ 1991: THE DOORS (de Oliver Stone).

Filmes para TV — 1986: ASSASSINATOS NA RUA MORGUE* (*The Murders in the Rue Morgue*, de Jeannot Szwarc) ■ 1987: 1000 ELOS — O PREÇO DA LIBERDADE* (*The Man Who Broke the 1,000 Chains*, de Daniel Mann) ■ 1989: GORE VIDAL'S BILLY THE KID (de William A. Graham).

* Disponível em vídeo.

CARTAS

"Oh, Yeaah...", Nota 10

Finalmente SET se livrou de seu (aparente) preconceito para com os vídeos pornôs e presenteou seus leitores com a magnífica reportagem "Oh, Yeaah...". O resultado é uma matéria em que acerta as afirmações sobre o universo e hábito de alugar fitas pornô. A reportagem merece nota 10, mas acho que SET poderia ter dado crédito ao(s) autor(es) do belo trabalho.
Dorvalino dos Anjos
(Rio de Janeiro — RJ)

Cumprimento SET pela ótima matéria intitulada "Oh, Yeaah...", assunto nunca antes explorado — o de filmes pornográficos. Como as fontes de pesquisa desse gênero são escassas, espero que SET continue dando informações, principalmente das atrizes desses filmes.
João Michel Alvarez
(Barretos — SP)

Gostei muito da reportagem sobre o mercado de vídeos eróticos (n.º 3, ano 5), em especial a foto do casal Pappilon e Kasha da série *Hawaii Vice*.
Arlete Figueiredo
(São Paulo — SP)

SET anda desatualizada em questão de gosto: vídeo pornô não foi feito só para homem. Mas é o que ficou parecendo, segundo a matéria na edição n.º 3 (ano 5), já que só publicaram fotos de mulheres nuas. Já assisti a filmes eróticos e pelo que pude observar havia homens também. Cadê eles? SET os omitiu completamente.
Liane
(Santa Maria — RS)

SET Passa no Teste

Parabenizo esta conceituada revista e destaco excelentes reportagens publicadas por SET. A Matéria de Capa com o filme *O Poderoso Chefão III* (n.º 2, ano 5) tem uma crítica muito bem detalhada e elaborada. Outra matéria que vale a pena citar é o perfil do ator Andy Garcia, na mesma edição. A seção Takes está o máximo e venho notando que tem melhorado a cada mês. Isso é muito bom para nós leitores. A atenção que SET dispensa aos leitores em sua seção Cartas é reconfortante, pois as cartas são sinceras e exprimem as opiniões de quem convive mensalmente com SET.
Patrícia Melo Ferreira
(Paulista — PE)

A Indelével Saga dos Poderosos

Parabenizo SET pela excelente reportagem sobre a saga de *O Poderoso Chefão* (n.º 2, ano 5).
Júlio César Rodrigues
(Alvorada — RS)

Pintou Bem na Seção Takes

O teste "O que Pinta nas Bocas", publicado na seção Takes (n.º 2, ano 5), conseguiu pintar nos saudosistas como eu. Que tal publicar, agora, como acontecia nos idos de 60: olhos, bocas e narizes de beldades!
José Renivaldo Rufino
(Recife — PE)

Gosto muito de SET, principalmente da seção Takes e dos testes.
Jaqueline Sarmento de Lima
(Porto Alegre — RS)

Matéria do Oscar Pouco Democrática

Fiquei superfeliz quando me deparei com um exemplar de SET, cujo destaque da edição era a festa do Oscar 91. No entanto, minha alegria durou pouco. Ao ler a Matéria de Capa (n.º 3, ano 5) fiquei totalmente decepcionado, pois nunca havia visto algo tão incompleto. Sempre tive as melhores referências sobre Ana Maria Bahiana (autora da dita matéria), mas desta vez ela foi infeliz. A matéria peca pelas omissões, como *Dick Tracy*, *Ghost* e, também esquecido pela Academia, *Avalon*. Pelo teor, a matéria não precisaria ser tão extensa, já que poderia ter sido resumida em uma página.
Luciano da Silva
(Cabo — PE)

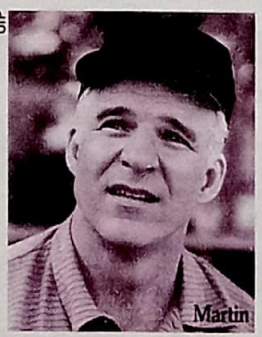
Parabenizo Ana Maria Bahiana pela ótima matéria sobre a entrega do Oscar 91 (n.º 3, ano 5). Na mesma edição, José Emílio Rondeau caprichou em sua crítica a *Cyrano de Bergerac*.
Renato Gonçalves Pavan
(Barretos — SP)

Adorei a edição n.º 3 (ano 5) de SET pela ótima cobertura sobre a festa do Oscar 91 e também a entrevista com o diretor Francis Ford Coppola.
Rogério Márcio Ribeiro
(Comendador Levy Gasparian — RJ)

Gostei muito da edição n.º 3 (ano 5), a qual destaca os favoritos para o Oscar 91. Estou torcendo para Andy Garcia, Whoopi Goldberg e Kevin Costner, meus ídolos.
Aparecida Valéria Glória
(São Paulo — SP)

SET Recende a Mau Humor

Na edição n.º 2 (ano 5) de SET, o crítico Carlos Volpato chama Steve Martin de "risonho pé-frio" e Rick Moranis de "um dos atores mais sem graça do momento", em seu artigo sobre o filme *Meu Pequeno Paraíso*. Ele deve ser o único a ter essa opinião. Por isso sugiro menos sensacionalismo e mau humor e mais reflexão nas páginas de SET.
Alexandre Negrão Paladini
(São Paulo — SP)


UIP
Martin

Chata de se Ler, Boa de se Ver

Sem deixar de realçar a contribuição dada por SET aos cinéfilos do país, não posso deixar de comentar que, a cada número, a revista está se tornando mais gostosa de se ver e mais chata de se ler. É uma pena, pois fotos tão bem produzidas mereciam textos de nível melhor. Sobra cor e falta teor.
Ana Lúcia Silva Enne
(Niterói — RJ)

Fichas de Cine & Vídeo, Alfabeto Incompleto

Sou leitor de SET desde seu primeiro número e colecionador das fichas de cine & vídeo — em rigorosa ordem alfabética. Já estamos no número 44, totalizando 352 fichas, e não há uma sequer iniciando com as consoantes x e y. Sei que são raros os filmes cujos títulos iniciem com estas letras, inclusive em vídeo, mas e *Xica da Silva* e *Yerma*? Que tal completar o alfabeto?
Pedro Paulo C. Mello
(São Paulo — SP)

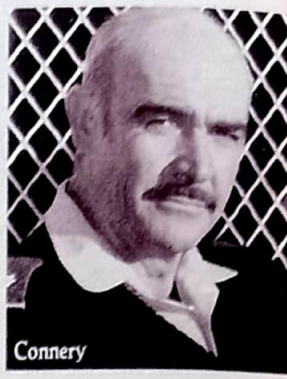
Cinema ou Vídeo — A Polêmica Continua

Dou meu apoio ao leitor Dino Sudbrack (n.º 2, ano 5), pois acho que SET deveria dar mais espaço ao cinema em suas páginas, sem deixar de falar, é claro, de vídeo.
Gustavo Alexandre dos Santos
(Rio de Janeiro — RJ)

Achei injusta a reclamação feita pelo leitor Dino Sudbrack na seção Cartas (n.º 2, ano 5), dizendo que SET não desempenha bem nem a função de revista de cinema nem de vídeo. Pelo contrário, SET sabe conciliar perfeitamente bem os dois assuntos.
Rogério Luiz A. dos Santos
(Brasília — DF)

Atraídos por Nomes Famosos

Na seção Cartas de SET n.º 2 (ano 5), Otoniel Santiago Neves discorda de que a presença de um ator ou atriz vale a fita, referindo-se ao comentário da edição n.º 10 (ano 4). Afinal, pergunto, Schwarzenegger, Stallone, Van Damme ou o superastro Sean Connery não são motivos para que as salas de cinema lotem ou a fita seja incluída nas paradas dos Mais Alugados do Mês? Para 95% do público brasileiro, o que atrai são os atores e não a qualidade. Por isso, afirmo que a simples presença de um nome famoso no elenco já vale a fita.
Miquéias Vieira Lemes
(Pindamonhangaba — SP)


Connery

Fãs-clubes

Força Bruta & Cia. Procuramos material sobre Schwarzenegger, Stallone, Van Damme, Dolph Lundgren, Lou Ferrigno e Bruce Lee. Endereço: rua Severino Vieira n.º 852, Acajutiba — BA (CEP 48360)
Marcelo Pereira de Brito

Cinema New. Endereço: rua Brasília n.º 284, Guarujá — SP (CEP 11450)
Eduardo Ricci

Cine Music Fan Club. Endereço: rua Dr. Hélio Viana n.º 318, Fortaleza — CE (CEP 60320)
Antonio Augusto

Fã-clube Jerry Lewis. Estamos vendendo biografia do ator, com mais de 100 fotos e 30 posters originais. Endereço: rua Mimi Allemagna n.º 312, Jaboticabal — SP (CEP 14870)
Luiz Carlos Cascaldi

Correio entre os Leitores

Procuro cartaz de *Mad Max III*. Endereço: rua Herculano Brito n.º 55, Aguaí — SP (CEP 13860)
Edval Turner

Compro ou troco qualquer material referente ao cantor e ator David Bowie. Endereço: Caixa Postal 814, Poços de Caldas — MG (CEP 37700)
Pauline Marie

Compro a trilha sonora do filme *Highlander*. Endereço:

rua Catarina Lopes n.º 142, São Paulo — SP (CEP 08220)
Enio Roberto Leal

Compro reportagens e fotos, em bom estado, das atrizes Debra Winger, Elisabeth Shue e Sean Young. Endereço: Caixa Postal 514, Santa Maria — RS (CEP 97001)
Mário Iguchi

Compro o cartaz de *Ghost — Do Outro Lado da Vida*. Endereço: avenida dr. Antônio Rodrigues Teixeira n.º 1550, Ponta Grossa — PR (CEP 84015)
Ana Cláudia Dobruski

Compro ou troco matérias de vários artistas por outras nacionais e importadas da cantora e atriz Madonna. Endereço: rua Campos Salles n.º 224, Itapira — SP (CEP 13970)
Antônio Marcos Cintra

Compro qualquer material sobre Jean-Claude Van Damme. Endereço: Estrada Manuel Urbano n.º 27, SHAM, Manacapuru — AM (CEP 69400)
Kedma Cristine Yamamoto

Compro as edições de SET n.ºs 1 a 26, 28, 33, 34 e 37 e as edições especiais TERROR E FICÇÃO completas. Endereço: rua Santos Dumont n.º 78, São Luís — MA (CEP 65025)
Cloves Gonçalves Júnior

Quero entrar em contato com algum fã-clube da trilogia *Guerra nas Estrelas*. Endereço: rua Cedro n.º 1262, P. 56, Alvorada — RS (CEP 94800)
Júlio César Rodrigues

Vendo vários artigos e fotos de Madonna, Tom Cruise, Mel Gibson, Van Damme e Patrick Swayze. Endereço: rua 241, quadra 84, casa 40, setor 2, Cuiabá — MT (CEP 78100)
Patrícia Pereira

Gostaríamos de nos corresponder com amantes de cinema. Endereço: Caixa Postal 548, Maceió — AL (CEP 57000)
Sílvia Mergulhão e Antônio Paulino

Sou fã exagerada de Michelle Pfeiffer, Jeff Bridges, Mel Gibson e Al Pacino e quero me corresponder com pessoas que compartilham desta simpatia. Endereço: rua 9 n.º 940, ap. 802, Setor Oeste, Goiânia — GO (CEP 74000)
Cláudia Helene Vaintof

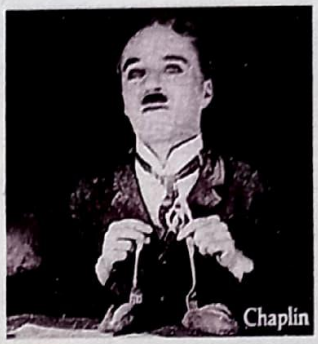
Procuro alguém que possa dar informações sobre as trilhas dos filmes *Instinto Fatal* e *O Fantasma da Ópera*. Endereço: avenida Conselheiro Furtado n.º 1651, Belém — PA (66000)
Marcelo Silva

Troco farto material de cinema, principalmente japonês, por qualquer coisa sobre *Perdidos no Espaço*. Endereço: rua Barão do Amazonas n.º 2384, Porto Alegre — RS (CEP 90630)
Eduardo de Souza Simões

Compro reportagens e o poster do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, avenida Getúlio Vargas n.º 361, ap. 101, Manaus — AM (CEP 69013)
Kellen Cristine Gonçalves

Compro cartazes de filmes com Tom Cruise, Rob Lowe, Schwarzenegger e Mel Gibson. Endereço: rua E, casa 63, Conselheiro Eldorado, P. 10, Manaus — AM (CEP 69050)
Andrezza Carla da Silva

Compro fotos, reportagens e posters de filmes de vários artistas, como Chaplin, Lucille Ball, Jerry Lewis. Endereço: rua Hum n.º 23 892, Praia Grande — SP (CEP 11700)
Sulinha Representações



Compro gravação das trilhas sonoras de *Ruas de Fogo* e *De Volta para o Futuro*. Endereço: rua João Vieira de Aquino n.º 256, Conjunto Leite Neto, Aracaju — SE (CEP 49020)
Luiz Cláudio Campos

Quero me corresponder com fãs de Kim Basinger, Michelle Pfeiffer, Tom Hanks e James Belushi. Endereço: rua 15 n.º 663, Primeiro de Maio — PR (CEP 86140)
Carlos Adriano Bondezan

Troco fotos, posters, reportagens de vários atores pelo livro de ouro de Sylvester Stallone. Endereço: rua Monsenhor Vicente Martins n.º 1158, Fortaleza — CE (CEP 60520)
Maria Gislaine Gomes

Compro exemplares de SET n.ºs 1 a 7, 11 e 12 e os de 1 a 4 do ano 2, com ou sem as respectivas fichas. Endereço: rua José Vicente n.º 82, ap. 201, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20540)
Maria Angélica Guimarães

Vendo livros biográficos de vários artistas americanos. Endereço: rua do Rezende n.º 103, ap. 202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20231)
José Fernandes de Campos

Cartas para: *Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo — SP.* Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson Pedro Gomes
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Coordenação de Produção: Marcelo de Castro
Atendimento ao Leitor: Ana Lucia Romanin
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Alex Antunes, Amir Labaki, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Alves Cruz, Celso Pucci, Christian Petermann, Fátima Gigliotti, Helena Salem, Marcelo Bernardes, Maria Lúcia Fróes, Moisés Liporage, Paulo Masella, Ricardo Cota, Sylvia Leite, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Carlos Mancini, Rui Mendes. **Ilustração:** J. Tomás. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor RJ: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Ana Maria S. T. Lobo, José Estevão Favaro, Márcia Leticia L. L. Amaral
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica: Supervisora: Nancy Szima
Coordenador: José Soares A. Santos

Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: André Felipe D'Amato
Assistente: Patrícia Grancini

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax: (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Fax: (021) 275-9347. Telegramas: Editabril/Abril - press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: de 09 de maio a 13 de junho. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jd. Teresa, CEP 06000, Osasco, SP, Telex (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Repro S.A. Estúdio Gráfico
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA & VÍDEO

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.

Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.

Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

SET- 47

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel. _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abril-press

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

SP2: Intermídia LTDA.: av. Presidente Vargas, 1033, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020. Fone: (016) 623-4262/623-4291

Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720/801, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

por Olga Del Volga

A NOVIÇA REBELDE

(The Sound of Music, 1965)

Primeira Parte

Embora eu não tenha nascido à sombra da esfinge feito a Theda Bara, o cinema sempre jogou um papel muito importante na minha vida. Não por ter ficado assistindo sentadinha no escuro feito muito cinéfilo, mas foram as minhas pontinhas nos épicos russos da época que ajudaram pagar a minha conta na "Quitanda do Povo" naqueles anos de vacas magras. Quem prestar muita atenção em, por exemplo, *Alexander Nevsky*, pode me ver direitinho na cena da procissão do deserto, segurando uma vela e trajando um modelinho folclórico medonho, que a figurinista não era lá aquelas coisas.

Desafortunadamente, todos os meus veículos como estrelinha exótica da UFA foram destruídos num incêndio fatal após a guerra. E com a chegada do neo-realismo e a minha conseqüente recusa em aparecer nas telas despenteada e com a alça da combinação aparecendo, lá se foi a minha chance de ficar na história como a única atriz a ter conseguido agradar em quase todos os gêneros.

É por isso que escolher apenas um filme favorito dentre todos os que eu já fiz fica difícil. Ainda mais quando me lembro que o cachê em todos foi sempre miserável. E lista de "filmes favoritos", todo mundo já sabe até de cor. É *Sete Samurais* para cá e *Cidadão Kane* para lá, que não acaba mais. Não que eu tenha nada contra esses dois, mas samurai, vocês sabem, só mesmo juntando sete para dar alguma coisa de passável, e olhe lá. E do *Cidadão Kane* só me lembro do figurino de Susan Alexander na ópera, fazendo "Salammbo", cheio de plumas e cascatas de pérolas, uma beleza.

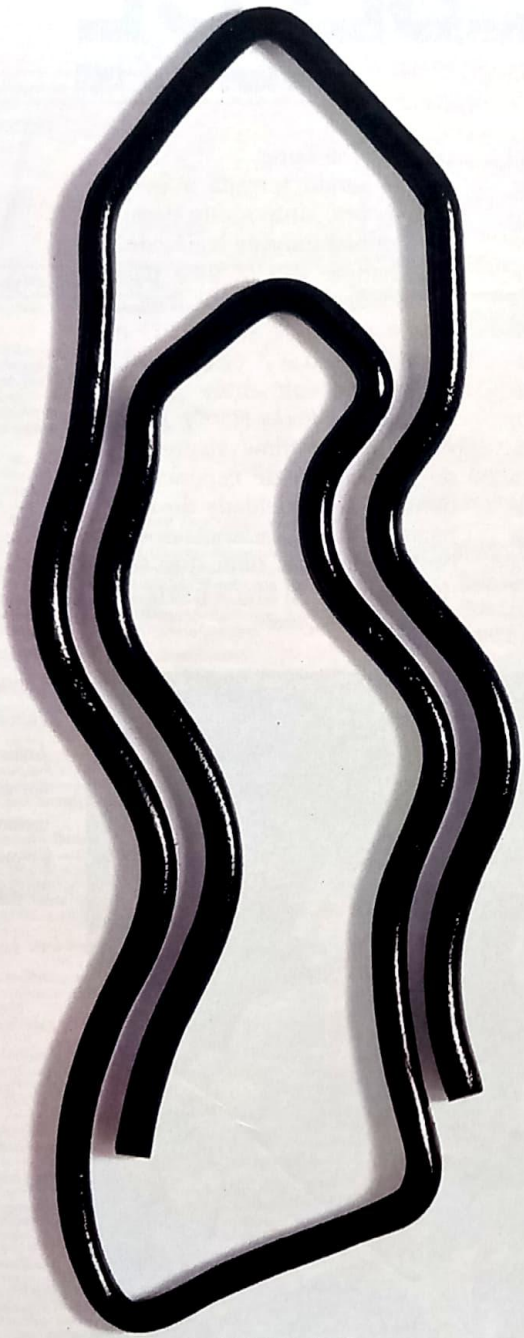
Potemkim, *Terra em Transe*, *Acossado*, não passam de um monte de baboseiras para intelectual ver. Os chamados "filmes-cabeça" são, geralmente, filmes sem pé nem cabeça, e como as pessoas não entenderam nada direito ficam fazendo os comentários mais absurdos, apenas para disfarçar. De *O Ano Passado em Mariembad*, tenho certeza, todo mundo se lembra do jogo do palito; agora, me explique a história direito... Estão vendo? Eu posso ser russa, mas sou honesta. Prefiro mil vezes ver Scarlett O'Hara fazendo vestido de cortina velha do que escutar Jean-Pierre Léaud lendo trechos do livro vermelho de Mao Tsé Tung.

Mas sendo forçada a escolher apenas um, sinto muito desapontar a minha enorme legião de fãs, que sempre espera uma palavra de luz desta que aqui lhes fala, mas a escolha é singela. O meu filme favorito é *A Noviça Rebelde*, que já era cult antes de muito vampiro do *Rocky Horror Show* ter nascido. Um filme alegre, cheio de mensagens de esperança, de denúncias à crueldade do regime nazista, onde cada cena é um canto à família, nem que seja a dos outros, que Maria é órfã.

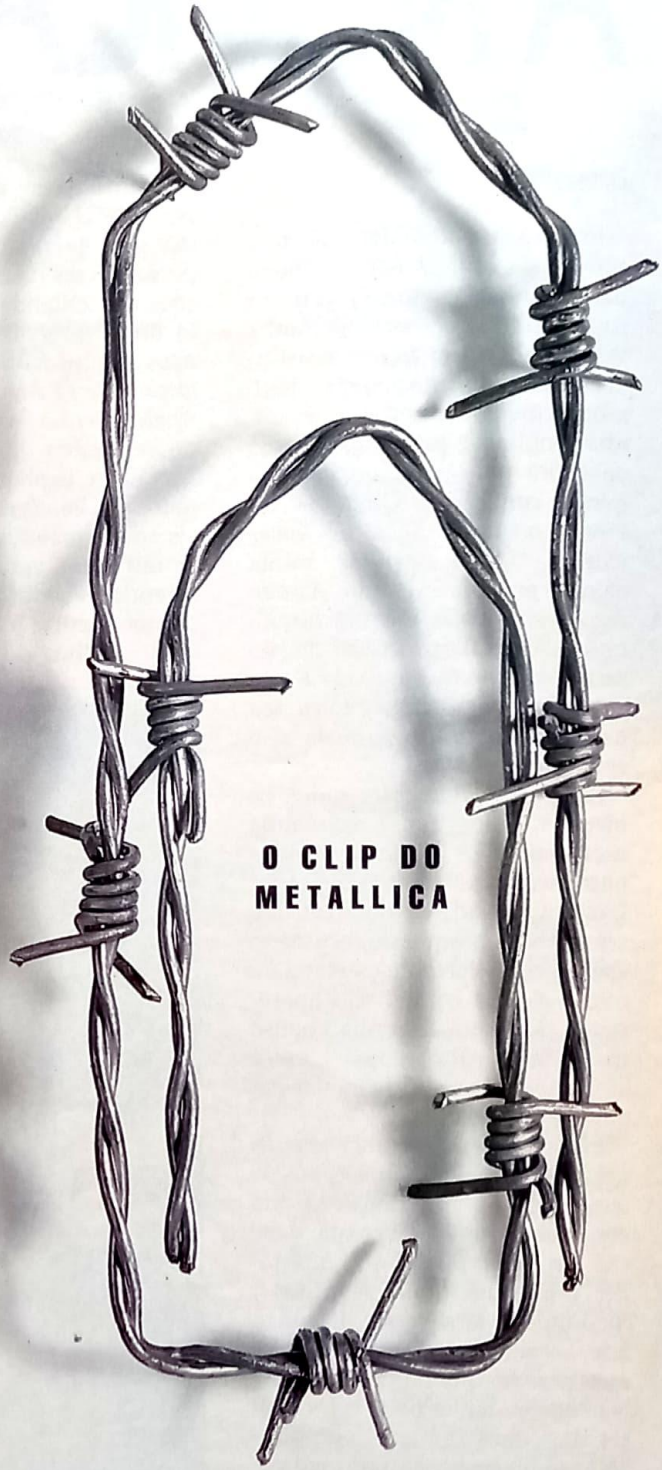
(continua na próxima edição)

Fox

Christopher Plummer e Julie Andrews à frente dos simpáticos cantantes: a singela e pioneira família dó-ré-mi



O CLIP DO
MC HAMMER



O CLIP DO
METALLICA

Sua favorite music das 11 às 3 da manhã. SP Canal 32 UHF. Rio

Chame

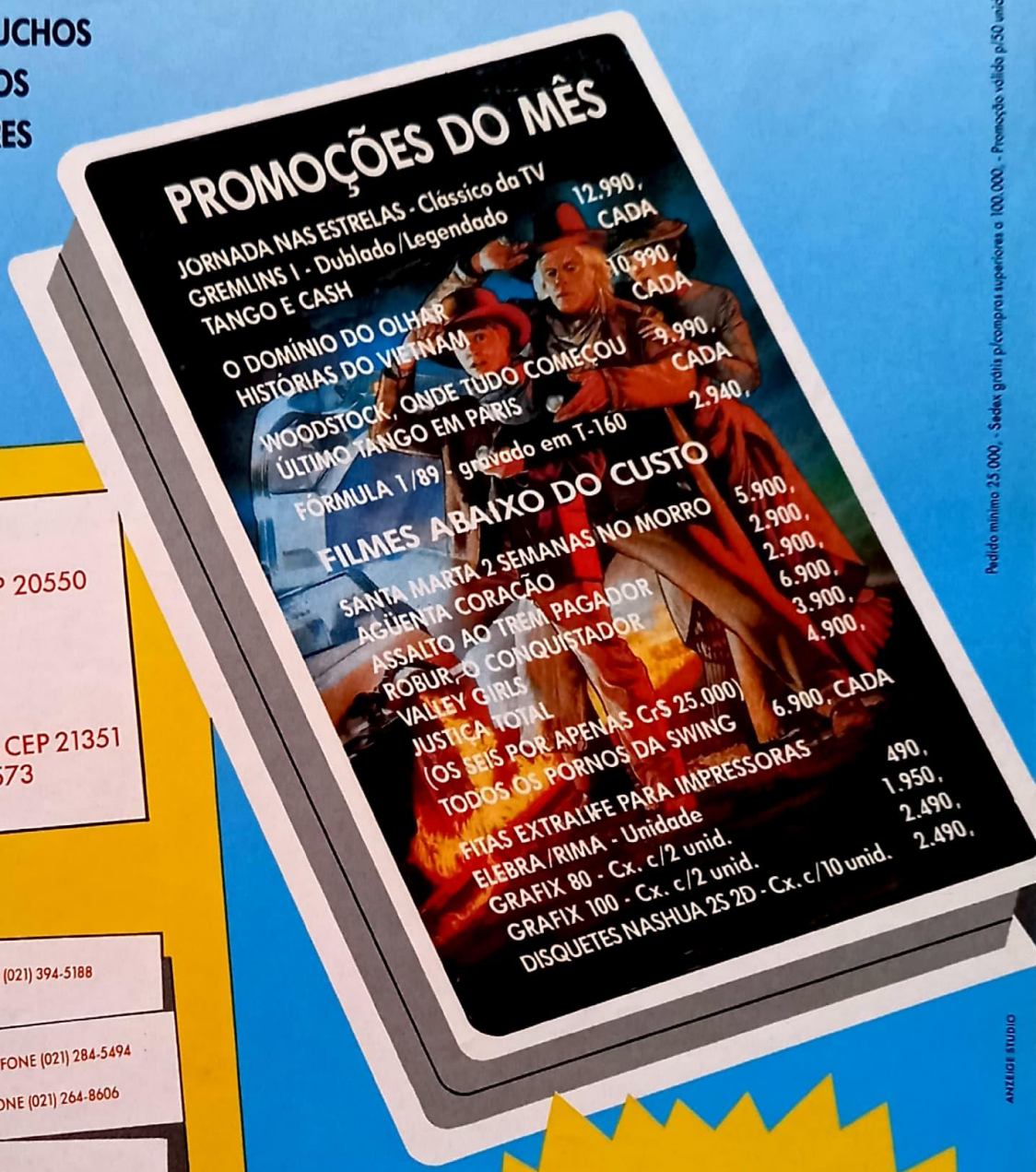
shopping VIDEO

PABX
(021) 390-7100
DDG
(021) 800-9102
FAX
(021) 359-7631

- ATENDIMENTO 24 HORAS
- ENTREGAMOS EM TODO O BRASIL COM SEDEX GRÁTIS
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO PELO TELEFONE

O PRIMEIRO SUPERMERCADO DE FITAS E ACESSÓRIOS PARA LOCADORAS
AGORA COM GRANDE VARIEDADE DE CARTUCHOS NINTENDO

- VIDEOGAMES - CARTUCHOS
- PISTOLAS - ACESSÓRIOS
- ESTOJOS - EXPOSITORES



Pedido mínimo 25.000,- Sedex grátis p/compras superiores a 100.000,- Promoção válida p/50 unidades cada produto

PRONTA-ENTREGA RIO I
R. São Francisco Xavier, 378-A
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20550
PABX (021) 284-1622/9500
FAX (021) 264-2698

PRONTA-ENTREGA RIO II
Estr. do Portela, 99 - 310
Madureira - Rio de Janeiro - RJ - CEP 21351
Fones: (021) 350-4966/390-2573
FAX (021) 359-7631

CAMPO GRANDE
R. CEL AGOSTINHO, 142 Lj. 5 - CENTRO - RJ - FONE (021) 394-5188

QUINTINO
R. AMÁLIA, 8 - RIO - RJ - FONE (021) 289-0861

VILA ISABEL
AV. 28 DE SETEMBRO, 44 SALA 206 - RIO - RJ - FONE (021) 284-5494

TIJUCA
R. BARÃO DE MESQUITA, 195 - B - RIO - RJ - FONE (021) 264-8606

RIO COMPRIDO
R. DO BISPO, 83 - RIO - RJ - FONE (021) 293-9786

RIO DAS OSTRAS
R. RÊGO BARROS, 217 - CENTRO - RJ

CAMPOS
R. JOAQUIM NABUCO, 77 - CENTRO - RJ - FONE (0247) 23-7274

MACAÉ I
R. TÉLIO BARRETO, 32 - CENTRO - RJ - FONE (0247) 62-5522

MACAÉ II
R. SILVA JARDIM, 316 Lj. 1 - CENTRO - RJ - FONE (0247) 62-5522

MACAÉ III
RUA SEIS, 83 - PARQUE AEROPORTO - RJ - FONE (0247) 62-2670

T-120 Fuji
IMPORTADA
Cr$ 1.890,
DESCONTOS ESPECIAIS
PARA QUANTIDADE

ANZELIGE STUDIO

SUA LOCADORA EM 24 HORAS

Procure quem mais entende de vídeo.

Na Vídeo Leste você encontra tudo que é necessário para montar a sua locadora:

- **Estantes, displays, expositores, estojos, acessórios em geral.**
- **Grande variedade de títulos de fitas seladas com os últimos lançamentos de todas as produtoras.**
- **Serviço de abertura da sua vídeo locadora junto aos órgãos competentes.**

VIDEO LESTE

- **Todos os impressos necessários.**
- **Pronta entrega para todo o Brasil, via Sedex.**
- **Condições especiais de pagamento tanto no atacado como varejo.**
- **Atendimento VIP, com profissionais altamente especializados na área.**

Vídeo Leste, o segredo do seu sucesso.

MATRIZ
Rua 24 de Maio, 77 - 14 º andar - CEP 01041
Pabx: (011) 222-9166 - FAX: (011) 220-7462
TELEX: 25395

BELO HORIZONTE
Av. do Contorno, 8000 - Conj. 1302/03/04 - Bairro Gutierres - CEP 31120 - TEL.: (031) 291-4763

CRICIÚMA
Rua João Pessoa, 45 - Sala 207 - CEP 88800
TEL.: (0484) 33-7142

FILIAIS

MARINGÁ
Av. Parigot de Souza, 198 - Conj. 02 - CEP. 87013
TEL.: (0442) 24-8206

VARGINHA
Av. Coronel José Alves, 361 - Conj. 301 - Vila Pinto - CEP 37100 - TEL.: (035) 221-1641

SÃO VICENTE
Rua Frei Gaspar, 739 - Conj. 101 - CEP 11310
TEL.: (0132) 68-1443